

Diário de Lisboa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Washington pretende acelerar na O. N. U. a preparação de um amplo acordo para a solução definitiva da crise do Suez

WASHINGTON, 19.—O regresso de Dag Hammarskjöld a Nova York e a comunicação que fará sobre o resultado das suas negociações no Cairo vão permitir que o Governo americano defina claramente a sua atitude quanto à ins-

talação e à missão da força de polícia internacional no Médio Oriente.

Com efeito, desde a criação daquela força, o Governo de Washington absteve-se de dar, publicamente, a mais pequena indicação da

sua maneira de pensar sobre este aspecto do problema. Segundo os meios informados, parece, entretanto, que o Governo dos Estados Unidos faz votos por que Hammarskjöld disponha de poderes mais latos, se a sua missão no Cairo tiver permitido verificar um abrandamento da atitude do Egipto.

A primeira tarefa do secretário-geral da O. N. U., ante a extrema

(Continua na página central)

Viena não acredita na hipótese de uma invasão soviética no território austríaco

VIENA, 19 — Trouxe-me um telefonema urgente ao silêncio do meu quarto de hotel a notícia atordoante da entrada de vinte divisões soviéticas na Hungria. A minha primeira reacção foi a de correr ao Hotel de France, onde muitos jornalistas de todos os cantos do Mundo — os «grandes águias» de todos os jornais — fazem o seu clube, jogando, entre duas gotadas de «whisky», as notícias falsas das verdadeiras fantasias... e fabricando porventura outras.

Viena de Austria, onde pulsa o coração da Europa Central, encruzilhada dos caminhos deste atormentado pedaço do Mundo, é hoje, devido ao desenrolar dos acontecimentos, o cérebro de onde partem para todas as capitais as informações que mais interessam nesta hora decisiva, amarga e transcendente que travessamos.

Nas conversas do bar do Hotel de France não há a frivolidade de um clube. Estes homens de roupas amarradas, de rostos precocemente vincados, constituem uma elite: a vanguarda da Imprensa, que nos últimos quinze anos tem informado o Mundo das guerras, revoluções e agitações de vária ordem que desde então o vêm conturbando. São homens de diferentes ideologias. Nas suas palavras, porém, uma coisa se sente sobretudo: que são «jornalistas».

O meu primeiro impulso — como há pouco dizia — foi o de correr para aquele recanto, onde a charla amena, entre risos e bebidas, num grupo ablasé, é amiúde cortada,

de repente, por um telefonema que vai chamar todos a um trabalho imediato e estenuante.

Esvazia-se então o bar e só ficam sobre as mesas copos ainda meios de alcool, cigarros esquecidos ardendo nos cinzeiros...

Poderia encontrá-los, poderia ouvi-los, poderia ser melhor informado. Mas as conjecturas de pouco me serviriam.

Encontro-me perante uma reali-

(Continua na página central)

A situação na Hungria voltou a ser apreciada hoje na Assembleia Geral da O. N. U.

NOVA YORK, 19.—Os assuntos da Hungria e do Médio Oriente voltam, hoje, à ordem dos trabalhos da Assembleia Geral da O. N. U.

O Chefe do Estado visitou hoje a nova central termo-eléctrica da Tapada do Outeiro

PORTO, 19.—(Pelo telefone).—Vindo do Buçaco, chegou esta manhã a Gondomar o Chefe do Estado, que se dirigiu imediatamente à margem direita do rio Douro, entre as povoações de Pombal e Broelhos, da freguesia de Medas, onde vai ser construída a central termo-eléctrica da Tapada do Outeiro. O Chefe do Estado, que viajou acompanhado de sua esposa, do coronel Bento de França, chefe da sua Casa Militar, do 1.º tenente Prado, seu ajudante de campo, do coronel Mário Cunha, comandante-geral da P. S. P. e, ainda, do tenente-coronel Santos Junior, comandante da mes-

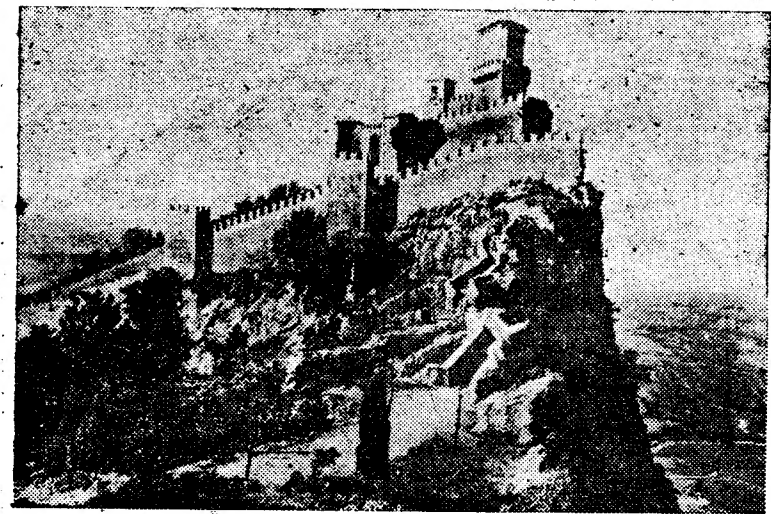
(Continua na página central)



O enviado especial do «Diário de Lisboa» com as entidades da Cruz Vermelha na fronteira austro-hungara



Dois camponeses refugiados comunicam-nos as suas impressões



A fortaleza e as muralhas de San Marino, no cimo do Monte Titano

ROTEIRO DE SAN-MARINO (I)

O país mais pequeno e mais antigo do Mundo é independente há 1.650 anos

por PIERRE LEGER

(San-Marino, pela Panair)

Roma, hora 11. Praça de Colona, em frente de Chigi, aquele misterioso palácio, onde a diplomacia italiana elabora com maquiavélica flexuosidade, as mais subtis soluções internacionais.

Fechada a janela histórica, onde o Duce, sob o olhar punitivo de Ciano, já com os canhões abertos do seu diário íntimo, inflamava vulcanicamente, as multidões. Na praça ergue-se ao belo sol da manhã, enrolada no baixo-relevo de mármore, de cem batalhas vitoriosas, povos bárbaros dominados, erectos monumentos em longínquos pontos do império romano, a coluna de Marco Aurélio.

Altura? Consulte-se o guia e não se deixe de reparar que lá no alto, em vez do nobre filósofo, São Paulo, ali colocado por ordem papalina, de Sixto V, sanda o Sol e as andorinhas, que ainda não se retiraram da Cidade Eterna, demorando a viliatura outonal.

Na C. I. T. em Roma

Estamos na C. I. T., agência ita-

(Continua na 1.ª página)



As bichas de Lisboa 7

Nesta matéria, a Carris leva a palma a todas as instituições congéneres, mantendo com muito brilho e concorrência as «bichas» dos eléctricos, dos autocarros, elevadores; as da compra de senhas e de aquisições de passes; a dos achados e perdidos e a das reclamações de passageiros. Nenhuma, porém, se avantajará, em numero de concorrentes, às que se formam para o carro eléctrico. Há as que «embicham» a direito e as que enfilam com dor de cotovelo, dobrando a esquina dos prédios. Esta que ilustra a sumariíssima história das «bichas» dos eléctricos começou a formar-se no tempo em que ainda havia gaiolas de expedidores no Rossio. E por muitos anos ainda, manter-se-á, para prestígio da instituição das «bichas» e do que se pretende seja o melhor funcionamento do serviço de transportes colectivos na cidade...

Ler na 3.ª página

Carta de Cunha Leal
ao prof. Marcelo Caetano

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A política de força e os seus limites—(2)

Aquilo que se chama o realismo político tem em si próprio limites que não pode ultrapassar. Os que o praticam precisam de ter em conta as reacções das opiniões publicas nacionais e da opinião publica internacional, as quais, quando se manifestam, traduzem o progresso moral da espécie humana.

Há um século seriam apenas umas escassas centenas de pessoas a indignar-se com a expedição aliada ao Egipto. Hoje manifestaram-se contra ela metade do povo britânico e os Franceses, mesmo aqueles que entendem que Nasser precisa de uma lição severa mas se lembram de que quem nasce na pátria dos direitos do homem precisa de pensar duas vezes antes de lançar um ultimato. Há um século a Rússia não hesitaria, um momento, em afogar no sangue os movimentos nacionais que estalaram na Polónia e na Hungria. Hoje hesita, demora, antes de o fazer em relação á segunda.

Mesmo tendo em conta a eficácia do uso da força, este tem limites. Os que recorrem a ela são atingidos por sanções morais de evidente alcance. Com o seu prestígio, diminuem as suas possibilidades de acção e a sua influência no mundo. O uso da força, que há um século era, em política, normal e corrente, começa a ser uma excepção. Para usar a força é necessário tentar convencer primeiro os outros de que todos os meios pacíficos se esgotaram.

Depois de lançada a espada na

DOIS MENORES

atropelados no mesmo local

S. BARTOLOMEU DE MESSINES, 18—Com um intervalo de poucas horas, ocorreram, em Estombar, perto desta vila, dois desastres de viação, de que foram vítimas um rapaz e uma rapariga. As vítimas foram internadas, em estado grave, nos hospitais de Lagoa e Portimão.



Estudadas e verificadas cientificamente para produzirem luz semelhante à luz natural. Lâmpadas de arranque rápido em suportes normais para 40, 30 e 20 W

LÂMPADAS FLUORESCENTES
ACEC

TODAS AS TONALIDADES DE LUZ

DISTRIBUIDORES GERAIS

INEL

LISBOA-R. RODRIGO DA FONSECA, 76-4.
PORTO-R. DE SANTA CATARINA, 470

balança, os que o fazem procuram limitar os seus estragos. Mais do que nunca é verdadeira a frase de Talleyrand: «Com as baionetas é possível fazer tudo, menos sentarmo-nos em cima delas». E isto porque os povos acreditam, cada vez mais, nas baionetas. Esmagada a rebelião húngara os Russos não podem dar novamente o poder a Rakosi, se não quiserem pôr em movimento a engrenagem que procuram deter. Os Franco-Britânicos podem derrubar Nasser mas nem por isso o Egipto voltará a estar na dependência deles. Se isso acontecesse não tardaria a aparecer outro Nasser. Se o sr. Lacoste pudesse «pacificar» a Argélia, o regresso ao «statu quo» seria o fermento de uma nova vaga de revolta.

Uma vez empregada a força é indispensável aproveitá-la para breve, que se estabelece para desarmar o ódio dos vencidos, dando satisfação á parte justa das suas reivindicações. E' nisso que consiste o verdadeiro mérito político. Trata-se, porém, de uma operação terrivelmente difícil porque o uso da violência gera sentimentos de hostilidade que é difícil dominar.

Depois do sangue derramado na Hungria, Gomułka fez na Polónia. Por outro lado, os partidários da força são os adversários inevitáveis das concessões. E' quase impossível afastá-los precisamente quando os acontecimentos parecem dar-lhes razão. O preceito da Escritura explica este fenómeno: «O que vence pela espada perecerá pela espada».

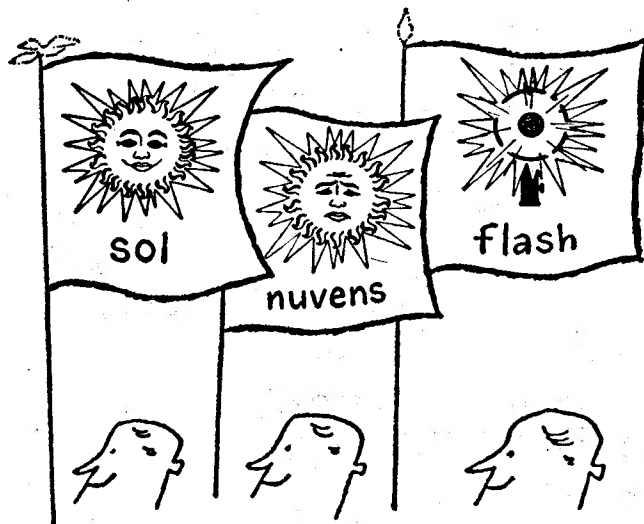
Os Russos entenderam que, para triunfar da rebelião húngara, tinham de recorrer aos métodos estalinianos. Em Moscovo os advogados da maneira forte triunfaram, neste momento, na medida em que os moderados perderam o prestígio que haviam alcançado com a sua orientação. A França julgou indispensável recorrer, no Egipto, á violência, seguindo os conselhos de srs. Lacoste e Maunoury. Mas, como consequência disso, os que se opõem a quaisquer concessões na Argélia viram reforçada a sua posição. Criaram-se, talvez, as condições para realizar os países árabes as reformas materiais necessárias. Mas tornaram-se mais difíceis as condições políticas sem as quais a obra feita será inútil.

Esta engrenagem não é possível rompê-la? No curso da História, mais de uma vez surgiram os grande homens que operaram esse milagre. Os dirigentes actuais ainda não demonstraram que possuem a dose indispensável de génio para o imitar. Surgiu uma oportunidade única para isso.

MAURICE DUVERGER

Novo produto de classe da indústria alemã

Já estão em Lisboa as máquinas de costura da marca alemã «MEISTER», mundialmente conhecidas pela sua qualidade e precisão. A perfeição do ponto é inextinguível e a grande facilidade de trabalho, quer com os modelos automáticos rotativos permitindo altas velocidades e outros, quer com os não automáticos, colocam as «MEISTER» numa classe á parte. A fama dos modelos é muito variada. Os construtores previram, tanto as aplicações caseiras como as industriais tendo em vista sempre um alto rendimento com o menor esforço. Os móveis são práticos, sólidos e luxuosos. A robustez e um preço baixo são, por igual, características das «MEISTER». Os interessados, particulares ou industriais, devem dirigir-se ao Representante: M. A. Carvalho, Av. João Crisóstomo, 62-A, Lisboa, e visitar neste local a exposição dos diferentes modelos destas excelentes máquinas de costura.

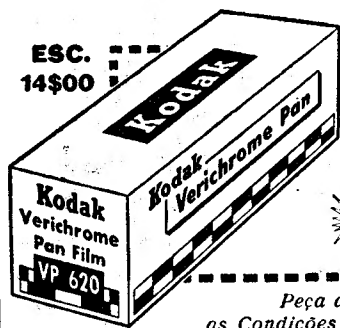


Com qualquer luz, o mais fiel rendimento de qualquer assunto

Tire um "INSTANTÂNEO FELIZ" com o novo filme **Kodak**

VERICHROME PAN

e ganhe uma Viagem de Férias a Roma num avião da **TWA**



SOL: Escuros suaves, detalhes nítidos, expressões sublimemente realçadas
NUVENS: Boas fotografias com um mínimo de luz
FLASH: Fotografias em casa, ou à noite, tão naturais como ao sol

Peça a qualquer Revendedor Kodak as Condições do Concurso "INSTANTÂNEO FELIZ"

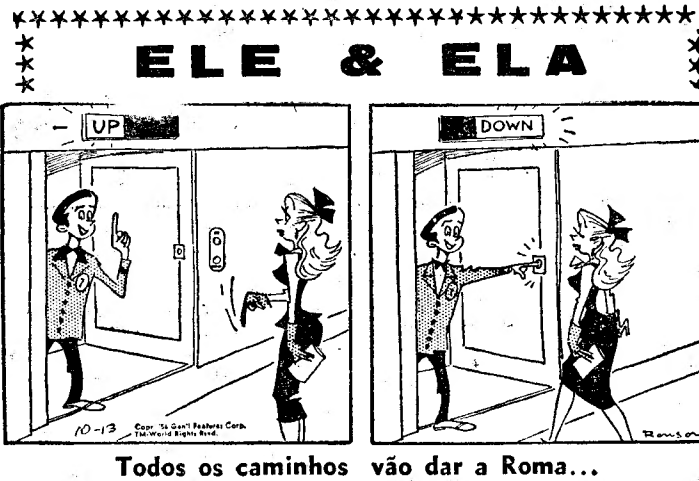
DEIXE DE SOFRER DO FÍGADO!

tome diariamente **Chá**

Chá Nattermann
CHOLAGOGUM trata todos os males do fígado. Deve beber-se com regularidade e de preferência quente, de manhã — em jejum — e antes das refeições. PREPARADO E EMBALADO NA ALEMANHA

Nattermann

DÁ SAÚDE E BEM ESTAR



Todos os caminhos vão dar a Roma...

NOVO MÉDICO

Com alta classificação, concluiu o curso de médico na Universidade de Lisboa, o sr. dr. José da Luz Ribeiro Ruivo da Silva, filho do sr. D. Piedade Ribeiro Ruivo da Silva e do sr. Eduardo Ruivo da Silva, funcionário superior da Junta de Província da Estremadura.

Uma moçoila

sovou cinco insolentes

na feira da Golegã

ENTRONCAMENTO, 18.—A cena passou-se na Feira de S. Martinho, que está a decorrer na vizinha vila da Golegã. Um casal de feirantes —ele, um mocetão forte, mas bonacheirão; ela, uma rapariga bonita, fresca, de beleza capotosa e de modos decididos—tratava da sua vida apregoando a mercadoria que tinha á venda. As tantas, um grupo de cinco «engraçados» —possivelmente já «quentes»... da água-pé—começou a dirigir propósitos atrevidos á rapariga. Ao princípio, por uma questão de prudência, tanto ele como ela não deram ouvidos. Mas, como as graças se intensificassem, o feirante agiu, esbofetando dois dos atrevidos.

Entretanto, a rapariga descalçou nervosamente um sapato e, com o tacão, foram tais os «estragos» que causou na cabeça de todos os componentes do insolente «quinteto», que três deles tiveram logo de ser socorridos no hospital, tendo também os dois restantes ficado bastante assinalados...

Entretanto, os que—regozijados pela valentia da rapariga e, sobretudo, pela sova que ela dera aos insolentes—assistiram a tão singular peleja, comentaram chistosamente: «Digam lá agora que já não seria possível encontrar uma segunda padeira de Aljubarrota»...

A ponte do Limpopo

é inaugurada na quinta-feira

LOURENÇO MARQUES, 18.—Com a presença do governador-geral, será inaugurada na quinta-feira, a ponte-agude sobre o Limpopo, em Guíja. O comandante Gabriel Teixeira seguirá, na véspera, em comboio especial para Guíja e, depois de presidir á inauguração, prosseguirá viagem até Malvénia, na fronteira, onde assistirá á cerimónia da bênção da capela local, pelo cardeal Gouveia. O governador inaugurará, ainda, a nova estação dos caminhos de ferro e o abastecimento de água e electricidade na povoação de Malvénia.—(L.)



Peca

PÉ DA VINHA

QUE PEDE VINHO

CALDEIRA, LDA.

Uma carta do eng.º Cunha Leal ao prof. Marcelo Caetano

Excelência:

E' V. Ex.º um dos cristais de maior peso e de maior brilho, rutilando no seio do plasma amorfo, de que faço parte com uns tantos milhões de Portugueses, espalhados a esmo pelas Sete Partidas do Mundo.

Não obstante a diversidade de posições sociais daí decorrentes, atrevo-me a dirigir a V. Ex.º esta carta, que não pretende nem ser humilde, nem ser provocadora e mantê-lo um tom que, não sendo envenenado para V. Ex.º, não envenenou quem a vai assinar. Da necessidade de a escrever só há que culpar V. Ex.º, que me arrancou ao meu merecido anonimato, infiltrando duas vezes o meu nome no discurso, que, para maior glória sua e escarmento dos seus adversários políticos, proferiu em 17 do mês passado no acto inaugural do novo ano de trabalho do «Centro de Estudos Político-Sociais» da União Nacional.

Demorei, ligeiramente, esta manifestação exterior da minha reacção interna por dois motivos: um estado de saúde assaz precário e o desejo de moderar os seus ímpetos iniciais.

Segundo o conceito dos seus amigos, entre os quais me não conto, e dos seus admiradores, ao numero dos quais pertencem, apesar dos nossos dissidentes ideológicos, em grande parte função da diversidade de observações colhidas de pontos de vista distintos, as intervenções oratórias de V. Ex.º caracterizam-se, em regra, pela convergência das três virtudes seguintes: a elegância, a profundidade e a clareza. Desta feita, porém, V. Ex.º deixou introduzir no seu discurso os vícios diametralmente opostos: a deselegância, a superficialidade e a obscuridade. Como Homero, também V. Ex.º se permite dormir, lá de quando em quando.

O cuidado de justificar na generalidade este meu juízo, por excepção menos apreciativo, deixo-o a outros, se a tanto quiserem abalar-se. Por mim, restrinjo a demonstração àquele capítulo do Trabalho de V. Ex.º — «O caso das representações do Estado nas empresas» —, através do qual V. Ex.º houve por bem chamar-me à colação.

Este problema mereceu a atenção de V. Ex.º por isso que, tanto no campo oposicionista como nas arraias da Situação, para honra desta neste ponto, se vem criticando não propriamente o dirigismo económico do regime — ele faz parte da sua essência —, mas sim a autêntica torrente de investidas, frequentemente cumulativas, dos maiores políticos:

1) no complexo direccionamento do corporativismo e dos órgãos de coordenação económica;

2) em cargos de delegados governativos junto de sociedades concessionárias de serviços públicos, ou utilizadoras dos bens de domínio publico, ou beneficiárias de financiamentos e garantias de financiamento estatais ou dedicadas a transportes marítimos;

3) em lugares de administradores, de nomeação governamental, de sociedades de que o Estado seja accionista ou em que tenha participação nos lucros;

4) em cargos administrativos de sociedades, abrangidas ou não nas especificações anteriores, cujos

accionistas ou pretendam adquirir, através de homens eminentes do regime, o benefício de favores estatais, ou não se sintam com coragem para resistir a pressões políticas, que, não sendo satisfeitas, possam ocasionar o mal maior do descontentamento da administração pública, ou visem apenas a aproveitar, honestamente, capacidades reveladas no exercício de funções políticas.

Para justificação de um fenómeno desta natureza, V. Ex.º lançou mão dos seguintes argumentos:

1) No exercício do seu dirigismo económico, o Estado viu-se colocado em face da timidez dos capitalistas particulares e só conseguiu vencê-la, e ainda assim em parte, associando-se a eles para o lançamento de empresas exploradoras de novas indústrias, ou para a renovação de indústrias envelhecidas e estagnadas, o que fez com a subministração de capital-accionista e de capital-obrigatório ou com garantias aos tomadores particulares de obrigações.

2) Esta circunstância veio provocar a necessidade, por parte do Estado, de velar pela boa administração desses empreendimentos, para que não sofra prejuízos directos, isto sem falar nos prejuízos indirectos, que derivariam do irregular exercício de modalidades importantes da actividade económica nacional.

3) Para o desempenho de funções de vigilância ou cooperação administrativa nesses organismos, os Governos vêm escolhendo téc-

nicos, funcionários e homens de Estado, aos ultimos dos quais se não pode negar que, tendo servido em altos cargos publicos, sobretudo no Governo, «reunem, por via de regra, as qualidades de experiência administrativa e de devoção ao interesse geral requeridas para a representação do Estado em tais empresas».

4) De resto, já no regime anterior ao actual, muitos políticos teriam desempenhado funções desta natureza, com as limitações rúmicadas provenientes da fraca intensidade da actividade económica nacional e ainda da circunstancia de o Estado só possuir posições accionistas em Bancos Emissores e na C. P.

5) Para documentar as afirmações anteriores, cita 22 nomes de personalidades políticas, que, no decurso de cerca de 16 anos de vigência da Republica Democrática, ocuparam cargos de delegados governativos e administradores por parte do Estado ou de administradores e funcionários de empresas não tuteladas pelo Estado, 15 dos quais se encontram já dando contas a Deus dos seus acertos e dos seus desacertos, entre eles o dr. Vasconcelos e Sá, que, depois de ter sido proclamado benemérito da Republica, se tornou, pela sua acção em campanhas africanas, um autêntico benemérito da Pátria.

A enumeração destas criaturas só se compreende com propósitos de achincalho, ou por não ter V. Ex.º meditado em que ela só se justificaria se V. Ex.º tivesse posto em

paralelo os nomes de quantos, nos 30 anos de vigência do Situacionismo, exerceram funções similares. Recuou talvez V. Ex.º perante o tempo que, em tal hipótese, teria de tomar aos seus ouvintes, perante o espaço que teria de roubar a quantos jornais transcreveram, na íntegra, a sua peça oratória e perante a monotonia das repetições dos mesmos nomes.

Em todo o caso, esta personificação ficou coxa. Sempre o ficaria, por isso que das suas duas pernas, se ambas fossem exibidas, uma seria infinitamente maior do que a outra. De qualquer forma — peço que me perdoe a constatação — faltou V. Ex.º ao requisito normal de elegancia da sua oratória.

E quanto a profundidade e a amplitude do problema?

Em meu entender, V. Ex.º limitou-se a aflorar a sua superficialidade com mão cariciosa. E, senão, vejamos.

Quando foi proclamada a Republica, pondo-se assim termo ao derradeiro privilégio de uma Família, «reliquat» de tantíssimos outros privilégios de castas, os seus propagandistas e instauradores, no seu nobre romantismo, sonharam com a instituição de um regime caracterizado, essencialmente, pelo seu puritanismo. Para tanto, segundo eles, tornava-se indispensável operar a absoluta separação entre o Poder Político e o Poder Económico. E' que uma regra, tão velha como a própria História e tão imutável como o próprio Destino, assegurava que a convergência do exercí-

cio desses dois Poderes nas mesmas pessoas determina a corrupção do Poder Político pelo Poder Económico e provoca, concomitantemente, funda depressão moral em todos os sectores da vida nacional.

Para o evitar, necessário se tornava que um grupo de ascetas assumisse a direcção dos órgãos superiores da administração publico, deixando a outro sector do escol português o comando da nossa economia.

Esta concepção, irrepreensível sob o ponto de vista moral, constituía, na prática, um perigo para a estabilidade do novo regime. E' que a «élite» republicana não tinha ainda o suficiente volume para se repartir por dois compartimentos estanques, com impossibilidade de fenómenos de osmose através das paredes comuns. Ao avocar a si, em exclusividade, as funções políticas, entregou, de mão beijada, as adversárias da Democracia, também em quase exclusividade, a direcção superior e a posse efectiva do Poder Económico. E, entrancheados nele, dispondo assim da sua enorme força, tornou-se fácil a estes dificultar, progressivamente, a vida do regime e provocar, por fim, o seu descalabro, o que nos conduziu a esta situação paradoxal: uma Republica orientada e regida por monárquicos e um regime representativo sem efectiva representação do Povo.

Enquanto prevaleceram, pois, as denegridas instituições democráticas, o Poder Político, nas suas relações com o Poder Económico, quase se limitava a:

1) a tutelar a vida dos Bancos Emissores, porque seria criminoso não vigiar a forma de regência do fenómeno da circulação fiduciária;

2) a interferir na vida administrativa das empresas ferroviárias, mesmo antes de ter tomado no Consulado de Sidónio Pais, pela compra de 33.000 acções da C. P., posição accionista preponderante nesta sociedade, interferência esta justificada por se encontrarem as referidas empresas em regime de concordata com os seus credores obrigacionistas, não podendo o Estado permitir que nova situação de falência viesse a desarticular o nosso sistema de transportes e a provocar a desorganização de toda a vida económica nacional;

3) a vigiar a administração de certas empresas concessionárias monopolistas.

Fora desta acção fiscalizadora, com ou sem atributos administrativos, V. Ex.º, em relação ao ano de 1926, só conseguiu descortinar 10 nomes de políticos com cargos de administradores em sociedades anónimas, o que é uma proporção ridícula em relação ao volume global dos detentores destas situações, sendo para notar que alguns desses dirigiam a Companhia de Moçambique, sociedade que, á data, usufruía, por concessão governativa, direitos majestáticos em avultada parcela da nossa Africa Oriental. Isto documenta a minha afirmação anterior de que o escol republicano democrático se alheara, quase por completo, das funções dirigentes do Poder Económico. Ver nesse modesto contributo de 10 pessoas para a vida das sociedades anónimas autónomas uma justificação para a invasão actual destas empresas pela fina flor do Situacionismo representa uma vã tentativa para mascarar a face dum problema.

Como é que desempenhavam as suas funções os políticos de antanho, encarregados, por delegação governamental, da fiscalização de sociedades concessionárias de serviços publicos ou de monopólios? Posso, afoitamente, responder que, na generalidade, o faziam sem espirito de perseguição para com as

(Continua na 14.ª página)

A verdadeira elegância
NÃO SE ESCONDE!

Ao contrário, ela realça-se a cada passo, a cada instante, num simples traçar de perna... As meias ELBEO possuem o segredo de fazer viver as formas, os mais pequenos jogos de músculos, toda a beleza das pernas. ELBEO criou para a mulher elegante as meias mais delicadas, mais finas, em tons de pele absolutamente naturais, que ajustam perfeitamente às pernas, ficando uniformemente esticadas e sempre direitas.

A ÚNICA MARCA DO MUNDO DISTINGUIDA EM PARIS COM O GRAND PRIX



AS MEIAS
ELBEO

VINHO
"ROSAL"



UM SABOROSO «ROSE»
CAMILO ALVES
apresentado em garrações

OS FATOS USADOS

de homem e rapaz, calçado, etc., que V. Ex.º tem para vender, será pago conscienciosamente, se nos chamar pelo T. 663031.
R. S. Bento, 58 e 60

VALEM PELAS VANTAGENS QUE OFERECEM
MAIS ELEGANTES • MAIS RESISTENTES • MAIS MODERNAS



PENITROL
PARA AS DOENÇAS DA BOCA E GARGANTA
ANGINAS
GENGIVITES
LARINGITES
FARINGITES
ETC.

O FILME DE BOXE QUE O MUNDO DO BOXE COMBATEU...



Maiores de 13 ANOS



BUDO SCHULBERG
REVELOU EM
HA' LUDO NO CAIS

A EXPLORAÇÃO DO
TRABALHO DAS DOCAS...

BUDO SCHULBERG
REVELA AGORA A EXPLORAÇÃO
DOS PROFISSIONAIS DO BOXE
DOS ESTADOS UNIDOS...

Um filme



APRESENTADO NO
FESTIVAL DE CANNES

HOJE
NO
CAPITOLIO

HUMPHREY BOGART A QUEDA DE UM CORPO (THE HARDER THEY FALL) ROD STEIGER - JAN STERLING

with MIKE LANE as Toro Moreno
MAX BAER - JERSEY JOE WALCOTT - EDWARD ANDREWS
Screen Play by PHILIP YORDAN - Based on a novel by BUDD SCHULBERG
Produced by PHILIP YORDAN - Directed by MARK ROBSON - A COLUMBIA PICTURE

Leiam o «SEMPRE FIXE»

Aquecimento Central



mais que 40% de economia



Estudos e orçamentos grátis
GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA
LISBOA PORTO

MARIONETTES APOLO
Tel. 28643
CINCO LETRAS LUMINOSAS
TODAS AS IDADES
SABADOSE A'S 17
DOMINGOS HORAS

LOBOS DO MAR

UM RESTAURANTE TÍPICO DIFERENTE DE TODOS
OS OUTROS
BAILADOS REGIONAIS E FADOS

CALÇADA DE GARRICHE
(AO OLIVAL DE BASTO) — Telef. 051146

AMANHÃ - ESTREIA no

(Para adultos)

CINEMA
MONUMENTAL

Telef. 55131

INTEIRA-
MENTE
FILMADO
NAS
MARAVI-
LHOSAS
PAISA-
GENS

DA COSTA
DA
DALMACIA

UMA
VIGOROSA
PRODUÇÃO
FRANCO-
ITALIANA
EM
CINEMASCOPE
E
EASTMANCOLOR
(Distribuidores
Reunidos)



UM
VIOLENTO
ROMANCE
DE AMOR,
DE PAIXÃO,
DE ÓDIO,
DE MORTE
E
DE SANGUE

GOUBBIAH

com
Jean Marais
Della Scala
e
Kerima

O HOMEM QUE VEIO DO MAR

2
sessões
às
20,30
e 22,45



Beatriz Costa

MARIA VITORIA

Emp. «Eug. Salvador-Rui Martins»

O ESPECTACULO
MAIS ALEGRE
DE LISBOA



Salvador

Para
Adultos

UMA REVISTA PARA

RIR



Teresa Gomes



Gloria May



António Silva

UMA REVISTA POPULAR COM



Humberto Madeira

GRAÇA!
ALEGRIA!
RITMO!



Anita Guerreiro

"O REBOLIÇO"

Na GUARDA o «Diário de Lisboa»
encontra-se á venda na casa Manuel
Vinha.

MOROCCO

ADULTOS
O «DANCING» DA LISBOA
QUE SABE DIVERTIR-SE

E TODAS AS NOITES
HOJE CAMUS

UMA ATRACÇÃO EXCEPCIO-
NAL A FRENTE DO COLOSSAL
ELENCO DE GRANDES ATRAC-
ÇÕES INTERNACIONAIS



Herminia Silva

NO ABC

VÁ RIR!

NO PARQUE MAYER - JUNTO AO PAVILHÃO PORTUGUÊS - Telefone 366783 - A's 20,45 e 22,45 h.

EM PLENO ÊXITO A GRANDE E VITORIOSA REVISTA DO POVO DE LISBOA

DAQUI FALA O ZÉ!

COM A MAIS QUERIDA E POPULAR DAS NOSSAS VEDETAS

A FRENTE DO MAIS POPULAR DE TODOS OS ELENÇOS!!!

Sábado, á tarde - 1.ª Grande tarde infantil, com a estreia da peça para crianças «Torre Encantada»

ESPEC. P. ADULTOS - PREÇOS ACESSÍVEIS - POLTRONAS desde 12550



Alda Baptista

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

A estreia da opereta «A Fonte do Amor», em ensaios no Teatro Sá da Bandeira do Porto, está prevista para o dia 30.

— Manuel de Oliveira, Luís da Cunha e Silva e Reinaldo Martins são os cenógrafos que estão a pintar os cenários que vão enquadrar a peça infantil, «A Ilha do Tesouro», em ensaios no Teatro da Trindade.

— E' dos maestros Carlos Dias e Tavares Belo a musica da revista «Toca a Musica», que vai entrar em ensaios no Teatro Maria Vitória.

— A companhia brasileira da actriz Bibi Ferreira, em digressão pelo Alentejo, vai a Elvas realizar dois espectáculos.

— Os Cinco Burketts, trapezistas-voadores, fazem parte da companhia que na sexta-feira se estreia no Coliseu.

— Alberto Barbosa e Lourenço Rodrigues, de colaboração com Vasco Matos Sequeira, são os autores indicados para escrever uma revista que se destina a subir a cena no Teatro Apolo, nos princípios do próximo ano.

— A vedeta Beatriz Costa do elenco do Teatro Maria Vitória só no fim de Março do próximo ano voltará ao Brasil.

— No Teatro de Bolso, do Círculo de Cultura Teatral do Porto, fez a sua estreia como actriz, tomando parte no desempenho da peça «Antígona» a artista coreográfica Inês Palma que revelou grande aptidão para a carreira teatral.

— Seguiu hoje para Madrid, onde vai actuar no Circo Price, a companhia que ontem terminou os espectáculos no Coliseu.

«Libertação»

no Império

A Federação Francesa dos Cine Clubes refere-se assim a «Libertação», a célebre «Pisa» de Rosellini: «Libertação» é uma das obras cinematográficas mais importantes do após guerra e ficará, como um dos mais belos e cruéis testemunhos do ultimo conflito mundial. Seis primeiros prémios internacionais distinguiram esta película, que será exibida no Império, às 18,30, do dia 21, na 41.ª sessão de «Gente de cinema fala de filmes». O professor António Florillo, do Instituto de Cultura Italiana fará o comentário a esta obra máxima da arte cinematográfica.

Imagem do dia

São raros os filmes que atingem a 5.ª SEMANA. Conseguiu-o o famoso «O REI E EU», revelação sensacional do CINEMASCOPE 55, e do novo galá de cabeça rapada, YUL BRYNNER, novo ídolo mundial. A seu lado DEBORAH KERR contribui para que «O REI E EU» seja um dos maiores êxitos cinematográficos de todos os tempos.

(Ler mais noticiário teatral na página seguinte)

UM ESPECTACULO ALEGRE, DINAMICO E 100 %, POPULAR NO TEATRO DOS GRANDES EX.TOS

AS 20,45 E 22,45



MILU e VILLARET

DOIS E TRÊS

NÃO FAÇAS ONDAS

Espectáculo para adultos
ARTISTAS DOS MAIS QUERIDOS DO PÚBLICO DE LISBOA:

MILU e VILLARET

ARTISTAS IRRESISTÍVEIS:

COSTINHA
LEÓNIA e
LUÍSA DURÃO

NA GRANDE REVISTA DO MOMENTO

que tem ainda a admirável colaboração de:
Solnado e Carlos Coelho

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: A queda de um corpo CAPITÓLIO

SAO LUIZ
TEL. 27172

A's 15,15 e 18,15 (Prec. red.) e às 21,30 (13 anos)
O RESGATE
com Glenn Ford e Donna Reed

Quando o telefone toca... começa a mais empolgante história de «suspense» de todos os tempos.

EDEN
TEL. 20768

15,30-18,30 e 21,30
Um filme colorido
Michele Morgan e Richard Todd em

(Para 18 anos)
MARIA ANTONIETA
Os amores, os escândalos, o suplício da última rainha de França.

IMPERIO
TEL. 55134/5

A's 15,15 e 21,30 (Adultos)
3.ª semana do maior êxito europeu do ano
A MAIS BELA DO MUNDO

A consagração definitiva de GINA LOLLOBRIGIDA

Hoje, às 18,30 festival de despedida de Carmélia Alves com a colaboração de artistas e orquestra ligeira da E. N.

MONUMENTAL
TEL. 55131

A's 15,15 e 21,30
2.ª semana
Um problema dos nossos dias: a educação da juventude, tratado magistralmente num filme vigoroso!

FURIA DE VIVER
com James Dean, Natalie Wood e Sal Mineo

ALVALADE
TEL. 763080

A's 15,15 (P. red.) e às 21,30 (13 anos)
O RESGATE
com Glenn Ford e Donna Reed

Quando o telefone toca... começa a mais empolgante história de «suspense» de todos os tempos.

RESTELO
Tel. 610375

A's 21,15 (13 anos)
Em cinemascopo
Homens em cascata de noz
com José Ferrer

TERRAS
TEL. 20917

As 21,15 (13 anos)
JOSEFINA E OS HOMENS MARTY

CINEMA IDEAL
BARREIRAS VENCIDAS

A's 21 (18 anos)
NAS MALHAS DA REDE

LIZ
TEL. 48560

A's 21,15 (18 anos)
MARGARIDA DA NOITE
c/ Michele Morgan

TIVOLI
TEL. 50595

5.ª SEMANA
Um espectáculo esplendoroso em Cinemascope 55
O REI E EU

As 3 e 6,15 da tarde (Prec. red.) e 9,30 da noite (Para 13 anos)

POLITEAMA
TEL. 26305

A's 15,15 e 18,15 (Prec. red.) e às 21,30
2.ª semana triunfal com a arrojada aventura na selva
SAFARI

Cinemascope com Victor Mature
Feras em furia! Caçadas perigosas! Vidas suspensas por um fio... (13 anos)

CONDES
TEL. 22523

A's 15,15 e 18,15 (Prec. red.) e às 21,30 (13 anos)
Um êxito mundial do risol!

AGARREM ESSE HOMEM
com Giovanna Ralli, Franca Valeri, Marcello Mastroianni e Vittorio de Sica

SAO JORGE
BALCÃO 54154 PLATEIA 54153 (13 anos)

45,15-18,15 e 21,30
3.ª semana
Vistavision
Technicolor
A obra máxima de Alfred Hitchcock e realizador de A janela indiscreta e Ladrão de casaca

O HOMEM QUE SABIA DE MAIS
com James Stewart e Doris Day

ODEON
TEL. 26283

A's 15,30 e 18,15 (Prec. red.) e às 21,30 (13 anos)
Um filme que é um encanto para o espírito, uma maravilha para os olhos e uma delícia para o ouvido

6 CORAÇÕES A COMPASSO
com Libertad Lamarque e Pedro Infante

CAPITÓLIO
TEL. 27493

HOJE às 21,30 (13 anos)
ESTREIA
O filme do Boxe que o mundo do Boxe combateu

A Queda de um corpo
com HUMPHREY BOGART á frente de um grandioso elenco!

ROYAL
TEL. 845037

A's 21,15 (13 anos)
2.ª semana
FREIRA CIGANA

UM HOMEM E DOIS CAMINHOS

ESTÃO A TOPAR?
com Eddie Constantine

A's 21,30 (18 anos)

BRAVO!

GRITOU O PÚBLICO ENTUSIASMADO APLAUDINDO ONTEM DEILIRANTEMENTE O NOVO ESPECTACULO DE VASCO MORGADO

MONUMENTAL

TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO

ORIGINAL DE AGHATA CHRISTIE E AS NOTABILÍSSIMAS CRIAÇÕES DE:

VASCO SANTANA

O GRANDE E QUERIDO ACTOR

IRENE ISIDRO

HENRIQUE SANTANA

NOS PROTAGONISTAS BRILHANTEMENTE SECUNDADOS POR TODA A GRANDE COMPANHIA DESTE TEATRO

NO MAIS EMOTIVO MELODRAMA DE CRIME E MISTÉRIO!!!
Espectáculo para maiores de 13 anos

HOJE, AS 21,45 HORAS

Teatro Nacional

de Dona Maria II

A's 21 e 45 (Para 18 anos)

A PREÇOS POPULARES

Alguém terá de morrer

Uma peça moderna do mais moderno autor português a caminhar triunfalmente para as 50 REPRESENTAÇÕES

5.ª-feira dia 22 comemoração do centenário de Marcelino Mesquita com

PERALTAS E SÉCIAS
Proferindo palavras alusivas ao acto o ilustre dramaturgo Dr. Ramada Curto



LUSO

Queimada, 8-A
T. 32889—Adultos
Hoje (até de madrugada) Fados e Canções por FRUTUOSO FRANÇA, Aurora Sobral, António Meneses, Constança Nunes, Raul Dias e Florinda Maria. Acompanhamentos por António Couto e Pedro Leal.

Restaurante TABUAS

com Nova Gerência

Almoçando e Jantando neste Restaurante economizará V. Ex. dinheiro e saúde.

Rua Barros Queirós, n.º 49 — T. 26614

HOJE — A's 21,45, NO

VASCO MORGADO

subsidiado pelo Fundo de Teatro e sob a direcção artística de JOSE GAMBIA

APRESENTA

A IMORTAL PEÇA

ENVELHECER

DE MARCELINO MESQUITA

UMA NOTABILÍSSIMA INTERPRETAÇÃO DE:

LUIZA NETO E ALVES DA COSTA

NOS PRINCIPAIS PAPEIS E AINDA DE: (POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA):

ASSIS PACHECO — FERNANDA DE SOUSA — JOSÉ GAMBIA — BRUNILDE JUDICE — ARMANDO CORTES

MÁRIO PEREIRA — ANDRADE E SILVA — MARIA LAURENT — BRANCA VELES — MARIANA VILLAR — MÁRIO SANTOS — BEATRIZ DE ALMEIDA — ARTUR SEMEDO

UMA ADMIRÁVEL REALIZAÇÃO PLÁSTICA DE

JOSÉ MANUEL SANTANA

PREÇOS POPULARES DESDE 4\$00 A 30\$00

Rigorosamente suspensas as entradas de favor — Esp. p.º adultos

MONTE CARLO

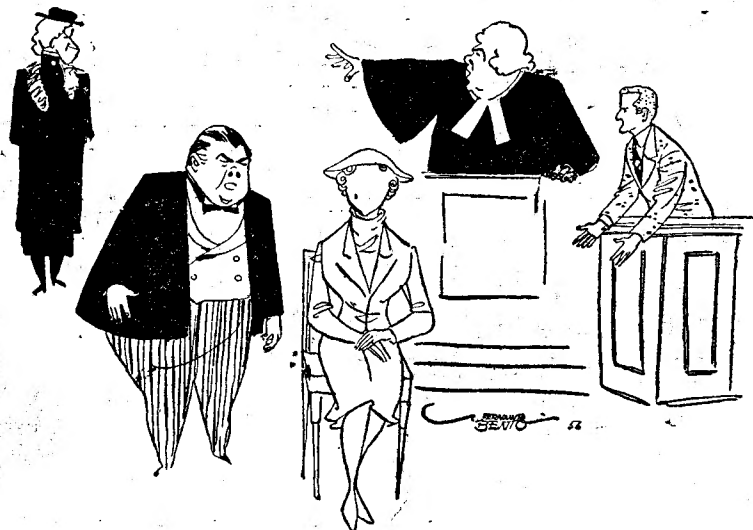
Salão de chá — Restaurante e Pastelaria

Avenida Fontes Pereira de Melo, 41-C, 41-D — TEL. 44789

Experimente o autentico Caril e outras deliciosas especialidades goêsas assim como o nosso fabrico de pastelaria.

Festivos e Cinemas

«Testemunha de acusação», no Monumental



Hortense Luz, Vasco Santana (à paisana e de toga), Irene Isidro e Henrique Santana na peça do Monumental

(Desenho de Fernando Bento)

A novela policial constitui uma das paixões dominantes no nosso tempo, com prejuízo para a literatura de melhor sentido, mas com lucro para os que a exploram como Agatha Christie. O cinema acompanha o quiloque nos ganhos, e o teatro também, ainda que, entre nós, sem grande abuso, isto é, dando de tempo a tempo um crime misterioso e com o consequente julgamento de surpresas.

Ontem foi na Praça Marechal de Saldanha que se armou o tribunal que na peça alterna com o gabinete do advogado, ambas as cenas, diga-se desde já, bem executadas por Cunha e Silva que o programa nos informa ter-se baseado em Michael Weight. A técnica da peça é a das novelas e filmes do género, mas com surpresas mais retardadas, pois só no final se revela o que nós não revelaremos ao leitor, futuro espectador. A versão portuguesa de Francisco Marques dos Santos não ofende o ouvido e acreditamos que seja mais tradutora que traidora do original, que não conhecemos e acerca do qual nos não podemos manifestar senão pelo que ouvimos.

Pelo que vimos, o público encheu o teatro, e soaram palmas acolhedoras da reparação de Vasco Santana e de Irene Isidro, o primeiro ainda ali triunfante em recente comédia, e a segunda agora vinda da revista, e aplausos no final da intervenção de Hortense Luz e, num fecho de acto, a Henrique Santana, que foi intérprete e dirigente e a todos estendeu as manifestações repetidas sempre que o pano caía, para tornar a subir.

Realmente, começando por Vasco Santana, sempre actor inteligente e de merecido prestígio, por Irene Isidro, no seu verdadeiro emprego de actriz de declamação e num «papel» em que representa perfeitamente a maior surpresa da peça, e por Hortense Luz na já referida intervenção, justo é reconhecer que Henrique Santana constitui um caso em que se justifica a citação do anexam «filho de peixe...». Mas merecem também referência os actores

O «Diário de Lisboa» vende-se em ESTREMOZ, na casa Reinaldo Luna & Irmão, Lda.

res Henrique Santos, pela sobriedade; Virgílio Macieira, pela dignidade; e Paulo Renato, pela energia; e ainda—por ordem de entrada como no programa—Holbeche Bastos, Fernando Gusmão, Rui de Carvalho, Carlos Alves e Carlos Duarte; e as actrizes Maria Schulze e Susana Prado.

Estão todos, e é tudo o que se pode dizer da peça a que Vasco Morgado vai encher muitas noites o tribunal em que o público é público mesmo—portanto sem se manifestar demasiadamente, como avisa o respectivo meirinho.

E escrevemos que é tudo o que se pode dizer, porque nestas notícias de estreia de peça policial o silêncio é ouro para o empresário, e quanto menos se disser mais se beneficia o fundo da questão, neste caso o fundo do teatro.—R. P.

Ao espectáculo de estreia assistiu o sr. prof. Marcelo Caetano, ministro da Presidência.

ENTRA AMANHÃ EM 2.ª SEMANA DE EXIBIÇÃO NOS CINEMAS

SÃO LUIZ ALVALADE



DEPOIS DAQUELE TELEFONE TOCAR... O CORAÇÃO DUM PAI ENFRENTOU A MAIS ESTRANHA E IRREVOGAVEL DECISÃO DA VIDA!

UM FILME EMOCIONANTE DA M.G.M!
METROSCOPE — SOM ESTEREOFÓNICO PERSPECTA

LEIAM O JORNAL HUMORISTICO «SEMPRE FIXE»



AGARRA ESSE HOMEM

Exclusivo DOPERFILME

OS MAIS CÉPTICOS E OS MAIS SISUDOS SÃO FORÇADOS A RENDER-SE PERANTE A COMICIDADE IRRESISTIVEL DO FILME DO

CONDES

A história hilariante de um homem acusado de bigamia com

Vittorio de Sica
Marcello Mastroianni
Giovanna Ralli
Franca Valeri

(IL BIGAMO)
13 ANOS

Três irmãos

alvo da mesma homenagem

GALVEIAS, 15.—No próximo dia 18, pelas 15 horas, o presidente da Camara Municipal de Ponte de Sor inaugurará nesta freguesia uma exposição fotográfica, que inclui a maquete do monumento a erigir em homenagem á família Marques Ratão—irmãos D. Ana de Jesus Godinho de Campos Manuel Marques Ratão Junior e José Godinho de Campos Marques. O monumento será construído em pedra, num terreno oferecido para o efeito, e testemunhará a gratidão dos Galveenses a tão benemérita família. A sua construção é custeada por subscrição publica.



Maria Lalande

A's 21.45

e para maiores de 13 anos

NO

TEATRO DA TRINDADE

Emp. Teatral, Avenida, Ld.
Subsidiada pelo Fundo de Teatro

GIUSEPPE BASTOS apresenta sob a direcção artistica de SAMWELL DINIZ A PEÇA DRAMATICA

AMOR DE PERDIÇÃO

com

MARIA LANLANDE — SAMWELL DINIZ — AUGUSTO FIGUEIREDO — ISABEL DE CASTRO nos principais papeis

O «FAIA»

Telefone 29387

Apresenta hoje e todas as noites:

LUCILIA DO CARMO
TRISTÃO DA SILVA
HELENA TAVARES
MARIA DO ROSARIO
MARTINHO D'ASSUNÇÃO
ILIDIO DOS SANTOS

Optimo serviço de Restaurante e Bar. ADULTOS



Celeste Rodrigues

indica-vos

O restaurante realmente hipico

R. Taipas, 14
Tel. 27256
(Adultos)

De semana a semana, o EXITO impõe-se, cresce, abrange toda a população de Lisboa!

5.ª SEMANA DUM TRIUNFO TOTAL TIVOLI

O ESPECTACULO SUPREMO QUE É UMA AFIRMAÇÃO MARAVILHOSA DE GRAÇA, DE BELEZA E ENCANTAMENTO!



Prod. CHARLES BRACKETT — Real. WALTER LANG — Arg. ERNEST LEHMAN
Música de RICHARD RODGERS e OSCAR HAMMERSTEIN II

A HISTÓRIA DUM AMOR QUE MAL SE ADIVINHA NO OLHAR, NOS SORRISOS, NAS PALAVRAS...



UMA OBRA-PRIMA EM Cor DE LUXE **C.N.-MASCOP** 55 Maiores de 13 anos com o som estereofónico de alta fidelidade com quatro bandas magnéticas

UM NOVO IDOLO!

O CELEBRE GALA DE CABEÇA RAPADA

YUL BRYNNER

AO LADO DA NOTAVEL

DÉBORAH KERR

A Itália esteve para declarar guerra e bloquear San-Marino há cinco anos por uma questão de jogo

(Continuação da 1.ª pág.)

liana de turismo, conhecida «urbi et orbi». Instalações ultra-americanas. Ali sabe-se tudo. Responde-se a todas as perguntas, por mais estranhas que sejam, em qualquer língua, até mesmo o volapuke.

Inglês e Americanos numerosos. Shorts, kakis, pernas cabeludas, máquinas fotográficas a tiracolo, e muitos travelling cheques. Há também chapéus do tempo da rainha Vitória, com cerejas românticas, usadas por senhoras da mesma idade. Franceses económicos e cor-de-corados. Alguns Tituleses assobian-do «alieds», com peninha de perdiz no penante verde, o que lhes dá a honra de passarem por caçadores honorários.

Enfim, uma pequena torre de Babel, de vértice invertido. Ao balcão ondulado, como as coxas de Sofia Loren, um batalhão de empregados políglotas, tendo no cérebro, se fosse possível radiografá-lo, o horário dos caminhos de ferro, as cotações de câmbio e o roteiro de todos os aviões inter-continetais. São tremendas e poderosas enciclopédias electrónicas. Cada um tem ao lado, em estilo cinematográfico «yankee», o seu nome coruscante de «neon», numa luxuosa placa de cristal.

Quem nos atende ou desatende é o comendador Romanini. Os nossos curtos diálogos são teatrais. Há sempre um terceiro homem, intempestivo, qualquer chamada telefónica de Paris ou de Chicago, uma pergunta atirada no ar sonoro por um colega do sr. Romanini, que inevitavelmente nos interrompem.

A meu lado, James Wilson, correspondente categorizado do «Daily Telegraph». O seu cachimbo parece fumegar descontente. Voltou bronzeado do sol das Pirâmides, e pretende regressar, imediatamente, a Londres, no primeiro avião que pára de Ciampino.

—Homem, espere mais dois dias! Depois de tantas emoções—coitados, ele também não entendeu Nasser—é preciso repousar! Fazer «yogui» mental!

O «press-room» do Cairo

Wilson grunhe hostilmente. Contou-me que esteve durante uma semana, no hotel Semiramis, junto do velho Nilo dos faraós, no famoso «press-room», em frente de oito lindas cariolas, que não sabiam uma palavra dos brancos e ocidentais idiomas. Redigira apressadas radiogramas, sensacionais cabogramas, crónicas-telegramas, mas nenhum chegou a Fleet-Street.

Colibris cairotas

Enquanto um exército de jornalistas internacionais, naquele mágico luxo de sheherazade, martelava, nervosamente, as telas das máquinas de escrever, com um copo de «whisky» ao lado, onde chocavam grossas pedras de gelo, aqueles oito pecados mortais femininos—é possível que extra-teologicamente o meu colega britânico acrescentasse ou diminuísse algum—trilavam como colibris num languido árabe, devorando «pastèques» e mostrando-se, políglotamente, inúteis no aspecto informativo.

—Nem uma lição de física experimental, como recomendava «monsieur» de Voltaire?

—«Dear friend!» Olhe para os meus cabelos brancos! Cinquenta anos de jornalismo universal, desde a Patagónia às tundras da Sibéria, contemplam os que restam!

—Mas, então, porque estavam ali as «pin-up-girls» do coronel Nasser?

—Mistério Indecifrável! A História o dirá um dia se puder ser indiscreta! Explicou-me um colega espanhol que era para nos inspirarem pensamentos optimistas sobre a nacionalização do Canal...

Uma Lollobrigida milenária

—Do Suez, é claro, como utentes! —Naturalmente! Não há outro nas proximidades desta pobre Europa. Havia uma, doirada, e apertosa tamara, que se chama faraonicamente, Sossotris, e se parece estranhamente com aquela deusa da fecundidade, que vimos ontem no Vaticano, a qual muitos milénios antes da Gina Lollobrigida, mostra uma exuberante pro-

fusão de seios, não dois, como a tentadora Cleópatra, mas dezenas, do peito até aos pés, em duas carnudas fileiras, como outras tantas bocas ávidas de fecundidade e de voluptuosidade—que aconselhou um dia a este derrotado Marco António da grande Imprensa londrina a retirar-se com armas e bagagens, num inglês mais puro que o de Shakespeare.

—Sem palavrões elisabethianos! —Impossível. Aquela boca de rubis era virginal como o Nilo azul, antes de passar pela ilha morta de Philae!

Enfim, reconhecia o velho humor do «Punch», no sarcástico exagero de Wilson. Com sinfais efusivos de amizade, tanto mais que Roma mergulhava num transpirante banho turco de calor, sob as umbelias aristocráticas dos pinheiros d'annunzianos do Pincio, conseguiu convencer o camarada britânico a repousar alguns dias das atribuições profissionais sofridas no sagrado Vale dos Reis.

—Escolhemos um canto tranquilo do planeta, onde não se passe nada! Que não seja esta morta e pesada cidade de ruínas, que ilustra o Tibre, onde tantos esqueletos dos últimos Bórgias jazem no fundo do legendário rio, num sombrio esplendor.

Lamentável equívoco

A resistência não fora grande. Eis o motivo porque nos encontrávamos, à «ore 11», na C. I. T., na nobre Praça de Colonna, em frente do nariz cesariano do sr. Romanini:

—Qual o melhor trajecto para irmos a Mônaco?

—O homem, que era alto e magro, olhou-nos, aquilamente, como se mergulhasse a ponta de aguçada lâmina do comprido apêndice nasal na ignorância crassa dos «contadini» de Abruzzos.

—A Mônaco?! Mas isso é em França! Algum dos cavalheiros é médico parteiro?

—De modo algum! De obstetria só sabemos as causas! Somos jornalistas!

—Como falaram em Mônaco, e a augusta princesa qué, de resto, não se encontra actualmente, no principado, está prestes a dar à luz, julguei que...

—Scusi, signor! Foi «lapsus lin-

guae». Não é de Mônaco que se trata, mas da mais velha Republica do Mundo: San-Marino!

—Ah, isso é outra coisa! James Wilson, como se rosnasse um «bulldog», tremeu com aquele temeroso equívoco.

—Você parece um «yankee» médio em vésperas de eleições presidenciais: nenhum sabe quem é Lesseps, nem onde fica o Suez.

Então, ufano, num alarde de conhecimentos, precisei as coordenadas: San-Marino, latitude 43°, 56' e 06", longitude 12°, 26' e 56", a Leste de Greenwich, entre as mui nobres províncias italianas de Pesaro e Forlì, sobre o Adriático, à vista do marechal Tito.

—Basta! Basta!

—Aprendi isto em pequenino, quando andava com o chapéu alto dos alunos de Oxford. Não sei se sabe que residi, durante alguns anos, em Inglaterra!

O sr. Romanini mostrava-se displicente. Compreendemos — eu e James Wilson — que em nada o interessava o remoto Estado san-marinese, mais tamaninho que um selo de correio de 35 liras, senão um daqueles doirados e inexistentes reinos que Walt Disney inventa, no cinema, para distrair os «bambinos», e que parecendo diferentes são sempre, fabulosamente, iguais na sua extra-planetária fantasia. Dir-se-ia que, para o conspícuo funcionário da C. I. T., San-Marino, era um insignificante ponto geográfico, na carta da Europa, só visível, perceptível, através de um microscópio Zeiss.

Estado de guerra

E — quem sabe? — talvez uma feia ruga, uma excrescência a distorcer, no afrodisiaco corpo de alabastro da sua bela pátria.

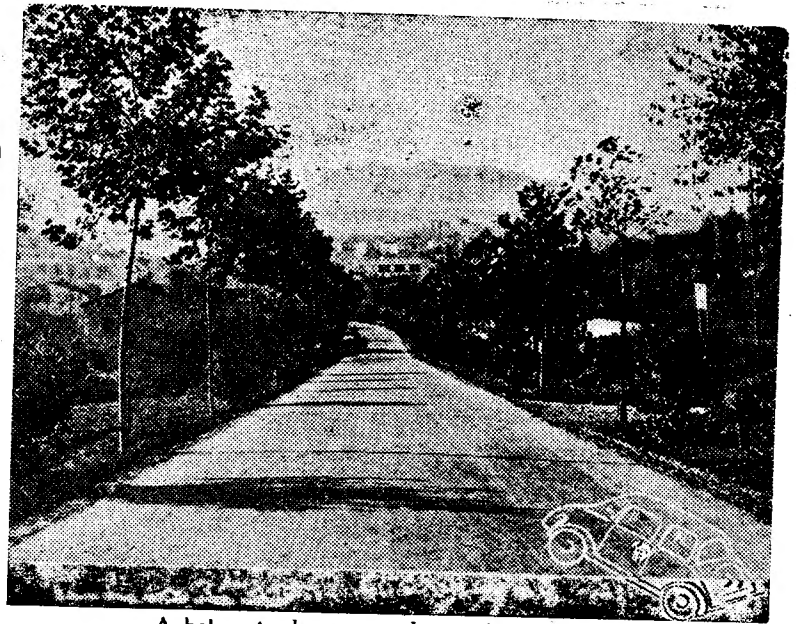
—Tem algum guia?

—Niente!

—Um prospecto elucidativo!

—Também não!

Na verdade, Romanini ou sofria uma indigestão de «ravioli», ao «pomodoro», ou estava, correctamente, aborrecido com o mau gosto dos dois peregrinos. Viemos mais tarde a saber que embora melhorada as relações diplomáticas entre as duas republicas, a de David e Golias, isto é, a do sr. Nani e a do sr. Gronchi, não atingiram ainda



A bela estrada que conduz ao Monte Titano

dentro dos esquemas da O. N. U. aquela fase tranquila de convivência internacional, que caracteriza os Estados evoluídos e desambiciosos.

A Itália bloqueou San-Marino

Em 1951, mesmo já quando uma branquíssima paz, promissoramente, rolava pela Europa, os dois países estiveram à beira de uma pavorosa guerra que se não mobilizou esquadras de alto bordo, a não ser fluviais, visto San-Marino ter apenas, como rio, o estreito e pedregoso Marecchia, podia ter congregado fulminantes e poderosos exércitos ao assalto do Monte Titano, no qual, altivamente, assenta, sobre um escarpado e alteroso rochedo de 750 metros de altura, entre abruptas faldas, rodeada pelos escavados contrafortes dos Apeninos, a capital do indomável Estado, tão exíguo e esdrúxulo nos seus sessenta quilómetros de território.

O «casus-belli», fora provocado pela Itália, que bloqueara o pequeno Estado levantando-lhe na fronteira as linhas férreas, com o pretexto de que ali se jogava, como adiante explicaremos.

1650 anos de existência

—Aconselho-vos a levarem uma fita métrica!—alvitrou ao lado um qualquer «lazzarone», que nos estava ouvindo. Parecia mesmo da família o «quindama».

Como em certa cidade da península ibérica, onde me refugiei durante a guerra, respondi tal um cacto erigido de espinhos:

—A conversa não é com crianças, capite?

Wilson, muito formalizado por não se respeitar o direito das gentes e dos povos, como San-Marino, que tem 1650 anos de nobre existência histórica—declarava:

—Não somos «agrimensores!» Quanto muito possa medir o desconhecido comendador com alguns «swings» bem puxados!

Percurso para San-Marino

—Calma, Wilson! Tolere o espírito desse «piccolino». Guareschi que veio de Parma (o autor de «Don Camillo» e outras versões é da terra das violetas) saborear a Roma os bons «Spaghetti».

—Qual o melhor percurso para irmos a San-Marino? — inquiri do funcionário que ao telefone, parecia atender o duque de Windsor a essa hora de «slip», entre duas «mostras» do festival cinematográfico, lavando os pés, na celha do banheiro, nas elegantes e doiradas areias do Lido, vendo ao longe a bela dogaresa veneziana.

—Ir a Rimini, no Adriático! Se quiser pode descansar em Ancona, onde, na Idade Média, os corsários vendiam as famosas escravas da Ilíria. Ou, então, seguir directamente por Falconaro. Não tem, na última hipótese, que mudar de carruagem.

Em mangas de camisa

No dia seguinte, Wilson e eu, com palamenta ligeira sob um calor reverberante, embarcávamos num comboio electrificado, directíssimo, que atingia a velocidade einsteiniana do átomo. De tal maneira ia atulhado de gente nos corredores e nos compartimentos, que comia, bebia, gesticulava, amava e vociferava, tuisticamente, em todos os idiomas planetários, que o digno representante do «Daily Telegraph», trinta quilómetros depois, familiarmente, como os «vitteloni» romanos, pôs-se em mangas de camisa, e pisado, soterrado por um anafado «parrucchiere» que paradoxalmente calvo, falava pelos cotovelos, se propunha tirar as calças, quando lhe

chamei a atenção para uma inocente «fanciula» que borboletava pela carruagem.

—Atentado ao pudor, amigo Wilson! O caso é grave! Na Itália não se pode dar um beijo, mesmo fraternal, nos lugares públicos. Só é permitido o osculo às estátuas de Bernini e às Venus de Ticiano! Qualquer delito de emergência sentimental é condenado com cadeia!

No país dos homens nus

Quando chegámos já noite fechada a Rimini, depois de termos atravessado, longitudinalmente, a península, julgámos cair na paradisíaca ilha de Bali. Nos terraços e jardins dos palácios de luxo, entre emplumadas palmeiras, indiscretos caramanchões, nas ruas, nos cinemas ao ar livre, sob os fogos bagos dos «neons» publicitários ou da comuna, milhares de homens e de mulheres precariamente vestidos sentavam-se ou vagueavam, mostrando a nudez das formas tostadas ao sol, rubras como lagosta cozida.

—Isto não é um país, é uma colónia de nudismo! Será elegante bailar assim? Passar assim? Tomar café assim?—interrogava repetidamente o jornalista inglês, que pretendia vestir o «smoking» para o tardio jantar.

Os que desembarcam

Num automóvel de praça, desdenhando os honestos aurigas,—há sempre um que desembarca!— demos uma volta à procura de um quarto. Percorremos todos os palácios, todos os albergues, gastando mil liras, enquanto o diabo esfrega um olho. Iamos, gloriosamente sujeitos, cobertos da densa poeira da jornada, com a barba por fazer, as malas arrebatadas, e os gerentes dos hotéis ao verem-nos naquele estado lamentoso—e, sobretudo, tão integralmente vestidos—recusavam-nos com o mais olímpico desdém um quarto salvador, onde nos pudessemos lavar, vestir e sair para a rua tal o hirsuto pai Adão andava, no virginal paraíso do Senhor, como parece ser uso na elegante e riminesca praia adriática.

No dia seguinte, seria eleita «miss» Itália, entre todas as províncias da Península, e o acontecimento atrairia tantos forasteiros, que muitos dormiam «à la belle étoile».

Encontrámos, finalmente, um quarto no «Moderno», mesmo em frente da gare ferroviária, com casa de banho universal, para dois andares superlotados de hóspedes. As dez e meia da noite, jántavamos mal. Wilson queria, forçosamente, saber qual era o palácio onde Francesca de Rimini e Paolo criminosamente se amaram lendo aquele livro de fogo (Lancelot) que Dante reabriu no Inferno.

A' vista do Monte Titano

Fomos até às «catinas» da Praça de Cavour, mas a sua reintegração teatral não nos deu o cenário da paixão dos incestuosos cunhados. Os cinzeiros dos escultores da comuna estilizaram em hodierno medievo a grandeza realenga dos sutores Malatestas.

Voltámos ao «Moderno». Tínhamos de acordar cedinho no dia seguinte para, finalmente, penetrarmos no «país da bondade»—a exígua Republica de San-Marino, cujo diadema de luzes, no alto do Monte Titano, avistámos, entre o fulgor das estrelas, recamando o céu avulhado e azulino como a epiderme da rainha de Sabá, nos salmônicos esponsais da noite bíblica.

E, naquele tálamo ardente do Adriático, suavemente, adormecemos!

PIERRE LEGER

NO OBSERVATÓRIO DE NEUCHÂTEL

ZENITH

detém 5 vitórias em 6 anos na categoria de relógios de pulso

ZENITH porto

De ontem para hoje

ENFERMEIROS A MENOS

LEMBRA hoje o «Século» que vão no Porto muito adiantadas as obras de construção do novo Hospital Escolar. A capital do Norte vai, finalmente ter o seu hospital do Estado, uma vez que, até hoje, toda a assistência clínica se tem prestado através da Misericórdia local. Uma pergunta, porém, se põe desde já, premente e inquietante: quem vai cuidar dos doentes das mil camas do novo hospital, se as próprias escolas de enfermagem não habilitam tantos quantos são precisos? Trata-se, é evidente, de um caso de má remuneração o que leva para longe da bela profissão, tantas vocações perdidas para um mister de urgente alargamento de exercício. E se assim é — até porque o problema não é do Porto mas de Portugal — só há que ter em conta a solução de dar a quem a merece a remuneração de que precisa.

CORTEJOS DE OFERENDAS

FOI um domingo particularmente rendoso o que ontem passou sobre a terra portuguesa. Cerca de mil contos se apuraram em localidades do Norte, particularmente votadas ao exercício benfazejo de dar aos pobres o que sobra aos ricos. Cinfães (300 contos), Bombarral (70 contos), Amarante (200 contos), Maia (150 contos) e Santa Comba Dão (180 contos) vieram para a rua com os seus cortejos de oferendas. A par da graça etnográfica, a utilidade das ofertas em dinheiro e os produtos da terra. E é preciso conhecer a penosa economia das Misericórdias, para entender o alcance e o sentido dos números desta colheita rendosa.

A DANÇA DO FOGO

O fogo não é apenas inimigo do frio. É-o também do homem, que não poupa, apesar de vir do tempo das cavernas a sua velha aliança. No melhor da euforia humana, o fogo deita as garras, lambe tudo, como o fez no lugar de Bogim (freguesia de Cerdal). Uma pobre mendiga, de idade muito avançada (Angelina Carretas) tinha-se acolhido à cabana contígua à casa de Julia Nogueira. No melhor da dança do fogo e do conforto da mendiga, arderam a cabana e a casa, ficando muito ferida a pobre velha.

NEVE NO MARÃO

FALTAVA ao cromo do Natal, que se aproxima com as suas botifarras, a alva capa das neves. A um Inverno que parecia eternizar-se pelo Verão adiante parece que se sucede a actualização do calendário. Do Marão, que é das mais lindas serras portuguesas, vem a notícia de que nevou. A terra cobriu-se de neve e os lobos, colhidos pelo imprevisto, vivaram lugubramente, em busca das suas focas.

JORNAL PEQUENO

COM um intervalo de poucas horas, deram-se dois desastres junto do ramal do caminho de ferro, perto de Estombar: foram atropelados Romen Aguiar (10 anos, filho de António Aguiar), que ficou em estado melindroso; e Ana Maria Aleixo (12 anos, filha de José António Aleixo, que ficou também em estado grave. * No canal de Alpiarça (Azeitada) morreu afogado Manuel Joaquim Caniço, de 84 anos, agricultor. * O coveiro António Joaquim, de 72 anos, natural de Amieira (Rêgo da Murta) caiu de uma oliveira e ficou muito ferido; em Tolosa, morreu, também vítima de queda, António Marques Calceteiro, de 72 anos. * Em Nave de Haver, foi ferido com um tiro, disparado pela Guarda Fiscal, o contrabandista António Cerdina, de 38 anos. Diz a crónica que transportava, então, um fardo de contrabando.

A visita presidencial às geradoras eléctricas do Norte

(Continuação da 1.ª pag.)

to, presidente da Camara de Gondomar, e pelos engenheiros José Ferreira Dias, Pais de Faria Machado Vaz, Mamede Fialho e Farnas de Almeida, daquela empresa.

Ainda a morte de Joaquim Manso

O sr. dr. Nuno Simões consagrou, em «O Jornal» do Rio de Janeiro e no «Notícias» de Lourenço Marques um brilhante artigo dedicado à memória do dr. Joaquim Manso, evocando, numa comovente página de memórias, a camaradagem que o ligou ao falecido director do «Diário de Lisboa» desde os bancos universitários.

Também o «Boletim da Casa do Concelho de Ovar» consagrou à memória do dr. Joaquim Manso palavras de homenagem e gratidão pelos serviços que prestou àquela florescente região ribeirinha, de que era grande admirador.

Numerosas foram as publicações, quer nacionais, quer estrangeiras, que dedicaram à memória do nosso saudoso Director sentidos necrologios, resumindo a sua vida exemplar e pondo em relevo as suas nobres qualidades de carácter e os seus admiráveis dotes de espírito. Na impossibilidade de nos referirmos a todos, renovamos-lhes a expressão do nosso mais vivo reconhecimento.

PALAVRAS PARA QUÊ?

DENTES COMO ESTES SO' COM

PASTA MEDICINAL COUTO

CONTRA AS DOENÇAS DA BOCA



to, presidente da Camara de Gondomar, e pelos engenheiros José Ferreira Dias, Pais de Faria Machado Vaz, Mamede Fialho e Farnas de Almeida, daquela empresa.

O sr. general Craveiro Lopes visitou os escritórios da nova organização, os gráficos e maquetas das obras já realizadas e a realizar, referentes à primeira fase da futura estação termo-eléctrica, cujo funcionamento está previsto para o 1.º semestre de 1958, para uma produção de 50 mil quilovatios e cujo custo deve andar na ordem dos 270 mil contos.

A nova estação será alimentada com carvão das minas de S. Pedro da Cova e Pejão, transportado por cabos aéreos, numa extensão de dez e seis quilómetros, respectivamente. Este carvão é constituído, na sua quase totalidade—45 a 52 por cento—por cinzas até aqui inaproveitáveis.

Dirigiu a visita o sr. eng. Ferreira Dias, com o qual o Chefe do Estado conversou largamente sobre o problema hidro e termo-eléctrico do nosso País, referindo, a propósito, a sua visita ao centro de energia nuclear de Harwell, na Inglaterra.

Está previsto que esta obra será realizada em três fases, sendo as duas primeiras para uma produção de 50 mil quilovatios e a terceira para 100 mil.

Quase no final da visita, chegou ao local o sr. ministro das Obras Publicas.

A visita às instalações da Hidro-Eléctrica do Cávado
Ainda em Gondomar, o sr. general Craveiro Lopes visitou trabalhos de terraplenagem e construção de estradas ali em curso, seguindo depois para Braga (Bom Jesus), onde era aguardado pelo governador civil do distrito, presidente do Município local e outras individualidades.

Depois do almoço, o Chefe do Estado visitará a Caniçada e Venda Nova, da Hidro Eléctrica do Cávado, onde deve chegar depois das 15 horas.

A noite, na obra da Paradel, verificará a actividade nocturna do respectivo estaleiro, visitando amanhã a barragem de Picote.

Forças egípcias atacam as tropas franco-britânicas instaladas na zona de Suez

(Continuação da 1.ª pag.)

intransigência do Cairo, devida, em grande parte, ao apoio de Moscovo a Nasser, foi conseguir um acordo sobre as zonas onde a força internacional ficará instalada e quanto ao tempo da sua permanência.

As conferências diplomáticas, em Washington, durante a semana passada, entre Franceses e Britânicos, por um lado, e Americanos por outro, tiveram uma dupla finalidade: procurar conhecer a fundo a opinião americana, relativamente à instalação da força internacional, e apurar se os Estados Unidos concordam, efectivamente, se essa mesma força, instalada no Canal de Suez, até à linha de armistício, deverá conservar-se ali enquanto não se chegar a uma solução duradoura dos problemas do Médio Oriente.

Na ausência de qualquer declaração pública, cre-se, de boa fonte, que os Estados Unidos não estão muito afastados das teorias franco-britânicas, nesta ordem de ideias. Se insistem na instalação rápida da força internacional, é, acima de tudo, a fim de permitir que os seus aliados se conformem com a resolução da O. N. U. sobre a retirada das forças estrangeiras do Egipto. Uma primeira evacuação simbólica seria altamente satisfatória para o Governo americano.

Para além desta fase, os Estados Unidos têm o propósito firme de acelerar, na O. N. U., a preparação de um acordo político a longo prazo. Estão prontos a submeter à Assembleia Geral os seus projectos de resolução, que criariam duas comissões encarregadas de propor soluções definitivas para o Canal de Suez e as relações israelo-árabes. Mas nada se poderá empreender, antes de haver conhecimento dos resultados da missão do secretário-geral da organização internacional.—(F. P.).

Intensifica-se o movimento dos contingentes da força da O. N. U.

NAPOLES, 19 — Está a intensificar-se a chegada de contingentes para a força das Nações Unidas na zona do Canal de Suez.



Quando chega o amor...
...o perfume do beijo
é mais delicado
se for perfume

MEXYL

A PASTA DE PERFUME FRESCO

Um simples centímetro de pasta no escova provoca uma espuma abundante que leva a todos os recantos da boca uma desinfectação total e produz a sensação refrescante de um perfume agradável e discreto

Tubo grande: 14500

Tubo médio: 8500

MEXYL

PASTA DENTÍFICA CIENTÍFICA

FORMULA DOS LABORATÓRIOS

MEXYL S.A.

GENÈVE (SUÍÇA)

As inspecções de sanidade dos vendedores ambulantes

Louváveis medidas têm sido ultimamente tomadas entre nós em defesa da saúde pública. No dia 30 do próximo mês termina o prazo concedido a todos os operários que lidam com produtos referentes à alimentação para estarem habilitados com o respectivo cartão de Sanidade, sob pena de caírem sob a alçada da lei. São empregados de pensões, hotéis, restaurantes, casas de pasto, casas de venda de vinhos, confeitarias, leitarias, «cafés» e mercearias, manipuladores e distribuidores de pão, talhos salsicharias, mercados, fábricas de massas, bolachas e chocolates, refrigerantes, cervejarias, lugares de venda de frutas, hortaliças e criação; distribuidores de leite, bares, vendedores ambulantes de produtos alimentares, etc.

Todos são obrigados a andar munidos, no exercício das suas funções, do respectivo cartão de Sanidade. O movimento de candidatos às inspecções na Delegação de Saúde do Distrito de Lisboa tem sido grande (cerca de 300 e 400 pessoas por dia), logo às primeiras horas da manhã. Impossível inspecionar todas no mesmo dia. Já estão marcadas inspecções para o dia 18 do mês de Fevereiro do próximo ano, tendo os candidatos recebido uma convocação, com a indicação do dia e da hora em que se devem apresentar. Com este papel encontram-se a salvo de multas e garantem o exercício das suas funções, que, de contrário, estariam impossibilitados de a exercer.

Muitos dos inspecionados já têm sido forçados a abandonar temporariamente as suas funções por doença. Durante o próximo ano, a fiscalização vai ser rigorosa para os que não estejam munidos do cartão de Sanidade ou da senha indicando o dia e mês em que devem ser inspecionados. Todos têm, portanto, vantagem em se tratarem das doenças de que sofrem e que sejam contagiosas. Aí fica o aviso.

Durante a madrugada, aterraram no aeródromo de Capodichino três «Globemasters» norte-americanos, com 32 oficiais e 165 soldados de um regimento de infantaria norueguesa, que vão seguir imediatamente para o Suez. Chegou outro avião, com equipamento pesado, pertencente ao contingente norueguês, incluindo «jeeps», canhões antitanques, munições e abastecimentos.

Três aparelhos suíços, com oito oficiais e noventa e oito soldados dinamarqueses, partiram às 7 horas para o Suez. Mais tarde, seguiu outro avião, do aeroporto de Capodichino, com outro carregamento de armas, munições e provisões. — (A. N. I.).

Resistência passiva, em Port Said, contra as forças franco-britânicas

PORT SAID, 19—O comando militar britânico pediu que lhe sejam concedidos novos poderes para acentuar o domínio militar em Port Said, com o intuito de combater uma campanha de intimidação e resistência passiva local.

Um comunicado do Exército britânico informou, durante a noite, que as tropas egípcias da zona do Canal tinham violado o «cessar-fogo» com um ataque de metralhadoras contra as posições anglo-francesas. Os Britânicos não ripostaram. — (R.).

Assalto britânico a um foco de resistência

PORT SAID, 19 — Uma força assaltante, transportada em helicópteros, desembarcou, ontem, numa pequena ilha no lago Manzala, apoderou-se de armas e munições e fez três prisioneiros.

O assalto foi feito por seis helicópteros e os soldados britânicos desembarcaram na ilha, a cerca de oito quilómetros desta cidade, onde está instalado o Real Clube dos Caçadores.

A força atacante foi alertada depois de um helicóptero de patrulha ter avistado 10 Egípcios naquela ilha. Numa rápida busca às habitações existentes na praia, em volta do clube, foram encontrados aqueles Egípcios, cinco espingardas checoslovacas e munições. — (R.).

O problema da desobstrução do Canal

CAIRO, 19 — Uma fonte responsável afirmou que «o acordo com o secretário-geral das Nações Unidas, Dag Hammarskjöld, reside em realizar a desobstrução do Canal somente depois da retirada das forças agressivas. O Egipto não pagará essas despesas, visto que não foi responsável pela paralisação da navegação e a desobstrução deveria ser feita por empresas de países neutrais, como por exemplo a Holanda e a Dinamarca». — (R.).

E' vítima de uma má digestão?

A má digestão é causada frequentemente por um excesso de ácido. Esta hiperacidez interrompe a digestão e causa azia, perturbações do estômago e a desagradável sensação de enfartamento depois das refeições. Quanto mais nos afligirmos com este mal-estar, mais o agravamos.

O alívio é simples

Há um preventivo eficaz e inofensivo, a MAGNÉSIA «BISURADA». Tomada depois das refeições, a MAGNÉSIA «BISURADA» suaviza as membranas inflamadas das paredes do estômago e neutraliza o excesso de acidez. Uma vez acalmado e aliviado, o estômago volta a poder funcionar normalmente e então será possível saborear novamente as refeições. MAGNÉSIA «BISURADA» — para alívio rápido da indigestão. Em pó e comprimidos.

NÃO SOF NEM MA UM MINI

Tome Melh e corte ess

Quando tome Mel Melhoral, alivia tensões musculares. Ou não



As novas concentrações de tropas soviéticas em território húngaro

(Continuação da 1.ª pág.)

dade na qual os Vienaenses ainda há dias me diziam não acreditar. São eles e mais ninguém que tenho de ouvir.

Ainda tenho a mão pousada no auscultador. Olho através da janela e surge-me um retalho anódino da vida desta capital outrora romântica e sempre encantadora, onde os jovens trocaram os salões e as salas rodopiantes pelas caves onde imperam os «teddy-boys» e o «rock and roll» com coca-cola. Desdobra-se ante os meus olhos a vaga humana que sobe e desce a Mariahilfstrasse.

Agitam-se dúvidas dentro de mim. Corresponderá à verdade a notícia da entrada de novas tropas russas na Hungria? Essa seria a confirmação das raras opiniões pessimistas que aqui escutei.

Serão então necessários duzentos mil homens para aniquilar um «maquis» cada vez mais enfraquecido pela falta de comida, de armas e de medicamentos, refugiados, ainda por cima, em florestas da margem do Danúbio, onde já caem as primeiras neves?

A mais simples lógica leva a concluir o que, aliás, os meios políticos e diplomáticos aqui pensam: que a ideia de uma invasão eventual da Austria é absurda. Quero, no entanto, saber como a população desta cidade, que durante anos bem penosos sofreu duas ocupações, encara a impressionante notícia.

Corro pelas ruas, entro nos «cafés», ouço ao acaso todos os homens que encontro e com quem posso comunicar. Desde a frívola e «sexy» empregada do restaurante de luxo ao motorista de táxi, ao dono da cervejaria, ao pacato cidadão que regressa a casa e me olha com desconfiança.

Eis um género de trabalho que

gosto de fazer. Estes homens e mulheres podem não entender muito de política, mas possuem um sentido especial, como que um instinto secreto, que lhes permite absorver o essencial do acontecimento e reagir assim atiladamente. Empregados de hotéis, funcionários públicos, vendedores de jornais passam também pelo meu crivo de interrogações.

A notícia espalhará-se rapidamente por toda a cidade.

O telefonema que entretanto faço a uma preponderante figura do corpo diplomático confirma-me que se tratava de uma das notícias mais sensacionais que têm aparecido nos últimos dias e no desfilar destas semanas de tão alta importância para o futuro do Mundo.

O resultado do meu trabalho, posso dizê-lo, tem um significado positivo. O vienense, poderia dizer o austriaco, saboreia gostosamente a sua recente independência e coisa alguma há que abale a sua profunda convicção de que aquela será mantida. Seria faltar a uma verdade dedutiva e evidente afirmar que a notícia não provocou certo sobressalto, mesmo uma vaga interrogação. Esse sobressalto levava muita gente a acambárcar, há mais de duas semanas, géneros alimentícios ou a procurar poiso seguro no estrangeiro.

A melhor resposta foi-me dada por um funcionário do meu hotel, que gosta de filosofar comigo te um lábio e de cofiar o pequeno sencial pensamento de todos quantos ouvi. Disse-me ele com o seu habitual gesto de morder levemente um lábio e de cofiar a pequeno bigode loiro:

— Não herr da Costa, não creio numa invasão...

Depois fez um silêncio meditativo, um pouco poseur, roçando a sua angelica gordura de bom apre-



Falando a um intelectual que figura na multidão dos refugiados

ciador de cerveja pelo balcão e acrescentou:

— Bem vê... Uma invasão da Austria por tropas russas traria sérias consequências internacionais. Um país, mesmo poderoso como a União Soviética, não pode entrar em guerra, porque uma invasão do nosso país acarretaria a intervenção do Ocidente. Já não é concebível.

E disse ainda:

— Guerra é suicídio nesta era do átomo e tanto uns como outros têm demasiado amor à vida e têm demasiados interesses a defender, boas ou más causas para abraçar...

O seu pensamento continua a desenvolver-se. Ouço-o sem uma palavra de comentário:

— Quem tem tanta coisa em jogo nunca se matou. Assim, esta atitude não passa de mais uma cartada que se lança para a mesa. E, que eu saiba, nunca qualquer jogador conseguiu jogar sem ter peões e sem ter baralhos... Acredite que é assim mesmo. Good night herr Da Costa...

E. C.

Devido ao nevoeiro esteve suspenso o tráfego aéreo

Por causa do nevoeiro, o aeroporto de Lisboa suspendeu o tráfego entre as 7 e as 11 horas. Por tal motivo, o avião da Aerolineas Argentinas, procedente de Buenos Aires, seguiu para Madrid, não voltando a Lisboa, na sua viagem para Roma; o avião da P. A. A., procedente de Africa, tomou também o rumo de Madrid, de onde chegou só às 12 e 30; o avião da Panair, vindo do Brasil, foi aterrar na Granja do Marquês, tendo aterrado depois ao aeroporto de Lisboa às 11 horas; outro avião da P. A. A., procedente de Nova York, sobrevoou Lisboa a partir das 9 e 43, só conseguindo aterrar depois das 11 horas.

Os movimentos de partida dos aviões da Swissair e da Lufthansa fizeram-se também com sensíveis atrasos.

Ministro da Marinha

Completa hoje 63 anos o sr. almirante Américo Tomás, que há mais de 12 sobraça, com um notável aprumo, a pasta da Marinha. Por esse motivo, muitos oficiais da Armada e amigos pessoais passaram hoje pelo Ministério da Marinha ou pela sua residência, a deixar os seus cartões de parabéns.

Um navio de madeira para os serviços de desmagnetização

Realizou-se esta tarde na antiga doca do Bom Sucesso, a cerimónia da flutuação de um navio, construído em madeira e encomendado pelo Ministério da Marinha, destinado aos serviços de desmagnetização da Armada. O barco foi colocado na água por uma cabra do Porto de Lisboa, na presença de vários convidados.

Morreu atropelado e deixou cinco filhos

LOBITO, 19. — Faleceu, vítima de atropelamento, Joaquim Jaime Monteiro, de 43 anos, natural de Viana do Castelo. Era casado e deixa cinco filhos menores. — (L.).

“Um dia saberá”

Processo sumário

Quem tem filhos...

A sr.ª Maria Madalena, de saia e casaco de fazenda cinzenta, luvas brancas, malinha preta, mãos cruzadas sobre o ventre, apresentou-se a responder no Tribunal da Policia, perante o juiz sr. dr. Saudade e Silva, por não ter pago a multa em que fora autuada por ter um cão sem licença. Era a segunda vez que a multavam pelo mesmo motivo, apesar de não ter qualquer cão. O que tem é um filho de 8 anos, o qual, tudo que pode apanhar, bolos e pão, é para dar aos cães que enfiaram a rua onde mora. A mãe, de dia anda a trabalhar e o pequeno fica em casa. Como mora num rés-do-chão baixo, os cães são, durante o dia, o enlevo do filho. As testemunhas confirmaram as suas declarações, pelo que o magistrado absolveu a sr.ª Maria.

Um banho de água fria, antes de entrar no tanque

O trabalhador Manuel Carlos foi um dia destes, com outros rapazes, a uma quinta particular, cujos portões e muros estão deitados abaixo. Iam com o objectivo de tomar banho num tanque com peixinhos encarnados. Dias antes, haviam estado ali outros rapazes a tomar banho, como se aquele tanque fosse uma piscina pública, mas o pior é que mataram alguns dos ditos peixinhos. Desta vez, o caseiro e o pessoal da quinta estavam vigilantes e, quando o Carlos se encontrava encostado à piscina e se dispunha a tomar o seu banho, foi surpreendido pelo pessoal, que o deteve e o levou ao posto da G. N. R., onde lhe levantaram o respectivo auto.

Foi condenado em 50\$00 de multa e 50\$00 de imposto, sendo esta última importância declarada inconvertível. No final, o magistrado advertiu o rei de que não voltasse a repetir a cena, pois não podia tomar banho em tanques de quintas particulares, sem pedir autorização aos donos.

Foram os 73 anos que o salvaram

O sr. Manuel, com os seus 73 anos de idade, coreando de uma perna, é um velhinho simpático e simpático. O seu aspecto irradia simpatia, assim como as suas expressões que revelam uma pessoa dotada de bons sentimentos. Foi surpreendido próximo do Bairro da Encarnação a vender tomates e feijão verde com balanças e pesos sem estarem aferidos. O subchefe da Policia que o autuou encontrou outros vendedores nas mesmas condições e só não lhe desculpa a falta pelo facto de outros, nas mesmas condições, terem já sido autuados.

Quando o magistrado sr. dr. Saudade e Silva lhe perguntou se já havia respondido ou sido condenado alguma vez, respondeu:

— Não sr. dr. juiz, nem uma coisa nem outra. Nem sequer fui ao Limoeiro, com a idade que tenho, como visitante...

Em relação ao caso de não levar as balanças e os pesos aferidos declarou que havia perdido as balanças emprestadas naquele dia, pois não costumava vender feijão verde nem tomates, mas naquele dia lembrou-se disso.

— Tem mais alguma coisa a alegar em sua defesa?

— Só tenho a pedir ao sr. dr. juiz que me perdoe. Dinheiro não tenho...

O magistrado profere a sentença: Não se provou com suficiência que o rei, na ocasião da autuação, houvesse usado as balanças e os pesos referenciados, pelo que o absolve e manda em paz.

O magistrado observa:

— Vai absolvido; é um prémio à sua idade e ao seu comportamento, mas não volte a andar com balanças, nem pesos sem serem aferidos.

Foi pior a emenda...

Há pessoas que, pelo facto de conhecerem o sr. A ou o sr. B, se julgam de importância tal que nas ocasiões difíceis tudo podem resolver. Basta evocar os nomes dessas pessoas para que os que procedem com justiça se atemorizem e ainda lhes peçam muita desculpa. Perante estas irreverências atemorizantes há ainda, todavia, quem se mantenha firme no exercício das suas funções e não vacile. Foi este o caso do mecânico Franco, homem alto, de aspecto doente, humilde e trabalhador. Há dias apareceu-lhe certo indivíduo a pedir-lhe que reparasse o seu automóvel, o que fez. Era um «ganchito», tanto mais que estava sem trabalho. Foi necessário experimentar o carro e o mecânico, que não é encartado, mas que desde a idade dos 13 anos lida com automóveis, foi fazer a experiência pouco depois da meia-noite, mas com tanta infelicidade que tomou pela direcção proibida. Um guarda da Policia mandou-o parar para o advertir, sem intenção de o autuar, pelo facto de o equívoco se justificar. Mas surgiu o dono do carro, a invocar as suas amizades. O guarda tratou logo de pedir os documentos ao condutor do carro, que não os apresentou por os não ter, limitando-se a descrever a sua vida. Quando o guarda se encontrava emocionado e talvez disposto a mandá-lo embora, eis que surge de novo o dono do carro a invocar os seus conhecimentos e a dizer ao mecânico que se não apoquentasse. É claro que o pobre mecânico foi preso e respondeu dois dias depois no Tribunal de Policia perante o sr. dr. Saudade e Silva que o ouviu atentamente. Em seguida foi dada a sentença. Provou-se o delito, pelo que foi condenado em 1.000\$00 de multa, 3 dias de prisão substituídos a razão de 10\$00 diários e 50\$00 de imposto, sendo esta última verba inconvertível.

O dono do carro depois de ouvir ler a sentença pediu licença ao magistrado e perguntou-lhe se não havia recebido uma recomendação de um determinado senhor... O magistrado, compreendendo o temperamento do interpellante, respondeu-lhe com um leve sorriso:

— Aos juizes não se fazem pedidos...

Com esta lição talvez, o proprietário do automóvel tenha compreendido que as recomendações, em certos casos, só servem para comprometer e prejudicar, como sucedeu ao pobre mecânico que esteve mesmo à beirinha de se safar dos apuros por que passou, se não fosse a «importância» invocada pelo dono do carro.



RA
IS
UTO!
oral
a dor de cabeça
sentir dores de cabeça, vá pelo seguro e
oral. Tome um ou dois comprimidos de
o alívio não se fará esperar. Melhoral
em rapidamente as dores de garganta, do-
lares e reumáticas, nevralgias e enxaque-
ando sentir dores de cabeça, constipação
est-estar geral, obtenha alívio imediato to-
ndo Melhoral.



2 COMPRIMIDOS: ESC. 1\$00 - CAIXA DE 24: ESC. 10\$50

O Dr. BUTANO, prudente e sábio - 15



— Traz tu o calorifero! O resto levo eu!

O barbear mais perfeito do mundo!

Esc
35\$00

O **NOVO** estojo
Gillette 1957

- Uma máquina de rápido manejo
- Um "dispenser" com 4 lâminas Gillette azuis e compartimento para lâminas usadas
- Um elegante estojo de viagem



Num ápice coloca
uma lâmina nova

Use **Gillette** andará barbeado o dia inteiro

NOVIDADE

EM LANTERNA DE BOLSO

RECARREGÁVEL

AccuLux



SEM PILHAS •
CARREGÁVEL PELA SIM-
PLES LIGAÇÃO A COR-
RENTE ELÉCTRICA ALTER-
NA 110 OU 220 VOLTS •

DISTRIBUIDORES **C. SANTOS LDA.** AV. DA LIBERDADE, 29-41

Dizem os leitores...

Falta de conforto nos «cacilheiros»

Um grupo de leitores residentes na Outra Banda queixa-se-nos de que, embora estejamos já a sentir temperaturas de Inverno, alguns dos barcos do Terreiro do Paço — os chamados cacilheiros — fazem o transporte dos passageiros sem qualquer atenção pelas correntes de ar originadas pela falta de lonas de resguardo á proa, devidamente adaptadas. Outros têm as lonas no primeiro andar, mas em condições impróprias para salvaguardar a saúde dos passageiros, que deve, sem dúvida, merecer da parte das empresas o maior cuidado.

Aqui fica o nosso alvitre a todos os proprietários dos barcos desta carreira, certos de que tomarão as providências necessárias para que os transportes sejam feitos com um mínimo de conforto.

Os tripulantes da Marinha Mercante aguardam o paga- mento do aumento de ordenado

O sr. João Náutico, residente na Rua do Limoeiro, escreve-nos a pedir que chamemos a atenção de quem de direito para o facto de as companhias de navegação não pagarem aos tripulantes o aumento de 125\$00 por mês, ordenado por despacho do titular da pasta das Corporações, a partir de 1 de Julho ultimo. As referidas companhias, bem como as agências estrangeiras, recusam-se a pagar o aumento, não obstante o aviso da Junta da Marinha Mercante — diz-nos o signatário, que acrescenta:

«Os tripulantes do «Gil Eanes» receberam o aumento logo que a respectiva circular chegou ao conhecimento dos organismos da pesca, honra lhes seja feita».

Acontece, ainda, diz-nos o sr. João Náutico, que há muitos tripulantes, que entretanto se desempregaram, aos quais o pagamento em atraso faz imensa falta.

VIDA ARTISTICA

Grupo Português de Aquarelistas

Encerrou-se ontem a 9.ª exposição do Grupo Português de Aquarelistas, realizada na S. N. B. A. Estiveram representados no certame artistas como Mário Salvador, Silva Lino, Alfredo Moraes, Narciso de Moraes, J. A. Marques, Augusto Bertolo, Caldeira Martins, Charo, José Tanqueiro e Joe. De um modo geral, foram expostas paisagens de carácter romântico, suaves e delicadas, observando-se ainda, por parte de alguns artistas, uma tentativa de renovação temática e técnica. No acto de encerramento, os expositores ofereceram a Alfredo de Moraes um album com trabalhos especialmente executados para a homenagem com que distinguiram o seu decano.

Exposição Francisco Maya

Inaugura-se esta tarde, numa das salas do Palácio Foz, sob a égide do S. N. I., uma exposição constituída por dezenas de quadros a óleo, na sua maioria inspirados em motivos marítimos.



O RELÓGIO DAS HORAS EXACTAS



EVITA A QUEDA DO CABELO

Ondula, Perfuma e conserva a «MISE EN PLIS»

DINEL

Trata cabelos ressequidos, queimados e prespontados

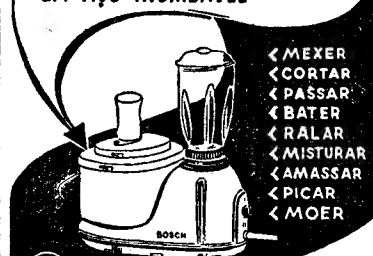
DEPOSITARIO EM ALMADA

FARMÁCIA CENTRAL DE ALMADA

RUA DE OLIVENÇA, 11 — Telef. 070504

BOSCH Máquina de cosinha

COM RECIPIENTE PARA MASSAS,
EM AÇO INOXIDÁVEL



◀ MEXER
◀ CORTAR
◀ PASSAR
◀ BATER
◀ RALAR
◀ MISTURAR
◀ AMASSAR
◀ PICAR
◀ MOER

TUDO ISTO EXECUTA A

MÁQUINA BOSCH

PREÇO RECLAME: 3.950,

4 Refrigeração

POLAR

LIMITADA

R. DA TRINDADE, 66 % - FRENTE - TEL. 23081 - LISBOA



TELEVISÃO



**D. Helena Curry Cabral
Beirão da Veiga**

FALECEU

A redacção e administração da revista «O Volante» cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da Esposa do seu presado Director, sr. professor dr. Caetano Beirão da Veiga e que o seu funeral se realizou hoje para o cemitério dos Prazeres.

DISCOS



A VENDA NAS BOAS CASAS
REVENDEDORAS

O PORTO pelo telefone

Caiu da bicicleta

PORTO, 19.—Da bicicleta que montava, caiu, sofrendo fractura de clavícula e escoriações, o taneiro José Ferreira Ramos, de 47 anos, de Saconde, Gaia. Ficou internado no Hospital de Santo António.

A segunda, foi preso...

Um guarda de serviço na Rua Rainha D. Estefânia, prendeu o trolha Joaquim Domingos, de 34 anos, morador na Rua Francisco Rocha Soares, 1, quando pretendia entrar num terreno murado, de que é proprietário o dr. Rolando Wanzeler.

O preso confessou ser seu intuito furtar dali o suporte de um motor que havia já furtado de manhã, na primeira incursão.

O nome de Salazar :

foi dado a um largo da vila de Tábua

TÁBUA, 19.—Ao largo principal desta vila foi dado o nome do sr. dr. Oliveira Salazar, numa cerimónia a que assistiram os presidentes da Câmara Municipal deste concelho e da junta de freguesia local.

Depois de se descerrar uma lápida comemorativa do facto, momento em que usaram da palavra as duas entidades citadas, efectuou-se um almoço em casa do sr. José Crisogno Gil.

De manhã celebrou-se missa na Igreja paroquial.

Portugueses homenageados

nos Estados Unidos

OAKLAND, 18 — O comandante-aviador José Cabral, adjunto do vice-presidente da TWA na Europa, foi homenageado pelo «mayor» desta cidade, sr. Clifford Rishell, com um almoço a que assistiram muitas individualidades, entre as quais algumas ligadas por amizade a Portugal. Aos brindes, bebeu-se pela prosperidade de Portugal e dos Estados Unidos. A recente viagem do «mayor» a Portugal, Moçambique e Angola foi largamente comentada por aquela autoridade que se referiu, com entusiasmo, à obra dos portugueses nas suas províncias ultramarinas e à acção cristã e civilizadora de Portugal, a quem a Califórnia tanto deve.

Por sua vez, os srs. general Lopes da Silva, tenente-coronel Casimiro Gomes, major Bettencourt e major Frade, este do Exército americano, foram homenageados com um jantar, em San Francisco, pelo comandante José Cabral e pelo sr. John Faria, da «Carvalho Travel Agency», em San Francisco, por ocasião da condecoração do general Lopes da Silva, com a Legião de Mérito.

Os que especulam com a carne

Em Viseu, por virtude de queixas recebidas dos consumidores, foi fiscalizada a venda de carne, tendo sido autuados três talhantes que estavam a vender vitela com abusivo aumento de preços que, no quilograma, atingiam, respectivamente, 6\$90, 9\$50 e 13\$80. Da actualização das brigadas, resultou uma baixa sensível nos preços.

Em Viana do Castelo, foi preso o cortador Benjamin da Costa Miranda, que vendeu cachapo por cernelha, ou seja, carne de vaca do preço de 16\$00 o quilo, por 28\$00. Pagou 5 contos de caução, aguardando julgamento.

Em Évora, foi preso, em flagrante, o cortador Manuel José Gordo, por ter vendido uma porção de carne de vaca com um aumento abusivo, que corresponde a 4\$80 em quilo. Foi caucionado em 2 contos.

O maior «iceberg» até hoje assinalado

foi visto no Antártico

NOVA YORK, 19.—Um quebra-ge-los da Marinha americana avistou, no Antártico um «iceberg» com uma área de 20.000 quilómetros quadrados, o maior de que há memória — segundo informa o «New York Times».

O «iceberg» foi avistado a cerca de 240 quilómetros da ilha de Scott e tinha 333 quilómetros de comprimento por 96 quilómetros de largura. — (Reuter).

A pacaça

matou o branco e a preta

matou a leoa

LUANDA, 19 — Quando andava à caça com uns amigos na região de Nambuangongo, perto de Ambriz, foi atacado por uma pacaça, que o feriu gravemente, o comerciante Daniel Franco, o qual, conduzido a sua casa em estado desesperado, faleceu momentos depois de ali dar entrada.

Dizem de Serpa Pinto que a poucos quilómetros da sede deste concelho, foi morto por uma leoa o irmão do Soba Luneta, atacado de surpresa junto da cubata quando se aquecia ao fogo com sua mulher. Esta, que é indígena, armou-se de um pau de pilão e lançou-se sobre a fera. A valente negra, apesar de ferida, conseguiu dominar a fera e, acertando-lhe várias vezes na cabeça, matou-a. — (L.).

Fazia despesa

por conta própria

um cozinheiro do Bairro Alto

Num dos últimos dias, pelas 7 horas da manhã, o agente Mendonça, da secção Central da Polícia Judiciária, viu sair de um restaurante da Rua da Barroca, aqui no Bairro Alto, um homem que transportava uma pasta que parecia muito pesada. Suspeitando do conteúdo, convidou o portador a identificar-se e a mostrar o que levava. O interpelado era David Baptista Nunes, cozinheiro daquele restaurante, o qual conduzia clandestinamente géneros dali furtados: linguados e mariscos, carne de porco já em vinha-de-alhos, queijos e garrafas de azeite e de vinhos de marca. Interrogado, caiu em contradições e, passada busca à casa onde vive, foram ali encontradas 35 garrafas de vinhos do Porto, de espumoso e de whiskey.

O proprietário do restaurante, sr. Alfredo de Almeida, avalia em cerca de 100 contos os furtos que o seu cozinheiro vinha praticando ali, havia já cinco anos.

O David Baptista Nunes ficou preso, sem admissão de fiança, e o processo vai ser organizado pelo chefe Pereira da Graça, da 5.ª secção da P. J., auxiliado pelo agente Catarino.

A Junta de Freguesia de Arroios

prestou homenagem

ao com.º Tenreiro

A Junta de Freguesia de Arroios foi hoje visitada pelo sr. comandante Henrique Tenreiro, presidente da comissão concelhia de Lisboa da U. N., o qual era ali aguardado pelos membros da referida junta e pelas crianças da escola. O sr. comandante Tenreiro visitou todas as dependências e instalações dos serviços clínicos, gabinetes de Raios X, de oftalmologia, odontologia e o posto de enfermagem e de consultas médicas. Estas dependências, inauguradas em Maio último, são acanhadas, pelo que os membros da junta tencionam adquirir um terreno, pertença do Ministério das Finanças, na Rua Ponta Delgada, para ali instalarem em edifício próprio a sede e todos os serviços médicos.

O sr. comandante Tenreiro prometeu interceder junto dos srs. ministro das Finanças e subsecretário do Tesouro para a cedência do referido terreno.

Em seguida, dirigiram-se todos para a secretaria da Junta, onde o presidente, sr. Gomes Barbosa, traçou o perfil do sr. comandante Tenreiro e agradeceu a sua presença, bem como a das pessoas que ali se encontravam. Por último pediu ao representante do governador civil de Lisboa, que descesse o retrato do sr. comandante Tenreiro, em agradecimento pelos benefícios concedidos àquela Junta. Duas crianças entregaram então ramos de rosas, um ao sr. comandante Tenreiro em nome das crianças que frequentam a escola e outro ao representante do sr. governador civil.

O dr. Pedro Anacleto agradeceu, por sua vez, a presença do comandante Tenreiro e pediu a sua influência no sentido da Junta conseguir o terreno da Rua Ponta Delgada para a construção dum edifício para a sua sede. Por fim, o sr. comandante Tenreiro agradeceu o convite para a visita. Referiu-se à acção desenvolvida pelo governador civil no campo de assistência e à da União Nacional e terminou fazendo a apologia da actual situação política.

Assembleias gerais

Para votar um aumento de capital reuniu-se esta tarde a assembleia geral da Cassequel.

Uma apreensão

de notas de 20\$00 estampadas

em papel higiénico !

ENTRONCAMENTO, 19 — Ao ser revistado pela G. N. R., durante as investigações sobre um furto, foram encontradas, na posse de Sebastião Rosário Ferreira algumas notas de vinte escudos, estampadas em papel higiénico, bem como uma estranha «maquineta», religiosamente acondicionada num estojo em couro. O Sebastião Rosário, que é natural de Povoia Nova e tem 30 anos, disse que obtinha as notas falsas aplicando determinado ingrediente nas verdadeiras que depois lhe serviam de matriz para fazer a impressão na tal «maquineta». O caso foi entregue ao tribunal.

As manifestações

do comércio lojista de Lisboa em protesto

contra as violências na Hungria

Conforme o nosso jornal informou, a União de Grémios de Lojistas de Lisboa, em sinal de protesto contra os bárbaros acontecimentos verificados na nação húngara, resolveu pedir a todos os profissionais — patrões e empregados — que hoje, dia consagrado pela Igreja a Santa Isabel, da Hungria, se apresentassem com gravata ou braceleira pretas e que, das 17 e 30 às 17 e 45, sejam encerrados os estabelecimentos, apagando-se toda a iluminação.

Os patrões e os empregados, na sua maioria, responderam ao apelo da União — que foi apoiado por diversos organismos, entre os quais a União de Grémios da Indústria Hoteleira do Sul e o Grémio dos Retalhistas de Mercaria do Sul — apresentando-se, uns com gravatas, outros com braceleiras negras. E a segunda parte do apelo também será atendida, demonstrando-se, assim, a solidariedade dos lojistas de Lisboa e dos seus empregados com o desgraçado povo húngaro.

Também começou hoje, na sede da União de Grémios de Lojistas de Lisboa na R. Castilho, 14, a recolha de donativos em dinheiro, agasalhos, alimentos, remédios e outros artigos, destinados a serem enviados para os necessitados húngaros, por intermédio da Caritas Portuguesa, tendo corrido ali numerosos beneméritos, a contribuir para tão generosa iniciativa.

Despertou o mais vivo interesse a iniciativa dos Grémios dos Armazenistas e Retalhistas de Mercaria do Centro do País de receberem, nos seus pavilhões das Colónias de Férias «Nossa Senhora de Fátima», na Aguda; e «Dr. Oliveira Salazar», na Figueira da Foz; durante a época de Inverno, ou seja de 1 de Dezembro a 31 de Maio, algumas centenas de crianças húngaras que venham para Portugal.

Coadjuva este plano os Grémios de Retalhistas do Norte e do Sul, bem como o presidente da Junta de Província da Beira Litoral, sr. prof. Bissau Barreto, que pôs à disposição os pavilhões da colónia de férias que a mesma Junta tem na Figueira da Foz.

Constituiu-se

a Federação

dos Grémios da Lavoura do Baixo Alentejo

O sr. ministro das Corporações autorizou a criação da Federação dos Grémios da Lavoura da Província do Baixo Alentejo, constituída pelos Grémios da Lavoura de Alcácer do Sal, Aljustrel, Almodovar, Alvitto, Beja, Castro Verde, Cuba, Ferreira do Alentejo, Grandola, Mértola, Moura, Barrancos, Odemira, Ourique, Santiago do Cacém, Serpa, Sines e Vidigueira.

Nos termos dos estatutos aprovados, a Federação tem a sua sede em Beja, representa legalmente os Grémios que participam na sua formação e tutela os seus interesses perante o Estado, os demais organismos corporativos e de coordenação económica.

Com a criação da Federação dos Grémios da Lavoura da Província do Baixo Alentejo fica quase completa a organização corporativa intermédia da lavoura.

Começou hoje

a III campanha de radio-rastreio

dos universitários

Principiou hoje em Lisboa, a III Campanha Nacional Universitária de Profilaxia da Tuberculose Pulmonar, que será extensiva a todos os estudantes dos estabelecimentos superiores de Lisboa, Porto e Coimbra.

Tal como nos anos anteriores esta Campanha é organizada pelo Centro Médico-Social n.º 1 da Mocidade Portuguesa (Departamento Universitário), em ligação com os três Centros Universitários da mesma organização e os três Centros de Profilaxia e Diagnóstico do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos.

O primeiro estabelecimento de ensino superior a ser visitado foi o Instituto Superior de Agronomia, onde actuou, durante todo o dia, uma equipa de rádio-rastreio.

Os serviços médicos da campanha visitarão, sucessivamente a Escola Superior de Belas-Artes, Escola Superior de Medicina-Veterinária, Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, Faculdade de Direito, Faculdade de Ciências e Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, Instituto Superior Técnico, Faculdade de Medicina, Escola Superior de Farmácia e Faculdade de Letras.

Para os universitários de Porto e Coimbra, as actividades começarão, também, na segunda quinzena do corrente mês. Na primeira fase da iniciativa, para reconhecimento do estado de saúde de cada estudante, efectuar-se-ão, em todos os estabelecimentos de ensino superior, diversas sessões de exames que incluem radiografias torácicas e análises de pesquisa da sensibilidade à tuberculina, pela «prova mantoux». Conhecidos os resultados dos exames feitos, iniciar-se-á, depois, uma segunda fase, destinada ao tratamento e eventual hospitalização dos estudantes.

Nas Faculdades e Escolas Superiores de Lisboa estarão afixados, durante a presente semana, os horários das visitas das brigadas médicas da Campanha.

Pequenas notícias

PELOS HOSPITAIS

DOENÇA SUBITA E MORTAL — Foi acometido de doença subita, ao volante de uma camioneta, que estava sendo carregada de estercos na Rua B, às 4.ªs, um motorista de nome Agostinho, com a aparência de 55 anos. Socorrido imediatamente, chegou já morto ao Hospital de São José, de onde o seu corpo seguiu para o Necrotério.

UMA CENTENARIA FRACTUROU UMA PERNA — Augusta Mendes, de 107 anos, moradora na Calçada da Ajuda, 262, 2.ª dt., deu uma queda, em sua casa, há cerca de um mês e sofreu então fractura de uma perna, pelo que agora tendo-se agravado o seu estado, recolheu ao Hospital de São José.

COLHIDO POR UMA CAMIONETA — António Augusto da Costa, de 18 anos, servente, residente no Arco do Carvalhão, foi colhido por uma camioneta em Alges. Transportado imediatamente para o Hospital de São José, aí deu entrada, em estado grave, na sala de observações.

QUEM PERDEU ?

Relação dos objectos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um canário, um par de luvas e um par de meias em «nylon», para senhora; uma caneta esferográfica, uma caneta de tinta permanente, um guarda-chuva, dois tampões de roda de automóvel, uns óculos graduados, uma mala de pelica preta, contendo um lenço de mão e um pente; uma «sombinha», uma capa para canídeo e açamo, um diploma de 2.º grau, um sapatinho para criança, um filtro em ferro, para veículo automóvel; uma pulseira de fantasia, contendo duas medalhas, do mesmo metal; uma mala de mão, com um bilhete de identidade e algum dinheiro; uma bolsa de lona, contendo uma máscara antigás; uma pasta com fecho «éclair», alguns papeis e um carimbo; um par de luvas e luvas desirmanadas; diversas argolas com chaves e chaves desirmanadas.



UNION CHIMIQUE BELGE S. A.

Bruxelas

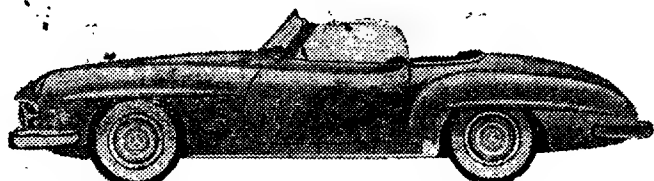
Tem o prazer de comunicar que, nomeou seus Representantes exclusivos, para PORTUGAL, ILHAS e ULTRAMAR, a firma

Mundinter

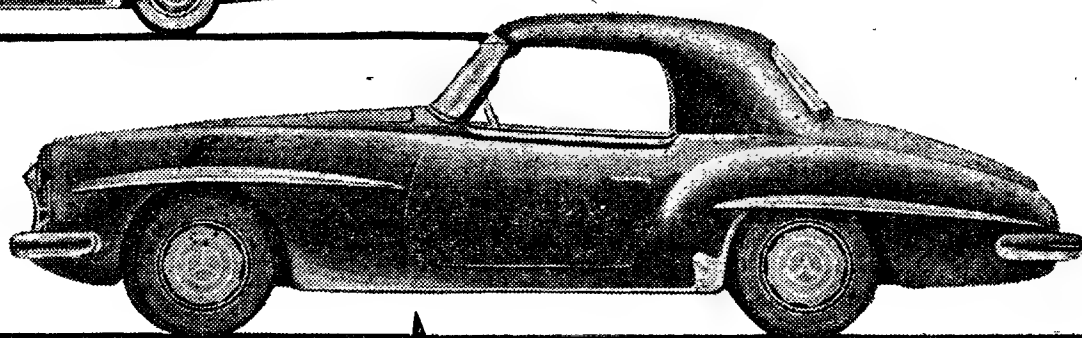
INTERCAMBIO MUNDIAL DE COMÉRCIO, S. A. R. L.
Av. António Augusto de Aguiar, 138 — LISBOA

para os seus Departamentos de:

PRODUTOS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL
ESPECIALIDADES PARA A INDÚSTRIA
PRODUTOS PARA A AGRICULTURA
DÉTERGENTES REAGENTES



UM AUTOMÓVEL DESPORTIVO
E DE GRANDE TURISMO
DE CATEGORIA EXCEPCIONAL



MERCEDES-BENZ

- **Rápido.** Grandes acelerações. Velocidade máxima: 180 km por hora
 - **Seguro.** Travões turbo-resfriados com servo freio. Baixo centro de gravidade. Estabilidade incomparável
 - **Económico.** 8,6 litros de consumo médio aos 100 km. Grande espaço para bagagens
- Novos carburadores tipo 44 PHH, de alto rendimento e permitido arranque instantâneo com o motor frio ou quente

Modelo 190 SL coupe e roadster

C. SANTOS LDA.

29-AVENIDA DA LIBERDADE-41 - LISBOA
160-RUA DE SANTA CATARINA-160 - PORTO
AGENTES EM TODO O PAÍS

GRIPPANYL

PRODUTO SUIÇO CONTRA

GRIPES, BRONQUITES E ASMA
APRESENTADO EM HOSTIAS (NÃO CONFUNDIR
COM COMPRIMIDOS)

A' venda nas farmácias
REPRESENTANTES:

FERNANDO DE OLIVEIRA & C.
Galgada do Sacramento, 28, 2.º
Telef. 27608, 33362/3 - LISBOA

Leiam o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»



**COMPANHIA
COLONIAL
DE NAVEGAÇÃO**

PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«UIGE»

Em 21 de Novembro

«AMBOIM»

Em 30 de Novembro

«PATRIA»

Em 12 de Dezembro

«BENGUELA»

Em 15 de Dezembro

«UIGE»

Em 29 de Dezembro

Chama-se a atenção dos srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

«VERA CRUZ»

Em 10 de Dezembro
Às 12 horas

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»

Em 26 de Novembro

e 28 de Dezembro

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 30131/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 23342

Com escala prévia por Leixões, para:
Las Palmas, Luanda, Lobito e Moçamedes.

Com escala por Leixões, para S. Tomé (se necessário), Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town (se necessário), Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Natal e Porto Amélia.

Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique. Carrega em Lisboa até 5 de Dezembro

Com escala por Leixões, para: Cabinda, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Moçambique. Carrega em Lisboa até 12 de Dezembro

Com escala prévia por Leixões, para: Las Palmas, Luanda, Lobito e Moçamedes. Carrega em Lisboa de 21 a 24 de Dezembro.

Com escala por Funchal, para: S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.

Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Port Everglades (Miami).

A MAIS ALTA PRECISÃO



O relógio de primeira categoria por um preço acessível.

Famoso em todo o mundo

LANCO

GARANTIDO CONTRA TODOS OS ACIDENTES

soha



O APARELHO QUE RESOLVE O SEU PROBLEMA DE INSTALAÇÃO DE ÁGUA QUENTE

ESQUENTADOR DE DISTRIBUIÇÃO AUTOMÁTICO, DE FABRICAÇÃO SUÍÇA COM VÁLVULA DE SEGURANÇA TERMO-ELECTRICA

SUPERIOR QUALIDADE
FUNCCIONAMENTO SIMPLES
ACABAMENTO IMPECÁVEL
CONSUMO MÍNIMO



VÁRIOS MODELOS PARA GÁS E GAZCIDL
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO

Representantes: Avenida Fontes Pereira de Melo, 37 Telef. 59181-2-3
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda. Rua Pinheiro Chagas, 1.º e 1-A, C.º D LISBOA

**TRANSPORTES
RATOR S
AXIS, «asolina» ou «Diesel»**

Das 9 às 0 horas

15 anos a trabalhar somente bombas, injectores e electricidade de automóveis
Garantem-se bons serviços
AVENIDA DA REPUBLICA, 99-B-LISBOA
SPICA — ELECTRO-SERVIÇOS, LDA.

Policlínica do Rossio

L. D. João da Camara, 19, 2.º - T. 20660
Dr. A. Pina Jor.—Crianças—17 h.
Dr. Anacleto Miranda—Olhos—2.º, 4.º, 5.º e 6.º—15,30 h.
Dr. Arnaldo Rodo—Ortopedia (Ossos e Articulações)—3.º e 5.º—15 e às 18 h.
Dr. Cordeiro Lobato—Gar., Nar. e Ouv.—14 h.
Dr. Ferreira Malaquias—Estom., Intest., Fígado-Doenç., Ano-rectais, Hemorroidas—2.º, 4.º e 6.º—19 h.
Dr. Fontoura Madureira—Rins e v. uri.—16 h.
Dr. Joaquim Lobo—Doen. Reumáticas—2.º, 4.º e 6.º—17 h.
Dr. Jorge Falcão—Pele e Sífilis—15,30 h.
Dr. Lobo Antunes—Doen. Nervosas—3.º, 5.º e Sáb.—17,30 h.
Dr. Luís Abecasis—Coração-Electrocardiografia—3.º, 5.º e Sáb.—14 h.
Dr. Luís Leite—Senhoras—Partos—17 h.
Dr. Marques da Gama—Clín. Médica—2.º, 4.º e 6.º—18,30 h.
Dr. J. Mira Mendes—Clínica Geral—Doenç. Pulmonares—14 h.
Dr. Neto Rebelo—Clín. cirur.—Operações—16 h.
Dr. Pereira de Pina—Boca e dentes—17 h.
Dr. Rosário Dias—Clín. Méd. (Doenç. Endocr. e Nutrição)—2.º e 6.º—15 h.
Dr. Formigal Luzes—Agentes físicos
Dr. Gentil Branco—Raios X.
Dr. Reis Valle—Análises Clínicas.

DISCOS



A VENDA NAS BOAS CASAS
REVENDEDORAS

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Centenário dos Caminhos de Ferro

No dia 15 de Dezembro próximo, estará em exposição na estação do Rossio um comboio centenário e o moderno material destinado à electrificação.

Na mesma data, serão expostos, na mesma estação, os trabalhos do concurso «A Juventude e os Caminhos de Ferro» que a C. P. promoveu, integrado nas comemorações do Centenário dos Caminhos de Ferro.



TELEVISÃO



Maria Emília Ribeiro
da Costa Zanatti Rodrigues

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Sua Família participa que amanhã, dia 20, pelas 10 horas, será celebrada missa pelo seu eterno descanso, na Igreja Paroquial da Encarnação.



Artistas e técnicos de cinema reunidos na Lisboa Filme

A divisão de lucros do filme «O Noivo das Caldas»

A Lisboa Filme, que encontrou num grupo de artistas e técnicos, denominado ATA, o máximo apoio para, em regime de cooperativa, se poder dar realidade a um vasto plano de produção, reuniu nos seus escritórios as actrizes Josefina Silva e Ana Paula e os actores António Silva, Erico Braga, Manuel Santos Carvalho, Curado Ribeiro, o director Artur Duarte, que representava o maestro Jaime Mendes, e os jornalistas Fernando Frago e Augusto Fraga, seus colaboradores, para lhes fazer entrega das primeiras quantias relativas às suas participações nas receitas de «O Noivo das Caldas», cuja carreira pelo País constitui um êxito assinalável, demonstrando que, afinal, não fora o público que se divorciara do cinema português, mas este que abandonara aquele.

O sr. D. Francisco Quintela, sócio-gerente da Lisboa Filme e membro do conselho de administração da Tobis Portuguesa, assistiu pessoalmente à reunião e cumprimentou os membros da ATA, saudando, em especial, Artur Duarte pela sua notável actividade em favor da nossa industria de filmes com carácter de continuidade e pelo inofismável êxito do seu novo filme.

O facto merece, na verdade, relevo especial, uma vez que a iniciativa da Lisboa Filme surgiu, exactamente, no momento em que o cinema nacional atravessava a mais cruentante crise, com os estudos paralisados e um ambiente de descrédito que parecia generalizar-se. Desanuvio esse ambiente o filme de Artur Duarte, cuja próxima película, já em preparação pela mesma equipa técnica e integrada no mesmo plano, que tem como director de produção o sr.

Sociedade de Geografia

Uma conferência do dr. Amadeu Ferreira de Almeida sobre a Itália

Na Sociedade de Geografia realiza amanhã, terça-feira, às 21 e 30, uma conferência intitulada «Novas impressões de Itália», o nosso colaborador sr. dr. Amadeu Ferreira de Almeida, que visitou de novo aquele país e falará de Viterbo, onde encontrou em ruínas a capela, onde está sepultado o papa português João XXI, e ainda de Lucca, Pistoia e sobretudo da formosa catedral de Orvieto e seu pintor Lucca Signorelli. Descreverá o «Vittoriale», imponente residência e túmulo de Gabriel D'Annunzio no Lago de Garda.

Presidirá o sr. general Ferreira Martins, assistindo o novo director do Instituto Italiano, sr. dr. Ugo Gallo, sendo projectado um filme sobre a obra de Miguel Angelo na Capela Sixtina.

Estabelecimento TRESPASSA-SE

Loja é 1.º andar, ao Camões. — Tel. 29551.

Em ALCACER DO SAL o «Diário de Lisboa» vende-se na casa João André Moura.

Exposição de trabalhos de tecelagem manual de Sereira Amzalak

Na Rua de S. Bernardo, 108, inaugurou-se, esta tarde, com a presença de entidades oficiais, mais uma interessante exposição de trabalhos de tecelagem manual, organizada pela sr.ª D. Sereira Amzalak. Grande animadora da arte de tecer em casa, em pequenos teares manuais, a sr.ª D. Sereira Amzalak criou, entre nós, uma verdadeira escola que, apesar do seu carácter de industria caseira, não deixa de constituir já hoje uma verdadeira fonte de economia. Muitas senhoras possuem hoje o seu tear, em que tecem não apenas os tecidos das suas «toilettes» mas, ainda, outros aplicáveis num sem-número de pequenas bagatelas da moda feminina que, postos à venda, constituem uma regular fonte de economia caseira.

A exposição que esta tarde abriu na Estrela tem um significado mais vasto, se considerarmos que, com o apoio do Governo, vai agora ser levada à Feira Mundial de Nova York, a realizar entre 14 e 27 de Abril próximo. Daí, o apoio oficial que lhe foi prestado e que revelará, no estrangeiro, as perspectivas de uma industria incipiente, merecedora do mais largo desenvolvimento.

Para o acto inaugural de hoje, foram convidados os srs. drs. Alves Machado, Manuel Monteiro e Vicente Loff, do Fundo do Fomento de Exportação; e Francisco Avilez, em representação do S. N. I.

DE LUTO

D. Helena Curry Cabral Beirão da Veiga

Constituiu uma significativa manifestação de pesar o funeral, que hoje se realizou para o cemitério dos Prazeres, da sr.ª D. Helena Curry Cabral Beirão da Veiga, esposa do sr. prof. Caetano Beirão da Veiga, catedrático jubilado do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, que faleceu em consequência de um desastre de viação, conforme noticiámos. A extinta, que contava 76 anos de idade, era filha do falecido prof. Alberto Curry da Camara Cabral e madrastra dos srs. Caetano Sanguinetti Beirão da Veiga, director da Sociedade Nacional de Sabões, Ld.ª e da Sociedade Central de Cervejas; eng. Manuel Sanguinetti Beirão da Veiga e dr. João Sanguinetti Beirão da Veiga, e irmã da sr.ª D. Isabel Curry Cabral de Carvalhosa, casada com o sr. comandante António Maria Carvalhosa.

A morte da ilustre senhora, que deixa profundas saudades, foi muito sentida por todos quantos conheceram os extremos de bondade do seu coração e o encanto do seu convívio.

O funeral foi uma demonstração evidente do respeito e da admiração que numerosas pessoas lhe votavam e da simpatia e do prestígio de que goza o sr. prof. Beirão da Veiga, a quem endereçamos, bem como a toda a ilustre família enlutada, a expressão do nosso profundo pesar.

Nele se incorporaram numerosas pessoas de todas as categorias sociais, entre as quais os srs. ministro da Educação Nacional; profs. drs. Hernani

Cidade, Moses Amzalak, Luís Pinto Coelho, Gonçalves da Silva, Mira Fernandes, António Maria Godinho, Francisco Carmo e Cunha e José Pedroso Belard da Fonseca; drs. Adolfo de Andrade, José Gonçalves e João Diniz e engenheiro Gabriel dos Reis, administradores da Empresa Nacional de Publicidade; e Alberto dos Reis, Oliveira Martins, João Moreira de Almeida, Humberto Pelágio, Cordeiro de Sousa, Ribeiro Ermida, Ferreira Deusdado, Francisco Calheiros, António Ortigão Ramos, Ricardo Jorge, António Leitão, Caetano Beirão, João Baptista de Araújo e Cortês Pinto, por si e pela Associação Industrial; Diniz Bordoal Pinheiro, director do «Jornal do Comércio»; António Maria Lopes, dr. Humberto Pacheco, Moutinho de Almeida e António Montês; Carvalhosa Duarte, director de «A Republica», engs. Cunha Leal, Paulo de Barros, Santos Pedroso e António Bual; Vasco Albuquerque d'Orey, Manuel de Azevedo, Luís Camara d'Orey, Tomás de Azevedo e Silva, Luís Teotónio Pereira, Carlos Farinha, Julio Santos, Carderon Diniz, Cayola Zagalo, Ariosto Saturnino, Vasco Felix, Raul de Oliveira, Mário Pires, Pinto Monteiro, Maurício de Oliveira, Felix Correia, Amílcar Sarmento, Casimiro Freire, coronel Mauro Olavo, empresário Robles Monteiro, tenente-coronel Raposo Pessoa, condes das Alcáçovas, da Arrochela e de Penalva d'Alva, etc.

Entre a assistência viam-se muitas senhoras e destacavam-se representantes do Automóvel Clube de Portugal, do Clube 100 a Hora e de várias empresas comerciais e industriais e do ramo de seguros.

O «Diário de Lisboa» estava representado pelo seu director, sr. dr. Norberto Lopes.

D. Armanda Passos de Saint-Maurice

Faleceu a sr.ª D. Armanda Ferreira Passos de Saint-Maurice, de 61 anos, natural do Porto, casada com o sr. Adolfo Amorim y Ortega Mas de Saint-Maurice, e mãe da sr.ª D. Odete Passos y Ortega Mas de Saint-Maurice Esteves. O funeral, a cargo da Agencia Magno, realiza-se amanhã às 11 horas, na igreja de S. Sebastião da Pedreira, para jazigo, no cemitério de Benfica.

SUFRAGIOS

José António Primo de Rivera

Por iniciativa da Delegação da Falange Espanhola Tradicionalista e das J. O. N. S. em Portugal, e em comemoração do 20.º aniversário da morte de José António Primo de Rivera, celebra-se amanhã, às 11 horas, na igreja de S. José (Largo da Anunciada), missa em sufrágio da alma de José António Primo de Rivera.

Arnaldo Gouveia Pinto

Mandada rezar pela viúva, celebra-se amanhã, às 9 horas, na igreja de S. Domingos, missa por alma de Arnaldo Gouveia Pinto, ex-camaroteiro do Teatro Nacional D. Maria II, em comemoração do quinto aniversário do seu falecimento.

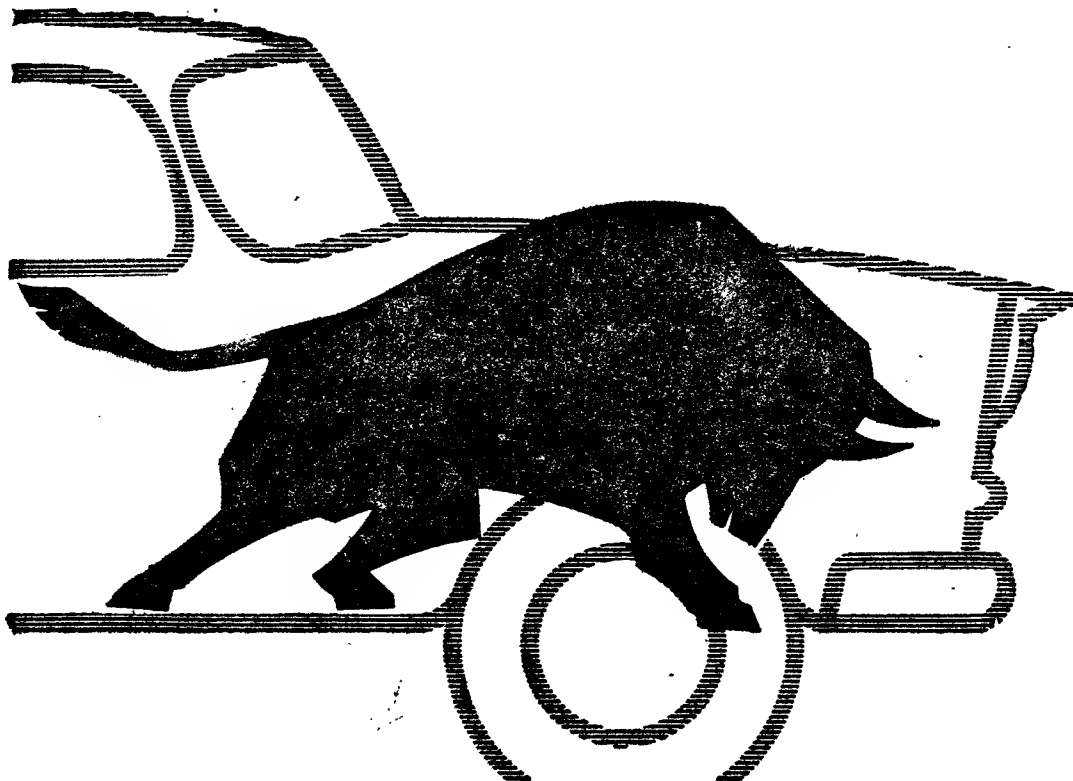
ARMANDA PASSOS DE SAINT-MAURICE

CONFORTADA COM TODOS
OS SACRAMENTOS DA SANTA
MADRE IGREJA

FALECEU

Adolfo de Saint-Maurice, Odette de Saint-Maurice, seu marido Dr. Constantino Esteves, suas filhas Maria Armanda e Maria José, Dr. Carlos de Passos, mulher, filho e nora, Ricardo de Saint-Maurice mulher e filho, Elisa Shirley de Saint-Maurice e mais família, participam que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença a sua muito amada mulher, mãe, avó, sogra, irmã e cunhada, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, saindo da igreja de S. Sebastião da Pedreira para jazigo no cemitério de Benfica.

AGÊNCIA MAGNO



dê PODER ao seu motor

Está realmente obtendo o melhor rendimento do seu motor?

Poderá manter-lhe a tracção vigorosa e a rápida aceleração?

A resposta é SIM — desde que use Shell X-100 Motor Oil, o melhor lubrificante detergente e anti-desgaste.

As severas condições de trabalho dum motor moderno requerem um óleo de qualidades excepcionais, e o Shell X-100 Motor Oil possui-as todas: tem uma acção detergente de limpeza; combate a corrosão ácida; é dotado de grande estabilidade; mantém a potência máxima e prolonga a vida dos motores.

SHELL
X-100
MOTOR OIL



Informe-se junto do seu Revendedor Shell sobre qual dos dois multigrades — Shell X-100 Motor Oil 10W/30 ou 20W/40 — convém ao motor do seu carro... e use-o durante todo o ano.

PROTEJE CONTRA O DESGASTE

O maior desgaste do motor é causado pelos compostos ácidos resultantes da combustão. Shell X-100 Motor Oil, sendo um óleo alcalino, combate a acção ácida, prolongando a vida do seu motor.

MANTÉM O MOTOR LIMPO

As qualidades de detergência do Shell X-100 Motor Oil, mantendo segmentos e válvulas perfeitamente limpas e livres, permitem dar ao seu motor o máximo rendimento.

**mantém
potência
máxima**

ESFINGE SEM SEGREDO

ESTAVA eu sentado, uma tarde, na esplanada do Café de la Paix, a observar o esplendor e a miséria da vida parisiense e a dialogar com o meu vermute sobre o estranho panorama de ostentação e pobreza que se me desenrolava perante os olhos, quando ouvi alguém chamar pelo meu nome. Voltei-me e vi Lorde Murchison.

Em Oxford nós fomos grandes amigos: estimava-o deveras, achava-o bem parecido, inteligente, sério. Costumávamos dizer dele que seria o melhor dos amigos se não fosse a sua franqueza, mas eu, no fim de contas, admirava-o em especial por isso. Achei-o bastante mudado. Pareceu-me ansioso, perplexo, como se andasse desconfiado de tudo.

— Ainda não te casaste? — perguntei.
— Não compreendo suficientemente as mulheres — respondeu.

— Meu caro Gerald — volvi —, as mulheres foram feitas para serem amadas, não para serem compreendidas.

— Não pode haver amor onde não há confiança...
— É capaz de ter algum mistério na vida, Gerald! Abre-te comigo.

Quando o criado nos trouxe café e cigarros, lembrei a Gerald a sua promessa.

— Uma tarde descia eu Bond Street, cerca das cinco horas. Havia uma afluência extraordinária de carruagens e o tráfico estava, por assim dizer, interrompido. Perto do passeio estacionavam um cupé amarelo, o qual, fosse porque fosse, atraía a minha atenção. Quando me aproximei mais, mirou-me um rosto que imediatamente me fascinou. Toda a noite pensei nele, e o mesmo aconteceu no dia seguinte. Subi e desci aquela maldita rua, espiando todas as carruagens e esperando descobrir alguma de cor amarela; mas não consegui lobrigar «ma belle inconnue» — até que cheguei a supor haver sido apenas um sonho. Uma semana mais tarde jantei com Madame de Rastail. O jantar fora marcado para as oito, mas às oito e meia ainda esperávamos na sala. Finalmente o criado escancarou a porta e anunciou Lady Alroy: era a mulher que me obsidiava o espírito! Entrou muito vagarosa, semelhante a um raio lunar envolto em rendas alvadias. Para cumulo da minha felicidade, disseram-me que a conduzisse á casa de jantar. Sentámo-nos, e eu observei com a maior inocência:

«—Julgo, Lady Alroy, que a vi há pouco tempo na Bond Street...»

«Ela empalideceu e replicou-me em voz baixa:

«—Peco-lhe que não fale tão alto. Podem ouvi-lo. Quando se despediu, o que fez quase logo a seguir ao jantar, pedi-lhe autorização para ir visitá-la. Lady Alroy hesitou um instante, relanceou o olhar para ver se alguém nos observava, e então redarguiu:

«—Sim, amanhã, às cinco menos um quarto.

No dia seguinte cheguei a Park Lane á hora exacta, porém o mordomo informou-me de que a senhora havia saído naquele momento. Voltei muito aborrecido para o clube, e ao mesmo tempo intrigado: depois de matutar longamente no caso, escrevi uma carta a Lady Alroy propondo-lhe experimentar a minha sorte noutra oportunidade, a ver se eu era mais feliz. Durante vários dias não recebi resposta, até que me veio ás mãos um bilhete no qual ela dizia esperar-me no domingo, ás quatro. E acrescentava este pós-escrito

«—Julgo, Lady Alroy, que a vi há pouco tempo na Bond Street...»

«Ela empalideceu e replicou-me em voz baixa:

«—Peco-lhe que não fale tão alto. Podem ouvi-lo. Quando se despediu, o que fez quase logo a seguir ao jantar, pedi-lhe autorização para ir visitá-la. Lady Alroy hesitou um instante, relanceou o olhar para ver se alguém nos observava, e então redarguiu:

«—Sim, amanhã, às cinco menos um quarto.

No dia seguinte cheguei a Park Lane á hora exacta, porém o mordomo informou-me de que a senhora havia saído naquele momento. Voltei muito aborrecido para o clube, e ao mesmo tempo intrigado: depois de matutar longamente no caso, escrevi uma carta a Lady Alroy propondo-lhe experimentar a minha sorte noutra oportunidade, a ver se eu era mais feliz. Durante vários dias não recebi resposta, até que me veio ás mãos um bilhete no qual ela dizia esperar-me no domingo, ás quatro. E acrescentava este pós-escrito

«—Julgo, Lady Alroy, que a vi há pouco tempo na Bond Street...»

«Ela empalideceu e replicou-me em voz baixa:

«—Peco-lhe que não fale tão alto. Podem ouvi-lo. Quando se despediu, o que fez quase logo a seguir ao jantar, pedi-lhe autorização para ir visitá-la. Lady Alroy hesitou um instante, relanceou o olhar para ver se alguém nos observava, e então redarguiu:

«—Sim, amanhã, às cinco menos um quarto.

No dia seguinte cheguei a Park Lane á hora exacta, porém o mordomo informou-me de que a senhora havia saído naquele momento. Voltei muito aborrecido para o clube, e ao mesmo tempo intrigado: depois de matutar longamente no caso, escrevi uma carta a Lady Alroy propondo-lhe experimentar a minha sorte noutra oportunidade, a ver se eu era mais feliz. Durante vários dias não recebi resposta, até que me veio ás mãos um bilhete no qual ela dizia esperar-me no domingo, ás quatro. E acrescentava este pós-escrito

«—Julgo, Lady Alroy, que a vi há pouco tempo na Bond Street...»

«Ela empalideceu e replicou-me em voz baixa:

«—Peco-lhe que não fale tão alto. Podem ouvi-lo. Quando se despediu, o que fez quase logo a seguir ao jantar, pedi-lhe autorização para ir visitá-la. Lady Alroy hesitou um instante, relanceou o olhar para ver se alguém nos observava, e então redarguiu:

«—Sim, amanhã, às cinco menos um quarto.

No dia seguinte cheguei a Park Lane á hora exacta, porém o mordomo informou-me de que a senhora havia saído naquele momento. Voltei muito aborrecido para o clube, e ao mesmo tempo intrigado: depois de matutar longamente no caso, escrevi uma carta a Lady Alroy propondo-lhe experimentar a minha sorte noutra oportunidade, a ver se eu era mais feliz. Durante vários dias não recebi resposta, até que me veio ás mãos um bilhete no qual ela dizia esperar-me no domingo, ás quatro. E acrescentava este pós-escrito

«—Julgo, Lady Alroy, que a vi há pouco tempo na Bond Street...»

«Ela empalideceu e replicou-me em voz baixa:

«—Peco-lhe que não fale tão alto. Podem ouvi-lo. Quando se despediu, o que fez quase logo a seguir ao jantar, pedi-lhe autorização para ir visitá-la. Lady Alroy hesitou um instante, relanceou o olhar para ver se alguém nos observava, e então redarguiu:

«—Sim, amanhã, às cinco menos um quarto.

No dia seguinte cheguei a Park Lane á hora exacta, porém o mordomo informou-me de que a senhora havia saído naquele momento. Voltei muito aborrecido para o clube, e ao mesmo tempo intrigado: depois de matutar longamente no caso, escrevi uma carta a Lady Alroy propondo-lhe experimentar a minha sorte noutra oportunidade, a ver se eu era mais feliz. Durante vários dias não recebi resposta, até que me veio ás mãos um bilhete no qual ela dizia esperar-me no domingo, ás quatro. E acrescentava este pós-escrito

«—Julgo, Lady Alroy, que a vi há pouco tempo na Bond Street...»

«Ela empalideceu e replicou-me em voz baixa:

«—Peco-lhe que não fale tão alto. Podem ouvi-lo. Quando se despediu, o que fez quase logo a seguir ao jantar, pedi-lhe autorização para ir visitá-la. Lady Alroy hesitou um instante, relanceou o olhar para ver se alguém nos observava, e então redarguiu:

«—Sim, amanhã, às cinco menos um quarto.

No dia seguinte cheguei a Park Lane á hora exacta, porém o mordomo informou-me de que a senhora havia saído naquele momento. Voltei muito aborrecido para o clube, e ao mesmo tempo intrigado: depois de matutar longamente no caso, escrevi uma carta a Lady Alroy propondo-lhe experimentar a minha sorte noutra oportunidade, a ver se eu era mais feliz. Durante vários dias não recebi resposta, até que me veio ás mãos um bilhete no qual ela dizia esperar-me no domingo, ás quatro. E acrescentava este pós-escrito

«—Julgo, Lady Alroy, que a vi há pouco tempo na Bond Street...»

«Ela empalideceu e replicou-me em voz baixa:

«—Peco-lhe que não fale tão alto. Podem ouvi-lo. Quando se despediu, o que fez quase logo a seguir ao jantar, pedi-lhe autorização para ir visitá-la. Lady Alroy hesitou um instante, relanceou o olhar para ver se alguém nos observava, e então redarguiu:

«—Sim, amanhã, às cinco menos um quarto.

No dia seguinte cheguei a Park Lane á hora exacta, porém o mordomo informou-me de que a senhora havia saído naquele momento. Voltei muito aborrecido para o clube, e ao mesmo tempo intrigado: depois de matutar longamente no caso, escrevi uma carta a Lady Alroy propondo-lhe experimentar a minha sorte noutra oportunidade, a ver se eu era mais feliz. Durante vários dias não recebi resposta, até que me veio ás mãos um bilhete no qual ela dizia esperar-me no domingo, ás quatro. E acrescentava este pós-escrito

«—Julgo, Lady Alroy, que a vi há pouco tempo na Bond Street...»

«Ela empalideceu e replicou-me em voz baixa:

«—Peco-lhe que não fale tão alto. Podem ouvi-lo. Quando se despediu, o que fez quase logo a seguir ao jantar, pedi-lhe autorização para ir visitá-la. Lady Alroy hesitou um instante, relanceou o olhar para ver se alguém nos observava, e então redarguiu:

«—Sim, amanhã, às cinco menos um quarto.

No dia seguinte cheguei a Park Lane á hora exacta, porém o mordomo informou-me de que a senhora havia saído naquele momento. Voltei muito aborrecido para o clube, e ao mesmo tempo intrigado: depois de matutar longamente no caso, escrevi uma carta a Lady Alroy propondo-lhe experimentar a minha sorte noutra oportunidade, a ver se eu era mais feliz. Durante vários dias não recebi resposta, até que me veio ás mãos um bilhete no qual ela dizia esperar-me no domingo, ás quatro. E acrescentava este pós-escrito

«—Julgo, Lady Alroy, que a vi há pouco tempo na Bond Street...»

Condensação do conto de OSCAR WILDE

O mistério perturbava-me, enlouquecia-me. Porque ma pusera o acaso no meu caminho?

—E descobris-te alguma coisa? — inquiri.

—Palpita-me que sim. Tu avaliarás por ti mesmo. E o meu amigo continuou:

—Quando veio a segunda-feira, fui almoçar com meu tio e, pelas quatro horas, encontrei-me na Marylebone Road. Meu tio, como sabes, mora em Regent's Park. Eu queria alcançar Piccadilly e tomar um desvio através de vielas escusas. De subito vi á minha frente Lady Alroy, de veu espesso na cara e a caminhar a toda a pressa. Ao chegar á ultima casa da rua, subiu os degraus, tirou uma chave da mala e abriu a porta. Cá está o mistério, disse comigo mesmo, e avancei para examinar o prédio. Tinha o aspecto desses em que se alugam quartos mobilados. No patamar apa- nhei o lenço que ela deixara cair e guardei-o na algibeira.

A's seis compareci em casa dela. Encontrei-a no sofá da sala, em traje de chá, dum tecido prateado, preso com aqueles estranhos selenites que ela usava constantemente. Achei-a adorável.

—Muito prazer em vê-lo — disse ela. — Hoje tenho estado todo o dia em casa.

—Olhei-a espantado e, tirando o lenço do bolso, apresentei-lho.

—Deixou cair isto esta tarde, Lady Alroy, na Cunnor Street.

—Falei com a maior calma. Ela fitou-me aterrada, mas não esboçou nenhum gesto para recuperar o lenço.

—O que fazia ali? — perguntei.

—Que direito tem de me interrogar? — replicou.

«O direito do homem que a pede em casamento. Lady Alroy escondeu a cara nas mãos e rompeu a chorar.

«Seja franca comigo — prossegui.

«Ela endireitou o busto e, olhando-me de frente, replicou:

«—Lorde Murchison, não tenho nada que lhe contar.

«—Ia encontrar-se com alguém — insisti. — E' esse o seu segredo.

«A minha interlocutora empalideceu.

«—Não ia encontrar-me com ninguém!

«—Escute: porque não me diz a verdade?

«—Já lhe disse.

«Senti-me endoidecer. Não sei o que ripostei, mas deviam ter sido palavras terríveis. Até que me levantei e fugi daquela casa. No dia seguinte ela escreveu-me uma carta, que eu devolvi sem abrir, e parti para a Noruega com Alan Colville. Ao fim dum mês regressel, e a primeira coisa que vi no «Morning Post» foi a notícia da morte de Lady Alroy. Apanhara um resfriamento á saída da Opera e morrera de congestão pulmonar, cinco dias depois. Encerrei-me por um tempo e não quis saber de ninguém. Amara-a tanto, amara-a tão loucamente! Meu Deus, como eu amei aquela mulher!

—Foste á tal rua, á quella casa?

—Fui. Não pude resistir á essa tentação. A duvida torturava-me. Bati á porta e veio abri-la uma mulher de aspecto digno, a quem perguntei se tinha quartos para alugar. Respondeu que tinha. A senhora que arrendara uns não apparecera mais, havia já 3 meses, e como a renda estava em divida, eu podia tomá-los para mim. Tirei do bolso a carteira com o retrato de Lady Alroy e indaguei se era aquella a arrendatária.

«—A própria — declarou a senhoria. — Sabe se volta?

«—Morreu — retorqui eu.

«—Oh, lastimo muito! Era a minha melhor inquilina. Pagava-me três guinéus por semana só para se sentar ali, uma vez por outra.

«—Encontrava-se com alguém?

«—Não, senhor, vinha sempre só, e ninguém a procurava.

«—Então que diabo fazia ela?

«—Sentava-se, como disse, no quarto, lia livros, tomava chá ás vezes.

«Eu não sabia que dissesse, de forma que dei qualquer coisa á mulherzinha e fui-me embora. Que te parece tudo isto? Achas que a senhoria falou verdade?

—Acho que sim.

—Então por que motivo ia lá, a minha Lady Alroy?

—Meu caro Gerald, Lady Alroy era simplesmente uma dessas mulheres que têm a mania do mistério. Alugou aqueles quartos pelo prazer de lá ir coberta com um véu e imaginar-se heroína. Tinha a paixão dos segredos, mas não passava duma Esfinge sem segredo.

—Pensas realmente assim?

—Palavra de honra — respondi.

Lorde Murchison tirou a carteira de marroquim, abriu-a e contemplou a fotografia dela. «Será verdade?» disse com os seus botões.

rum victorem vicit» — constata-
vamos, objectivamente, os intellectuaes
romanos. Também, no nosso caso, po-
deria afirmar-se que o Poder Econó-
mico vencido acabou por vencer
o seu feroz vencedor — o Poder
Político. Infiltrou-lhe gérmenes de
apodrecimento, de cujos bolores
ainda até hoje não conseguiu ex-
trair-se um antibiótico salvador.
Seja embora fundamentalmente ho-
nesta a grande maioria destes in-
cursionistas políticos no campo eco-
nómico, basta uma pequena míni-
oria de corruptos para dar á admi-
nistração publica o aspecto de um
pobre Cristo crucificado.

Foi esta faceta do problema que
V. Ex.ª não quis profundar, limi-
tando-se a aflorar a sua superfície.
E, assim, parecendo clara, crista-
lina, a sua exposição resulta plena
de obscuridade, pelo menos neste
ponto. E' feita com habilidade, mas
só consegue convencer aqueles
que, propositadamente, se quise-
rem deixar iludir.

Apesar de tudo, tenho por V.
Ex.ª consideração intellectual e mo-
ral, embora o esteja vendo seguir
veredas de faccionismo nas suas re-
centes amplexões políticas. E é
basado neste meu conceito que
ousou pedir a V. Ex.ª que, por in-
termeio dos órgãos competentes, re-
seja consentido ler esta carta na
mesma Emissora Nacional, onde a
voz de V. Ex.ª houve por bem pro-
ferir duas vezes o meu humilde no-
me. E rogo-lhe, ainda que consiga
da Censura a publicação integral
deste desforço de um homem, que,
tendo consumido com prodigalidade
as suas energias físicas e espiri-
tuais, não se resigna a ser escravo
e pede a Deus a graça de o deixar
concluir, virilmente, o resto do seu
ciclo vital.

Com a maior consideração me
subscrevo

De V. Ex.ª
Mt. Att.ª e Obgr.ª

a) Francisco Pinto da Cunha Leal

Uma carta do eng. Cunha Leal

entidades fiscalizadas, mas sem
nunca se esquecerem de velar pelo
interesse publico, que sobrepujham
ao interesse privado destas ultimas,
procurando assim obter a concilia-
ção destes dois interesses, com pre-
valência do primeiro.

Tão longe levaram eles o cuida-
do não só de serem honestos, mas
também de o parecerem, que até ás
vezes caíam no exagero. Assim,
por exemplo, quando Goulart de
Medeiros foi nomeado Ministro da
Instrução, demitiu-se do cargo de
Administrador da C. P., para que
não se pudesse supor que ele leva-
va para os Conselhos do Governo
propósitos de defesa de um inter-
esse privado, que, aliás, normal-
mente, se confundia com o inter-
esse nacional. E, antes da sua di-
tadura, o mesmo procedimento
adoptou Sidónio Pais, um nome es-
quecido por V. Ex.ª na sua lista dos
modestos tubarões, precisamente
em relação ao mesmo cargo quando
foi investido na Pasta das Finan-
ças.

Quão longe estávamos então dos
tempos em que ministros deixam
por preencher, durante quase uma
década, lugares importantes dos
serviços de si dependentes, com a
esperança, quase sempre bem su-
cedida, de serem eles próprios a
preencher as cobicçadas vagas,
quando chegada a sua vez de se-
rem despedidos das suas funções
governativas!

V. Ex.ª houve por bem, como já
disse, citar por duas vezes o meu
nome. Fui, de facto, durante alguns
meses, vice-governador do Banco
Ultramarino, cargo importante, e,
durante alguns anos, engenheiro
consultor da C. P., cargo sem re-
levo de maior.

No primeiro fui investido por in-
dicação do Directório do Partido
Nacionalista, que, para fornecer
tal indicação, fora convidado pelo
Governo democrático de então, in-

dicando o partido Governamental,
para idénticas funções, o meu ve-
lho e prestigioso Amigo Coman-
dante Agathão Lança. Nem um
nem outro tivemos graves difi-
culdades no exercício da nossa mis-
são, por isso que presidia á admi-
nistração do Banco Ultramarino
um homem honesto, de tão grande
inteligência como nobre coração, o
dr. João Ulrich, que a morte
arrancou, recentemente, ao núme-
ro dos vivos, deixando em minha
alma um rasto de saudade. Como
colega tivemos ainda o Comandan-
te Rola Pereira, cuja morte, ocor-
rida há anos, foi também para mim
motivo de grande dor. Os choques,
por vezes produzidos entre admi-
nistradores por parte dos accionis-
tas e administradores por parte
dos Governos, foram sempre solu-
cionados numa atmosfera amistosá,
sem quaisquer abdicções dos últi-
mos.

Esta minha acção — repito —
durou poucos meses. Tendo sido
discutido em Congresso do Partido
Nacionalista o fenómeno da indica-
ção do meu nome para tal cargo
e da minha aceitação, abandonei
essa agremiação política por se me
afigurar injusta essa discussão e
abandonei ao mesmo tempo, o car-
go, por isso que, se do Partido me
viera, lá lho deixava, ao sair das
suas fileiras. Veja V. Ex.ª o pouco
apego que tinha a esse lugar quem,
nessa altura, não exercia nenhuma
função publica remunerada, limi-
tando-se a ser um vago capitão de
engenharia, em situação de licença
ilimitada!

E, no tocante ao cargo subalter-
no de engenheiro consultor da C.
P., quero assegurar a V. Ex.ª que
o seu exercício não teve o condão
de me enfeudar aos interesses desta
sociedade, com prevalência sobre
o interesse publico, quando em

colisão com este. E, se não, veja-
mos.

Em certa altura o Ministro Nuno
Simões submeteu á apreciação e
votação parlamentar uma proposta
de remodelação da Direcção Fiscal
dos Caminhos de Ferro, pela qual
se tornava mais severa a vigilância
deste organismo sobre os serviços
de viação ferroviária. Faziam então
parte do Parlamento três engenhei-
ros-consultores da C. P.: um, o se-
nador Fernando de Sousa, director
de «A Época»; o outro, o deputado
António Maria da Silva; o ultimo,
o deputado Cunha Leal. O primeiro
atacou no Senado, veementemente
a referida proposta, accusando-a de
demasias fiscalizadoras; o segundo
conservou-se silencioso; o terceiro
defendeu-a, com energia, na Ca-
mara dos Dputados.

Algum tempo depois, Fernando
de Sousa, em artigo de fundo da
sua gazeta, chamou a atenção dos
administradores da C. P. para o
facto de o seu engenheiro consul-
tor Cunha Leal ter tomado posição
no Parlamento contra os interesses
desta empresa. Imediatamente es-
crevi ao Conselho de Administração
da C. P. a pedir a minha demissão,
com fundamento nesta insolita
acusação periodística. Acrescentava
que as minhas actuações como ho-
mem publico visavam apenas a
acautelar os superiores interesses
da Nação e que só não ignorava as
pretensões, incompatíveis com o
bem comum, das entidades, que ser-
via como particular, por isso que
me reservava o direito de comba-
tê-las.

Os administradores da C. P., alegando que não só não tinham tido
prévio conhecimento das intenções
acusadoras de Fernando de Sousa,
como as achavam altamente censu-
ráveis, rogaram-me que desistisse
dos meus propósitos de demissão.

ao que acedi, por não ser justo cor-
responder com descortesia a um
gesto de consideração.

Assim, pois, o reduzido grupo
de homens, a quem, antes de 1926,
os Governos portugueses haviam
confiado tarefas de fiscalização ou
cooperação administrativa em cir-
cunstanças carecidas de supervisão
estatal, procediam honradamente e,
em geral, eram remunerados com
parcimónia. Se me não engano, os
vogais do Conselho de Administra-
ção da C. P., que não pertenciam
á Commissão Executiva, auferiam
por mês Esc. 1.500\$00. O Poder Po-
lítico — repito — não exercia in-
fluência sensível na orfentização e
directão do Poder Económico.

E foi este puritanismo que, em
grande parte, determinou á asfixia
da Republica democrática.

Com o advento da Republica
autocrática, os seus dirigentes, pa-
ra se não sujeitarem ao mesmo pre-
calço, houveram por bem seguir
directriz diametralmente oposta. O
Poder Politico curou de subalter-
nizar o Poder Económico. E, quan-
do este, para subsistir, se viu for-
çado a abrir as suas comportas á
«élite» situacionista, esta, como dis-
se, espalhou-se por ele e occupou to-
das as suas posições-chave.

São por natureza honestos os ho-
mens do regime? Há-de haver de
tudo entre eles — bom e mau —
na mesma proporção em que tais
antinomias de carácter se registam
entre os seus adversários. Afinal
de contas, somos todos portugue-
ses.

Simplemente, mercê de carência
de fiscalização eficiente e mercê
ainda desta interpenetração dos
dois Poderes, os sistemas autocrí-
ticos favorecem mais do que os re-
gimes democráticos a virulência
das tendências pejorativas dos ins-
tintos humanos. «Graecia victa fe-

rum victorem vicit» — constata-
vamos, objectivamente, os intellectuaes
romanos. Também, no nosso caso, po-
deria afirmar-se que o Poder Econó-
mico vencido acabou por vencer
o seu feroz vencedor — o Poder
Político. Infiltrou-lhe gérmenes de
apodrecimento, de cujos bolores
ainda até hoje não conseguiu ex-
trair-se um antibiótico salvador.
Seja embora fundamentalmente ho-
nesta a grande maioria destes in-
cursionistas políticos no campo eco-
nómico, basta uma pequena míni-
oria de corruptos para dar á admi-
nistração publica o aspecto de um
pobre Cristo crucificado.

Foi esta faceta do problema que
V. Ex.ª não quis profundar, limi-
tando-se a aflorar a sua superfície.
E, assim, parecendo clara, crista-
lina, a sua exposição resulta plena
de obscuridade, pelo menos neste
ponto. E' feita com habilidade, mas
só consegue convencer aqueles
que, propositadamente, se quise-
rem deixar iludir.

Apesar de tudo, tenho por V.
Ex.ª consideração intellectual e mo-
ral, embora o esteja vendo seguir
veredas de faccionismo nas suas re-
centes amplexões políticas. E é
basado neste meu conceito que
ousou pedir a V. Ex.ª que, por in-
termeio dos órgãos competentes, re-
seja consentido ler esta carta na
mesma Emissora Nacional, onde a
voz de V. Ex.ª houve por bem pro-
ferir duas vezes o meu humilde no-
me. E rogo-lhe, ainda que consiga
da Censura a publicação integral
deste desforço de um homem, que,
tendo consumido com prodigalidade
as suas energias físicas e espiri-
tuais, não se resigna a ser escravo
e pede a Deus a graça de o deixar
concluir, virilmente, o resto do seu
ciclo vital.

Com a maior consideração me
subscrevo

De V. Ex.ª
Mt. Att.ª e Obgr.ª

a) Francisco Pinto da Cunha Leal

Problema n.º 1726

Papeis de credito
Notas estrangeiras
TELEF. 21273



Um vigoroso comparsa da crise no Próximo Oriente: a dr.^a Golda Meir, ministra dos Negócios Estrangeiros de Israel, quando desce, há dias, em Orly, de um avião da Air France, em viagem para Nova York

A conferência no mais alto escalão proposta pela Rússia aos Ocidentais parece não interessar os Estados Unidos

WASHINGTON, 19. — As entidades oficiais começaram, ontem, a estudar em pormenor as recentes propostas soviéticas de desarmamento, e afirmaram

que não ofereciam novos argumentos importantes para negociações em escalão máximo.

A tendência era para não considerar de grande valor a oferta

rusa de discussão do plano «céu aberto», do presidente Eisenhower, para desarmamento mundial, que consiste, na essência, num sistema de inspeção a toda a prova, destinado a evitar a produção e acumulação de armas nucleares ou concentrações para um ataque de surpresa.

A oferta soviética, de discutir a inspeção ao longo de um corredor de mil milhas, é considerada como incapaz de corresponder àquela intenção.

Os diplomatas ocidentais creem que, além de outros factores, os Estados Unidos não desejariam uma reunião em escalão máximo, conforme foi proposto pela Rússia, pelo menos porque seria necessário, primeiro, uma reunião dos chefes dos Governos das três nações ocidentais. — (R.).

A opinião de Nehru

NOVA DELHI, 19.—Referindo-se no Parlamento à proposta do marechal Bulganine, para uma conferência do desarmamento, Nehru disse:

«Recebemos uma comunicação do presidente Bulganine, tratando principalmente do desarmamento e propondo uma conferência. O desarmamento é uma boa coisa. Se pudermos ser úteis, estamos prontos a oferecer os nossos serviços. Mas uma conferência das grandes potências deve ser decidida por estas mesmas». — (F. P.).

As restrições de gasolina impostas pela crise no Médio Oriente

LONDRES, 19.—Os passeios de automóvel no fim-de-semana, em Inglaterra, baixaram de 25 por cento, em virtude do apelo feito pelo Governo para economia no consumo de gasolina, devido ao encerramento do canal de Suez.

Apesar disso, cre-se inevitável o racionamento, visto que a economia voluntária pedida aos motoristas não atingiu o montante necessário para ser mantida a venda livre. — (A. N. I.).

Em Paris

PARIS, 19.—A circulação de automóveis era consideravelmente reduzida esta manhã, nas ruas e nos arredores desta cidade. Parece que o apelo dos poderes públicos para uma redução voluntária de 30 % do consumo de gasolina foi atendido por grande número de automobilistas.

Os motoristas dos táxis calculam que o tráfego teve uma redução da ordem dos 40 %. Nas primeiras horas de hoje, a circulação decorreu com uma facilidade de que muitos motoristas não têm memória. — (F. P.).

Em Estocolmo

ESTOCOLMO, 19.—O primeiro fim-de-semana sem automóveis foi um êxito absoluto para as autoridades. Em todo o país, o trânsito rodoviário estava quase completamente interrompido desde as 18 horas de sábado, e calculam-se numas escassas centenas os carros particulares, que, munidos de autorização especial, circularam em Estocolmo e na província.

O tráfego normalizou-se às 5 horas de hoje mas as bombas de gasolina, em aplicação do novo regulamento, estarão fechadas, como todos os outros dias, das 6 às 10 horas da manhã. — (F. P.).

Ensopado de enguias

Outro prato regional do RIBA TEJANO — Salvaterra de Magos

Moscovo ataca Tito acusando-o de intervir para dividir o campo comunista

MOSCOVO, 19. — O «Pravda», órgão do Partido Comunista, acusa, hoje, o presidente Tito, da Jugoslávia de ter tentado dividir o campo comunista.

Ao afirmar que o «culto de Estaline» foi o produto de um sistema, Tito tomou a dianteira «a propaganda reaccionária na sua lu-

ta contra o marxismo-leninismo» — afirma a agência T.A.S.S., trazendo a primeira reacção soviética, extremamente violenta, ao discurso do presidente jugoslavo do dia 11.

A agência acusa o marechal Tito «de tendência manifesta para a intervenção nos negócios dos outros partidos comunistas»; de haver enunciado teses «em contradição com o internacionalismo proletário e a solidariedade internacional dos trabalhadores»; de ter pretendido que «o caminho escolhido pela Jugoslávia para chegar ao socialismo é o único justo, o que é contrário aos princípios do marxismo-leninismo», e declara que «a tentativa de dividir os comunistas em estalinianos e não-estalinianos apenas serve para lesar o movimento comunista, visto que, como nunca a unidade é necessária».

Afirma, ainda, a T. A. S. S., que a apreciação feita pelo marechal Tito da intervenção das tropas soviéticas na Hungria, é «contraditória».

Este severo ataque ao marechal Tito, depois da normalização de 1955, parece tanto mais sério quanto é certo que já ontem, na Embaixada da Polónia, Kruchchev criticou vivamente, sem citar o nome do chefe do Estado jugoslavo, os que pretendem possuir o segredo do único método bom para a expansão do socialismo. — (R. e F. P.).

A nomeação de Rokossowski para ministro adjunto da União Soviética

PARIS, 19. — O comunicado que anuncia a decisão do Governo soviético de nomear o marechal Rokossowski para o cargo de ministro adjunto da Defesa da U. R. S. S. foi publicado esta manhã, no «Pravda» — segundo indica a «T. A. S. S.».

A nota anuncia as actividades daquele militar, desde 1949, quando foi posto à disposição da Polónia pelo Governo soviético, até o termo das suas funções naquele país, que se verificou há pouco. Indica que Rokossowski desempenhou, na Polónia, para onde foi nomeado a pedido de Bierut, então presidente da República, as funções de ministro da Defesa Nacional e de vice-presidente do Conselho, acrescentando que foi dispensado daqueles cargos, a seu pedido, e partiu para a U. R. S. S. Afirma ainda que «o marechal Rokossowski contribuiu, grandemente para a obra de consolidação do potencial defensivo da Polónia e para o equipamento e treino do Exército polaco». — (F. P.).

Morreram asfixiados cinco caçadores

LUTSEN (Minnesota), 19. — Foram encontrados cinco caçadores mortos dentro de uma «roulotte»-automóvel, perto do Lago Superior. Morreram asfixiados pelas emanções de um fogareiro. — (F. P.).

UMA PEGA 6\$50

Café de balão, inconfundível — Doçaria caseira no BAR RIBATEJO — P. do Areeiro, 11-D — até às 3 1/2 da manhã

Declarações de Nehru sobre os problemas cruciais do Próximo Oriente e do Leste europeu

NOVA DELHI, 19.—O chefe do Governo e ministro dos Negócios Estrangeiros, Nehru, abriu, esta manhã, no Parlamento, um debate sobre política externa, num ambiente único na Índia, visto que pela primeira vez — notam os observadores diplomáticos — o Parlamento e a opinião pública estão divididos quanto à política estrangeira do Governo, relativamente aos acontecimentos no Egipto e na Hungria, a qual se traduziu, na O. N. U., por votos que provocaram «surpresa» ou «mal-estar» nos círculos políticos indianos.

Nehru sentiu, portanto, a necessidade, logo que abriu o debate, de justificar a atitude do seu Governo, a propósito do Egipto e da Hungria e de fazer, por outro lado, um apelo à prudência dos deputados, pedindo-lhes que não «usassem de linguagem susceptível de agravar a presente tensão internacional».

Tentando explicar e justificar a razão porque a atitude indiana quanto à Hungria pôde parecer mais reservada do que em relação ao Egipto, declarou que, na Hungria, os factos eram menos claros de que no Egipto, país com o qual a Índia mantém relações de amizade e de onde podia receber relatórios mais seguros e mais completos. Na Hungria, a Índia tem um representante diplomático, mas, durante um certo tempo, não lhe foi possível corresponder-se com o Governo indiano. «Se fomos bastante prudentes quanto à Hungria, em relação aos factos, exprimimos a nossa maneira de sentir com suficiente clareza», disse o primeiro-ministro reafirmando o desejo da Índia, «de que o povo húngaro escolha o seu próprio futuro».

O perigo do Médio Oriente

Nehru protestou contra o facto de não ter sido autorizada a presença de observadores na Hungria e, também, na região de Port Said, ocupada pelas forças anglo-francesas. Disse:

«Tanto quanto eu saiba, ninguém pôde ir a Port Said, e os únicos

Queda de um avião no rio Potomac

WASHINGTON, 19. — Um avião do comando da Força Aérea dos Estados Unidos despenhou-se, durante a noite, nas águas do rio Potomac, a 32 quilómetros ao Sul desta capital, depois de o piloto ter radiodifundido uma mensagem, anunciando que estava «numa situação crítica».

Numerosos helicópteros e barcos de salvamento iniciaram, de madrugada, activas pesquisas no rio Potomac. — (A. N. I.).

...SÓ QUERO...
...VINHOS
MESSIAS
POR SEREM BONS



Um dos homens de quem mais se fala, pelo Mundo fora, é precisamente este, aqui á esquerda, de quem poucos sabem dizer o nome e a quem, por isso mesmo, se passou na imprensa mundial a chamar simplesmente o «Senhor H». É o sr. Dag Hammarskjöld, secretário-geral da O. N. U., que vemos na foto a conversar com o coronel Nasser

Últimas notícias

VÊM PARA LISBOA mais 5.000 toneladas de petróleo de Angola

LUANDA, 19.—Começou o transporte de mais petróleo em ramal dos poços de Benfica para os depósitos junto do porto de Luanda com vista a um novo carregamento de cinco mil toneladas a efectuar brevemente para a Metrópole, onde será refinado. — (L.).

Nas Penhas Douradas cinco centímetros de neve

PENHAS DOURADAS, 19 (Pelo telefone). — Improvisamente, as Penhas Douradas apareceram cobertas de neve. Verdadeira praia de altitude, a região ficou debaixo de uma espessura de cinco centímetros de neve. É maravilhoso o quadro, já óptimo para receber os primeiros praticantes dos desportos de Inverno.

Os Egípcios atacam as forças franco-britânicas

EL CAP (Zona do Canal de Suez), 19. — Pela segunda vez em 12 horas, tropas egípcias abriram fogo contra as primeiras linhas anglo-francesas.

O tiroteio começou às primeiras horas de hoje e não foi retribuído pelas forças aliadas. O comando franco-britânico pediu formalmente aos observadores da O. N. U. que investigassem sobre a situação. — (A. N. I.).

RAMÓN VERA morreu num desastre

PALMA DE MAIORCA, 19. — Num desastre com um automóvel de matrícula francesa, conduzido pelo visconde de Rochefoucauld, que sofreu comção cerebral, morreu o espanhol Ramon Vera e ficaram feridos um seu filho e um jovem francês, cujo nome se desconhece. — (Efe).

Lanifícios nglese

Padrões lindíssimos, em depósito e a chegar

Importador:

**A. S. DE MATOS
E VASCONCELOS**

Rua de Santa Bárbara, 81, 2.º-B
Telefone 47776

Alimente-se bem

Por 15\$00 almoços e jantares á americana, compostos de sopa, peixe, carne, pão, vinho e fruta.

PASTELARIA S. JOÃO, LDA.
Av. Paris, n.º 3-A — LISBOA
Telef. 725800

Diário da Esbôa

AS VAGAS DE ASSALTO



Jaburu despede um forte remate, que levou a bola a sair ao lado das balizas. Em jogada idêntica, o avançado-centro brasileiro marcou, mais tarde, o 4.º golo do F. C. do Porto

Manuel Vilça bateu um «récord»

Antes do encontro de futebol entre equipas do Sporting e do Oriental efectuou-se na pista do Estádio Alvalade, mais uma tentativa de «récord» para os corredores juniores Manuel Vilça e Albino Neves, ambos do Sporting Clube de Portugal.

A tentativa teve êxito por parte dos atletas, que estabeleceram novos tempos — Manuel Vilça, 5 m. 55.6 s. e Albino Neves, 5 m. 57.7 s. — que colocam à margem o antigo «récord» que era pertença do corredor benfiquista Américo Gadelha, com a marca de 6 m. 1.8 s.

Entretanto, e caso inédito entre nós, o júri oficial indicado pela Associação Regional de Lisboa para cronometrar esta tentativa não compareceu a tempo e horas...

Isto é: o mau tempo, chuva abundante, que não foi obstáculo para os atletas tornou-se adversário dos juizes oficiais... que, assim, também, não tiveram pelo seu lado a sorte de poderem chegar à hora indicada para a prova!

Este facto, que merece ser apreciado, vem colocar os dirigentes associativos, empossados há dias, numa situação delicada, difícil de resolver com plena satisfação.

Não há dúvida de que, á face



Manuel Vilça, do Sporting, o corredor que bateu mais um «récord» — o dos 200 metros juniores — que não pode ser homologado, por motivos imprevisíveis... aos quais os regulamentos são omissos

dos regulamentos, o «récord», agora obtido, pelo sportinguista Manuel Vilça, não pode ser homologado, pois a não comparação dos juizes oficiais á prova coloca-a fora do plano oficial. De resto, nem sequer entra no organismo associativo o verbete devidamente assinado pelos oficiais, assinalando a proeza do corredor.

Mas, também, não há dúvida de que um atleta e um clube se encontram lesados nos seus mais legítimos direitos, pois tanto o primeiro como o segundo viram os seus esforços deitados por terra. De resto, o mau tempo não se fez só sentir para os juizes oficiais e

Os três treinadores brasileiros

à frente do campeonato

A jornada de ontem oferece-nos esta faceta curiosa na tabela da classificação do Nacional da I Divisão: as equipas treinadas por técnicos brasileiros — Benfica (Otto Glória), F. C. do Porto (Flávio Costa) e Lusitano (Otto Bumbel) — encontram-se, nos três primeiros lugares, á frente do campeonato.

Repare-se, ainda, na boa conduta dos restantes conjuntos entregues a treinadores sul-americanos: 4.º, Sporting (Picabea); 5.º, Belenenses (Riera) e 9.º, Vitória (Buchelli).

E, já agora, para completar esta ligeira curiosidade: as classificações das equipas treinadas por portugueses: 8.º, Académica (Candido de Oliveira); 10.º, Torriense (Candido Tavares); 11.º, Caldas (Fernando Vaz) e 14.º, Atlético (Severiano Correia).

UM SARAU

do Lisboa Ginásio a favor das vítimas da Hungria

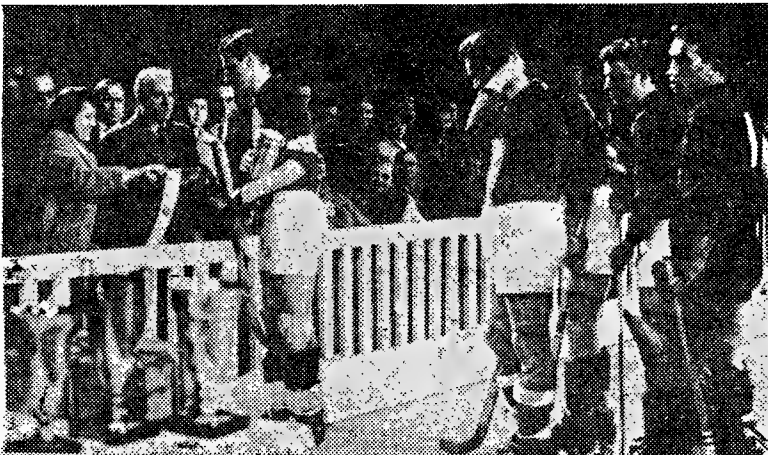
O Lisboa Ginásio Clube, prestigioso instituto de educação física, impressionado com a desdita do povo magiar, decidiu promover um sarau a favor das vítimas da Hungria. Para o efeito, vai nomear várias comissões, uma das quais encarregada de tratar do assunto junto das entidades oficiais.

retalharam a equipa de Belém

por Tavares da Silva

A equipa do Belenenses não enganou quem quer que seja, ao apresentar-se no estádio das Antas com o dispositivo adoptado nos últimos jogos, isto é, com a defesa reforçada e operando no estilo de contra-ataque. O onze do Futebol Clube do Porto conhecia, em todos os pormenores, a manobra do seu aguerrido adversário: Sabia perfeitamente com o que tinha que contar, distribuiu as suas peças, guarnecendo as encruzilhadas, e aguardou com certa tranquilidade o desenrolar dos acontecimentos.

Não nos interessa, nem importa, analisar ou discutir o dispositivo de Belém, pois os factos é que depõem a favor ou contra... E, verdade seja, os resultados não haviam sido desanimadores até ontem, embora houvesse margem para se afirmar que o onze, em dois casos concretos, contra Benfica e Sporting, havia sido bafejado pela sorte. Ontem, porém, abandonado pela chance,



No final do torneio da Taça Latina, de hóquei em patins, efectuado em Paris, Edgar, «capitão» da equipa portuguesa, recebe a taça «Juventude e Sport»

HOQUEI EM PATINS

Depois do primeiro andamento da Taça Latina em Paris

Dos dias 15 a 17, da semana finda ontem, escreveu-se, no Pavilhão dos Desportos de Paris, a primeira página da nova competição internacional de hóquei patinado, denominada «Taça Latina» e que, como se depreende da própria denominação, é reservada ao quadrilátero latino — Portugal, Espanha, França e Itália.

A ideia, nascida entre os entusiastas de Bordeus, como todas que têm por objectivo, imediato ou mediato, a aproximação dos homens através da subestimada, mas inegável força do desporto, é deveras interessante.

Simplemente, o seu início não teve a colorido o entusiasmo dos 10.000 desportistas que cabem no magnífico recinto parisiense, apenas — é de admitir — porque a modalidade, que, entre nós portugueses, desfruta de enorme popularidade, de lés-a-lés, não era conhecida no eclético meio da capital da Luz. No

entanto, e não obstante o fracasso financeiro que existirá sob a primeira pedra do torneio, o objectivo desportivo foi atingido, sem reticências.

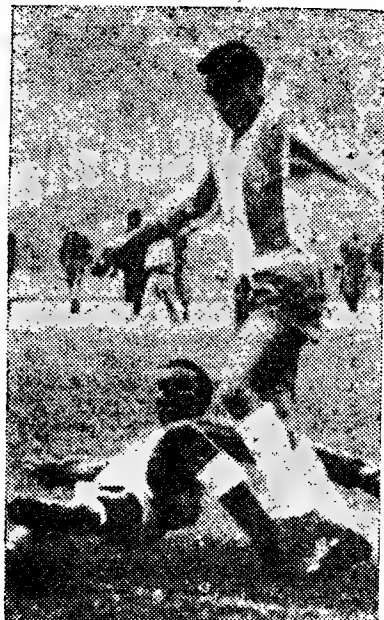
A forma de disputa

A «Taça Latina» será adjudicada á equipa que no decorrer da série

A sorte entregou-se à equipa italiana!!

(Especial para o «Diário da Esbôa»)

Foi tal e qual. A sorte, menos volúvel que certas mulheres, encheu-se de amores pela equipa italiana e só a ela se entregou. O grupo de Gelnini, respondeu a essa afeição, dando-se ao jogo com entusiasmo e tudo fazendo para continuar a merecer esses favores. E assim, a Itália sagrou-se vencedora da primeira Taça Latina, inscrevendo o seu nome na respectiva placa. Não fazendo caso das irregularidades do recinto, que todos a elas se sujeitaram, temos de reconhecer que a Itália foi a melhor equipa, a mais equilibrada, a mais possante. Se o nosso empate com a Espanha decidiu a questão a seu favor, não é menos verdade que teria sido injusto outro resultado no embate peninsular. Os Espanhóis foram, até, os que mais ensejo tiveram de ganhar, só não alcançando a vitória por via da grande acção de Matos, a toda a altura da sua categoria.



Mesmo estatelado, Vicente consegue desviar a bola do alcance de Sarmiento

o grupo esfaleceu-se, dando-nos uma imagem desoladora da sua capacidade ofensiva.

Introduzindo um elemento novo na sua linha defensiva (Rosendo), a equipa passou a actuar manifestamente com 4 defesas, destruindo a linha de médios por não serem tomadas quaisquer providências especiais. Quase todos os homens do ataque se colocaram num plano recuado, nenhum deles serviu a função da linha média.

Praticamente, o Belenenses teve um atacante. Foi Matateu que, apesar de ter descido algumas vezes á linha defensiva do seu onze, manteve sempre vivo o espírito ofensivo.

Que podia ele fazer, sózinho? Os seus esforços, de cunho individual, eram facilmente anulados. A frente do ataque de Belém estava reduzida a um ponto, esse era Matateu, bastando pôr uma peça nessa encruzilhada para destruí-lo por completo.

No abrir da 2.ª parte, ainda o Belenenses tentou realizar algumas avançadas com três unidades (Dimas, Matateu e Tito), mas essas tentativas resultaram infrutíferas por duas ordens de razões: — porque esse ataque não era suficientemente forte (as avançadas exigem na maioria dos casos, pelo menos, quatro dianteiros); porque esse ataque não tinha apoio nem reforço, e sucumbia quando a defesa contrária rolava no terço.

Há fortes razões para crer que o dispositivo de Belém não funcionou, avariando-se por completo, talvez um pouco por culpa própria e alguma coisa devido ao adversário.

(Continua na página seguinte)

(Continua na página seguinte)

A equipa de Belém condenou-se antes de proferida a sentença

(Continuação da página anterior)

Compreende-se, de resto, que se tomem medidas defensivas de índole extensiva quando, entre duas equipas, há grande desproporção de valores, mas já não se justifica semelhante proceder quando o caso é de nivelamento. E perde-se deste modo o sentido de luta. As equipas que mais temem os resultados volumosos, acabam por ser vítimas do receio, derrotando-se a si próprias. E o Belenenses deu-nos a sugestão de estar batido, mesmo antes de proferida a sentença.

Quase liberto de preocupações defensivas, utilizando um numero muito reduzido de elementos na tarefa de destruição, o onze do Futebol Clube do Porto pôde dedicar-se inteiramente à chamada construção de futebol, sucedendo-se as avançadas todas elas elaboradas com firmeza, desembaraço, agilidade, aliás, quase sempre muito perigosas, terminando invariavelmente com uma punhalada certeira. E a equipa azul-branca, que ontem deve ter-se reconciliado com a sua camada associativa, deu-nos excelente imagem de conjunto e, sem dúvida, a sua melhor exibição da presente época. Foi até mais forte do que se supunha.

Para revigorar a sua fé e confiança, o onze precisava de uma exibição de bom nível e de um resultado convincente ante adversário poderoso, e o Belenenses deu-lhe essa excelente oportunidade das Antas. Diga-se que todos os rapazes azuis-brancos estavam a lutar com tenacidade, ontem mais uma vez, para que um vínculo espiritual ligasse todos os elementos da equipa e estes ao treinador, que ontem se recusou à volta da vitória, apesar da insistente solicitação dos jogadores (Flávio Costa, treinador experiente, sabe dominar-se e tem a noção exacta do que é um triunfo, amanhã esquecido à primeira derrota).

A equipa portuense, repete-se, deu excelente impressão da sua capacidade atacante, fazendo chegar o jogo, incessantemente, às linhas defensivas de Belém, as quais não tinham um momento de tréguas (precisamente devido ao seu ataque ser inoperante). Mas não se limitava a aparecer com frequência na zona de reparação coberta por José Pereira e companhia, pois os ataques do Porto tinham, regra geral, uma conclusão perigosa.

Havia duas vagas de assalto que se dirigiam, conhecendo os atacantes todos os caminhos, para as balizas de Belém, e o conjunto do adversário sofria muito, era repisado... Qualquer dessas vagas mostrava-se muito ameaçadora, e se a primeira linha de ataque fraquejava (Carlos Duarte, Jaburu, Hernani), logo entrava em acção a 2.ª linha, um reforço considerável,

constituída por Sarmiento, Perdigão e Pedroto.

O Porto, remirando-se voluptuosamente no espelho do ataque, sabia que a sua linha defensiva de 7 elementos, passando a uma vida repousada e tranquila, era suficientemente forte para conter e dominar um ou outro impeto individual de uma unidade adversária mais atrevida. A prova estava em que, nunca, que nos lembre, esta defesa foi apanhada em situação de inferioridade numérica.

O intervalo chegou com o Porto a ganhar por dois-zero (golos de Carlos Duarte e Hernani), e foi com relativa facilidade que o team chegou à conta dos cinco (golos de Perdigão, Jaburu e Carlos Duarte), verificando-se até um período em que a defesa de Belém perdeu o tino e o fio-do-jogo, podendo ter sofrido nessa emergência mais bolas. E não chega a admirar que o baluarte da defesa acabasse por ceder e entregar-se. A defesa não descansava, era a consequência do desgaste e desmoralização.

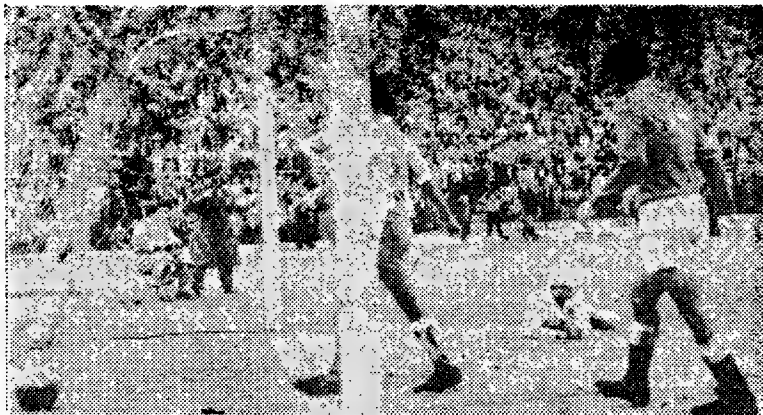
Confiante, tenaz, completamente senhor da situação, o Porto adaptou-se maravilhosamente às condições da pista, luzidia e encharcada, falsa, tornando ainda mais árduo o trabalho do grupo lisboeta. E' que eliminou na justa medida o chamado dribling, e por meio de entregas de bola, rápidas e precisas, poupou forças e deu ao seu futebol um brilhante sentido de eficiência e penetração, o que nos parece digno de ser destacado, sabido como o jogador português se compraz em correr com a bola nos pés... Essas entregas conjugadas com desmarcações oportunas foram as melhores armas dos Portuenses.

Crê-se que o diferente espírito que animava ambas as equipas à sua entrada em campo, notório, como se deduz das referências já feitas, justifica a posição assumida pelos contendores e o futebol produzido. Supomos que a confiança reentrará nas fileiras portuenses, e teremos assim mais uma equipa, bem arranjada, para valorizar a competição.

Quando as coisas correm desta feição, é quase certo que só haverá motivos para elogiar os jogadores de um quadro. E com o quadro do outro lado sucede o contrário. Mas não podemos fugir à tentação de ter uma boa palavra para Rosendo, talvez o melhor do bloco defensivo, salientando a intervenção de Vicente na resolução de vários problemas, tanto mais difíceis quanto é certo não haver linha média belenense, e a galhardia, que chegou a emocioná-lo, com que sempre lutou Matateu, sem auxílio nem protecção, batendo-se sempre a peito descoberto, generosamente, ingloriamente... — T. DA S.



Hernani acaba de desferir o remate que proporciona o 2.º golo da equipa portuense



O 5.º golo do F. C. do Porto apontado por Carlos Duarte, em recarga a uma defesa para perto realizada por José Pereira

Hóquei em patins

(Continuação da página anterior)

mãos do presidente da Federação francesa a miniatura da 1.ª «Taça Latina», porque esta só será dada, em 1959, quando em Portugal se disputar a prova, no seu quarto ano, porque em 1957, ela realizou-se em Itália, numa cidade por designar; e em 1958, terá como cenário, naturalmente, o Pavilhão dos Desportos (em construção, de Madrid), centro que, quase como Paris, desconhece o hóquei patinado.

A actuação das equipas

A equipa francesa apresentou-se refrescada, mas mesmo assim teve actuação meritória, a despeito de ter somado por derrotas os desafios realizados. Há, no entanto, que sublinhar a circunstância de não ter alinhado com Claallon, Barrere e Brochet, o primeiro o seu melhor marcador no campeonato mundial realizado no Porto.

A sua queda para jogar contra os Italianos está patente no desaire sumariíssimo de 1-2, com 1-1, ao intervalo. Recordar-se, a propósito do empate, no Porto, conseguido pelo italiano Panagini, quase no derradeiro instante da partida, através de um «penalty»; e os triunfos alcançados pelos Gauleses em 1952 (2-1) e em 1954 (1-0).

O «cinco» italiano foi igual a si próprio. Equipa de grande «fundo» com capacidade para se classificar, em qualquer competição, no primeiro lugar. O empate com o quadro português traduz fielmente o equilíbrio de forças, bem como o êxito tangencial conquistado contra os Espanhois.

Os Espanhois, a despeito da preparação a que se sujeitaram, não se apresentaram com o fundo que possuem na generalidade.

O encontro que realizaram contra o quadro português teve as características habituais—retenção de bola prolongada, em busca das oportunidades para, felinamente, atrair.

O cinco lusitano, é, na realidade, um excelente conjunto. Matos é um guarda-redes magnífico; tal como Edgar, na defesa. Cruzeiro, para nós, o melhor hoquista do Mundo, no momento que passa. Perdigão, de utilidade rara; quanto a Mário Lopes é nossa convicção que se ele tem alinhado contra os Espanhois a vitória sorriria às nossas cores. Lisboa, também, muito produtivo, não deve estar no melhor da sua vida de hoquista.

Para a história da prova

Registe-se, finalmente, para a história da prova, os resultados dos jogos realizados, indicando-se, entre parêntesis, as marcas que se verificavam ao intervalo, e a lista dos marcadores.

1.ª jornada	
Portugal-Itália...	2-2 (0-1)
França-Espanha...	1-2 (1-2)
2.ª jornada	
Itália-Espanha...	4-3 (2-1)
Portugal-França...	7-3 (4-3)
3.ª jornada	
Itália-França...	2-1 (1-1)
Portugal-Espanha...	1-1 (1-1)
Marcaram os 29 tentos, dos 6 desafios, o que dá a média de 4,8, por encontro, os seguintes jogadores:	
Lisboa (Portugal)...	5
Puigbó (Espanha)...	5
Gelmini (Itália)...	4
Perdigão (Portugal)...	3
Chieze (França)...	3

Uma sede própria

e um parque de jogos para o Clube dos Galitos em Aveiro

Sob a presidência do chefe do distrito de Aveiro realizou-se uma importante reunião no antigo e prestigioso Clube dos Galitos, no decorrer da qual se procedeu à distribuição dos prémios conquistados pelos atletas da colectividade na época de 1955-56, em basquetebol, remo, hóquei em patins, pesca, natação, handebol e atletismo, e à entrega dos troféus á direcção, ganhos durante o mesmo período, pelas referidas secções desportivas. O Clube dos Galitos atribuiu 200 prémios aos seus atletas, que, por seu turno, entregaram 29 troféus ao presidente da assembleia-geral. O dr. João Ribeiro da Costa proferiu uma conferência e o dr. Mário Gaioso Henriques, presidente do pelouro desportivo do clube, pronunciou um discurso, acabando por solicitar a colaboração dos aveirenses e das entidades oficiais para a obra que a colectividade pretende realizar a construção de uma sede própria e de um parque de jogos. O governador civil, dr. Francisco de Vale Guimarães, afirmou que era a todos os títulos justa e digna de apoio a pretensão do Clube dos Galitos que, principalmente no remo, tem alcançado triunfos para o País de renome internacional.



Uma sugestiva imagem do primeiro torneio da Taça Latina, de hóquei em patins, na qual se vêem em acção dois dos mais destacados jogadores do embate Portugal-Espanha. Puigbó isola-se e remata à queima-roupa, mas o guarda-redes Matos responde com uma defesa extraordinária

pelo seu
**AROMA e
PALADAR
inconfundível**

Aguardente
VELHA
1920



é há muito
a preferida pelos
verdadeiros
conhecedores!

PROVE TAMBÉM QUE SABE BEBER, bebendo,
uma aguardente
de qualidade
envelhecida pelo
tempo em cascos
de carvalho

LISBOA { J. A. DA COSTA PINA
Rua do Alecrim, 69

Agentes:

PORTO E PROVINCIA { COSTA PINA & VILAVERDE, Lda
R. do Bonjardim, 420 — PORTO

Relógio de Precisão
LONGINES



**Milhões em uso nas CINCO partes
do Mundo**



- * Ainda o «Estatuto do Jogador».
- * Louvável atitude da Federação.
- * Os Setubalenses deram valorosa replica ao Benfica.

Voltamos hoje a falar sobre o futuro «Estatuto do Jogador», procurando, ainda uma vez, com a nossa modesta e desinteressada colaboração, cooperar com aqueles que tão abnegadamente procuram dar ao nosso futebol uma organização condizente com o seu progresso e a sua popularidade, acabando, definitivamente, com o amadorismo «marrom», que impera, no momento, e estabelecendo normas rígidas e honestas que separem os verdadeiros profissionais dos autênticos amadores, os quais — diga-se de passagem — não existem senão em percentagem ínfima. Tratando ainda da questão referente às transferências, alvitramos que seja estabelecida uma importância percentual, para que o clube que possui a carta do jogador, permaneça de posse da mesma. Assim sendo, no caso de um clube oferecer a um jogador preso a outra agremiação, uma importância qualquer como prêmio de transferência (luvas), o clube possuidor da carta seria obrigado a pagar a esse mesmo jogador, uma quantia equivalente a sessenta por cento da que lhe foi oferecida, a fim de poder continuar contando com o seu concurso, ou seja; beneficiar do «direito de retenção». Desse modo, acabar-se-iam os abusos, e seriam defendidos os interesses gerais, pois assim estariam assegurados os direitos dos clubes menos abastados, mas também não seria cercada a possibilidade de melhoria do jogador, nem explorados os clubes maiores. Bastaria, para maior moralização e para se evitarem os tão desagradáveis «leilões», que os interessados tratassem do assunto por intermédio da Federação. Exemplificando melhor, apresentaremos a hipótese do Sporting pretender o concurso do jogador Costa Pereira, do Benfica, quando ele terminasse o seu contrato. Para os devidos efeitos, comunicaria à Federação que entrara em entendimentos oficiais com o jogador, oferecendo-lhe a importância de 200 mil escudos, como luvas, para obter a sua transferência (não seria abordada a questão dos vencimentos mensais, por haver uma tabela aprovada). Para que o Benfica pudesse continuar a contar com o jogador, teria de oferecer-lhe 60 % da quota importância, ou seja, 120 mil escudos. Entretanto, não podemos deixar de lado a questão do preço da transferência, entre os clubes, pois é também necessário acautelarmos os interesses do grémio que muitas vezes, como já tivemos ocasião de dizer, é responsável pelo lançamento e valorização do jogador. Para esse efeito, seria estabelecido que o clube de origem, poderia exigir, pela cedência da carta de desobrigação, uma importância igual ao dobro daquela que tivesse de dar ao jogador. No caso que apresentamos, por exemplo, o Benfica, se não quisesse pagar ao jogador os 120 mil escudos, poderia pedir um máximo de 240 mil escudos pela transferência. Bem sabemos que muitos clubes, com menores possibilidades financeiras, sentir-se-ão prejudicados por não poderem atender às exigências, mas esse prejuízo será apenas ilusório, pois o meio não comporta cometimentos astronômicos por parte de nenhum dos outros. E, além disso, temos de convir que em quaisquer ramos de actividade, as grandes organizações têm sempre superioridade, embora isso não impeça as outras menores de viverem desajogadamente e, muitas vezes, apresentando lucros mais compensadores. Por outro lado, não seria honesto nem humano que se impedisse um indivíduo qualquer de se aproveitar das suas habilidades artísticas para garantir um futuro melhor. Não sabemos qual o eco que terão as nossas palavras, mas, de qualquer forma, sentimo-nos satisfeitos por procurar contribuir para a resolução de tão importante problema.

* * *

Ao tomarmos conhecimento do comunicado da Federação, estabelecendo normas para tornar mais efectivo, o trabalho de preparação da selecção nacional que disputará brevemente as eliminatórias do Campeonato do Mundo, não podemos deixar de louvar a atitude assumida pela entidade-mãe. Não se compreende, efectivamente, que num momento em que outros países, com maiores possibilidades e que terão de disputar eliminatórias fáceis, em datas mais afastadas, como é o caso do Brasil, Argentina e outros, já estão a preparar cuidadosamente as suas representações, o seleccionador português, deixe de realizar as sessões de treino com o necessário aproveitamento por falta de jogadores.

E' verdadeiramente inconcebível que numa oportunidade em que os Portugueses têm amplas possibilidades de êxito (o nosso futebol está em ascensão, enquanto o italiano sofre os efeitos do excesso de estrangeiros e o irlandês o do êxodo de seus jogadores de maior categoria), não se reúnam todos os esforços, procurando, com um trabalho de colaboração ampla e eficaz, dar à equipa nacional toda a força e poderio de que ela é capaz.

—Mãos á obra, desportistas!

* * *

Mais uma etapa foi vencida e, desta vez coube-nos enfrentar o harmonioso conjunto do Vitória de Setubal. Apesar do mau tempo, conseguimos um triunfo bastante significativo, obtido através de uma acção muito boa da nossa equipa, especialmente na fase inicial da peleja. No período final, o jogo decaiu pronunciadamente, havendo excessivos choques e dando-se, até, a lamentável expulsão de um nosso defensor. A partir desse desagradável momento, entretanto, o nosso quadro reagiu energicamente e, mesmo em situação de inferioridade, voltou a exibir-se em plano bastante aceitável, aumentando expressivamente a contagem. O clube da «Princesa do Sado», ao contrário do que tem acontecido com outros co-irmãos, não se limitou a jogar á defesa e procurou sempre dar réplica animosa e segura ao nosso «team». Demonstrou possuir uma equipa muito bem estruturada e que pratica um excelente padrão de jogo.

OTTO GLÓRIA



O improvisado guarda-redes do Oriental, Capelo, defende sob a ameaça de Pompeu

NO ESTÁDIO DE ALVALADE

O pesado domínio do Sporting não demoliu a defesa do Oriental

O Sporting dominou os Orientalistas — e por vezes chegou a ser acabrunhante tal domínio. Chovia. Sobre a relva escorregadia, os leões mais pesados e com melhor domínio de bola, davam a sensação de que alcançariam, com relativa facilidade, vitória expressiva. Seria uma questão de tempo. Lá para a segunda parte. Para mais, á beira do intervalo, o guarda-redes do Oriental, Edmundo, que estava, por sinal, a dar muito boa conta de si, magoou-se fortemente na mão direita, tendo de abandonar o terreno. Substituiu-o, no segundo tempo, o defesa Capelo. Tudo parecia perdido para os Orientalistas. O guarda-redes Edmundo foi ocupar o posto de extremo-direito. Com todo o seu peso, o Sporting persistia, inexoravelmente, no massacre. Os Orientalistas limitavam-se a uma defesa extraordinariamente valente e tenaz. A sorte, por vezes, amparava-os. Mas também não deixavam, em certos momentos, de agir com tino e sem precipitações, trocando passes com o objectivo de abrir clareiras propícias á ordenação de rápidos contra-ataques. Os «leões» massacravam, mas o intervalo chegou com o empate de 0-0.

Quantos golos marcariam os sportinguistas no segundo tempo? — Sucedeu que foram os visitantes os primeiros a violar as redes dos adversários. Num contra-ataque, a defesa «leonina» a acusar muita surpresa e evidente dificuldade em recuperar, uns quantos passes, executados com toda a presença de espírito — e bola para dentro da baliza, com Carlos Gomes boquiaberto. Por muita vontade que tivesse de brilhar, o «keeper» nacional não o conseguia claramente porque a bola só raras vezes chegava até ele. De maneira que sofrer assim um golo, sendo coagido a ficar boquiaberto, custa um pouco, lá isso custa.

Houve sportinguistas que sentiram confranger-se-lhes o coração. Os rapazes continuavam a dominar em cheio, mas isso parecia não chegar. Os «pequenos» de Marvila persistiam em defender-se com unhas e dentes, formando conjunto apreciável. Todos nos seus postos. Quando eram desarmados, com mais ou menos subtilidade, os «leões» caíam. Alguns faziam-no com preconcebido aparato, ajudados pela relva escorregadia. Por isso parte do público irava-se com o árbitro, por não castigar os defensores visitantes com grandes penalidades. Mas havia outros espectadores que, desolados com o rumo dos acontecimentos, olhavam para cima ou para os lados, a ensaiarem palmas de tango.

Um lapso do guarda-redes improvisado proporcionou o tento do empate aos «verde-brancos». Pouco depois, para estes, se abria finalmente a miragem do triunfo mercê de um golo precedido de claríssimo «off-side». O árbitro desta vez não foi vaiado, alguns orientalistas, timidamente, contestaram a legitimidade do tento. O da consolidação

da vitória «leonina», marcado de cabeça por Vasques, em salto espectacular, resultou de um soberbo movimento ofensivo «made in» Sporting de saudosos tempos. Galaz-Martins-Vasques. Bola dentro das redes. Tudo muito simples em engrenagem preñhe de dificuldades e de complexidade. O melhor lance do encontro!

(Continua na 7.ª página)

NO ESTADIO DA LUZ (Benfica, 4 - Vitória, 0)

Superioridade num jogo bem disputado que poderia ter se o árbitro quise



Com os Setubalenses ao ataque, Artur intervém com êxito, defendendo ques e Miguel estão interessados na lance, Soares espera algo, mas já dá, não vá a coisa complicar-se...

A chuva caindo copiosamente uma hora antes do começo do encontro que benfiquistas e Setubalenses disputaram no Estádio da Luz afugentou muita gente, inclusive partidários do guia da classificação.

Não teve, por isso, assistência condizente com a importância da partida, um jogo que se aguardava bem disputado, dada a carreira do leader e o crescimento do Vitória setubalense que apresentava boas credenciais depois do seu êxito de há oito dias no despique com a Académica.

O jogo na primeira parte correpondeu de certo modo á expectativa, com domínio do Benfica, técnico e territorial, a que o Vitória respondeu com muita galhardia. Dois golos a premiar a melhor acção dos encarnados não estavam fora da lógica e até os vitorianos devem ter-se conformado com tal estado de coisas até ao intervalo.

Recomeçada a partida, pensava-se que o Benfica continuaria a fazer alarde da sua superioridade, mas porque as operações não correram de feição para os donos da

NO BARREIRO

Em terreno mau Cuf e Caldas S. C. disputaram um bom jogo

As duas equipas adaptaram-se bem, no Barreiro, às más condições do terreno (choveu em quase toda a primeira parte) actuando com bom sentido no ataque e com excelente organização na defesa. Mais insistentes nos lances ofensivos e fazendo uso de jogo mais prático, os cufistas criaram um maior número de ocasiões de golo e de perigo para as balizas contrárias—o que justificou, plenamente, o triunfo tangencial, obtido a menos de um minuto do início da partida.

Podiam, todavia, os visitantes, que consentiram aquele golo por culpa própria, ter chegado depois à igualdade de 1-1, pois desperdiçaram, também, algumas oportunidades criadas em frente das balizas de José Maria.

Até ao fim e ao cabo, a vitória da Cuf por 1-0 pode considerar-se o resultado mais certo do encontro, pois premeia com o triunfo a equipa que mais o mereceu, ao mesmo tempo que reflecte as dificuldades criadas pela animosa equipa das Caldas da Rainha, que voltou a dar boa conta de si, não obstante ter alinhado ainda mais desfalecida que no domingo anterior. Faltou Janita a juntar ao lote Abel, Romero e Fragateiro, afastados há mais tempo por motivo de contrariedades de vária espécie.

No que respeita a oportunidades de golo perdidas neste desafio em que apenas um tento se marcou num remate de Sérgio a cair sobre a baliza lance fortuito que encontrou o guardião caldense desprevenido.



em golpe de cabeça. Pegado, Vasco e Calado também aguar-

«casas», os Sádinos espreitaram e, a certa altura do segundo tempo, o Vitória apareceu ameaçador.

Tudo estaria bem—as contingências das partidas de futebol assim o determinam—se não fosse o caso do árbitro, sr. Abel da Costa, do Porto, começar a errar de forma a dar nas vistas e a indignar o publico da «casas».

Com a vigor empregado na luta pelos visitantes, a partida, aí pelo quarto de hora do segundo tempo,

nido em situação falsa por sentir o terreno enlameado a fugir-lhes dos pés.—há a registar a favor dos locais as seguintes: aos 11 minutos, Arsénio isolado em frente das balizas com o guarda-redes a sair-lhe ao caminho, rematou por alto; aos 15 minutos, um «bicanço» de José Luis levou a bola a bater na quina do poste; aos 28 minutos, novo remate de Arsénio encontrou Vitor e Rogério «por acaso» no caminho da bola; aos 61 minutos, «Ivry» de Sérgio a cruzar a baliza, fazendo passar o esférico em frente das redes e, a escassos centímetros do pé de Pedro Duarte, que bem se esticou para finalizar o lance; aos 62 minutos, mais um remate de Arsénio, desta vez defendido pela trave; e, aos 68 minutos, Vitor defendeu para perto outra «brasa» de Arsénio, mas recuperou a bola com segunda defesa aos pés de Bispo.

Todas estas jogadas de golo per tenceram a Cuf—enquanto que o Caldas também podia ter marcado: aos 12 minutos, num «livre» de António Pedro para Garófalo, que este finalizou mal, de cabeça, com o alvo á mercê; e, aos 40 minutos, numa rápida infiltração de António Pedro, concluída com remate a rasar a barra...

Onde as duas equipas agradaram, sem reservas, foi na facilidade de adaptação às más condições do terreno. Ambas—nesse aspecto—soubem jogar no estilo mais aconselhável, proporcionando uma partida animada e sempre com o interesse provocado pela expectativa do resultado. O engodo e aplicação de todos os que pisaram o difícil terreno, escorregadio todo ele e com poças de água nalguns sectores, merece realce especial e não dá lugar a referências individuais. Todos, sem excepção, se agigantaram a si próprios, num dispêndio de esforços que contribuiu imenso para a boa feitura do jogo. Sim porque, além do interesse da partida pelo resultado que se manteve incerto nos noventa minutos, o jogo foi bem disputado do princípio ao fim.

Tudo foi bom no desafio do Barreiro, até a arbitragem do sr. Inocêncio Calabote, cuja preocupação constante de demorar o apito para não beneficiar o infractor merece ser apontado com destaque no seu excelente trabalho.

HENRIQUE PARREIRÃO
VOLEIBOL

Lisboa Ginásio brilhante vencedor

do «Nacional» da 2.ª divisão

Terminou, ontem, o campeonato nacional de voleibol (2.ª divisão). A despeito da «poule» final, se ter disputado no Porto, o vencedor foi o Lisboa Ginásio. E do que conhecemos do voleibol do Sul, temos de considerar que o título ficou em excelentes mãos. O Lisboa Ginásio é constituído por um conjunto de elementos que tornam o quadro poderosíssimo. Estamos até convictos que a sua preparação pudessem ter a persistência, a profundidade, enfim, os cuidados requeridos pelas exigências do voleibol actual, o Lisboa Ginásio não seria só um adversário de temer, porque seria o mais cotado pretendente ao título.

E' de registar que os ginastas não só contaram por triunfos os encontros dirimidos no Norte. Eles triunfaram, o desafio, que por força do cumprimento do calendário, tiveram de travar, na fase de qualificação com o Benfica. E, agora na Cidade Invicta, voltaram a repetir o fenómeno, o que já não se pode levar á conta de inspiração momentânea, pois, há que registá-lo como acontecimento natural, tradutor da sua capacidade técnico-táctica. E, não dando «ouvidos» ao factor ambiente, já na véspera haviam feito o F. C. Porto baixar os braços vencidos. Ontem, coube a vez, ao mais humilde da prova (Nu-



Com uma palmada, José Maria desvia a bola para «cantos». Lenine e Romeu estacam desiludidos. Repare-se no aspecto desolador do peão... Contam-se pelos dedos os espectadores...

EM TORRES VEDRAS

Excelente organização global do Lusitano

Afigura-se-nos que a equipa de Torres Vedras está presentemente a atravessar um período difícil, a reflectir, naturalmente, pronuncia do abaixamento de forma de algumas das suas pedras.

Fundamentalmente, a equipa perdeu poder de ataque, no sentido da facilidade de infiltração e de remate, já que no reduto defensivo a quebra não é tão pronunciada.

E nem sequer se pode encontrar no arranjo dado ao quinteto atacante que ontem defrontou o Lusitano a justificação da incarácterística exibição da equipa, não só porque o facto já tem sido observado em jornadas anteriores, mas essencialmente porque não cremos que a presença de Matos e de José da Costa desse ao «onze» a movimentação adequada ou contrabalancasse, por si só, o inferior rendimento de outras peças.

E assinala-se que um dos males de que ontem sofreu a turma de Torres, esteve na deficiente actuação dos médios Belen e Monteiro, ainda que por motivos diferentes, mas originando o mesmo efeito: falta de «serviço» aos avançados em condições de estes poderem «discutir» com a defesa visitante.

Falhando o compartimento médio do Torriense, ao qual incumbia assegurar o equilíbrio da equipa, toda a estrutura em que assenta o jogo dos locais tinha forçosamente de ressentir-se, o que veio a verificar-se, ainda que o esforço de alguns (Forneri, Fernandes e Moraes) o tivesse disfarçado, sem impedir, todavia, que as consequências inevitáveis surgissem.

O Lusitano—reflecte-o a própria posição na tabela da classificação—mostrou-se equipa cheia de personalidade, consciente do seu valor global, exibindo um padrão de jogo bem assente em sistema definido, maleável, no qual a manobra ataque-defesa ou vice-versa é executada sem esforço aparente, dando a impressão de que todas as peças se encontram perfeitamente encaixadas nesse sistema, ainda que aqui e ali, em jogadas de pormenor, salte á vista a maior valia técnica de um ou de outro elemento.

Todavia, os Eborenses deram em toda a partida, a sensação de não quererem aventurar-se a impor o seu jogo ao adversário, aceitando, antes, que este «expusesse» as suas pretensões, dando-lhe em seguida a réplica adequada.

Aparentemente, os Alentejanos davam a noção de aceitar o jogo no seu meio campo, para numa manobra hábil e consciente, a equipa forçar o ataque, colocando a defesa local em sobressaltos constantes, pela facilidade de infiltração dos dianteiros visitantes, rápidos nas desmarcações e oportunos no passe do esférico.

A justiça do triunfo alcançado pelo Lusitano de Évora em Torres Vedras, parece-nos que fica suficientemente demonstrada. Mais golo, menos golo, não vem ao caso.

No Torriense, Gama esteve bem. Sofreu três golos, sem nada poder fazer para os evitar. Salvou um quarto tento, a remate de Angelo, em defesa de muito mérito. Forneri, à parte o lance, de que resul-

(Continua na página seguinte)

	EM CASA						FORA						TOTAL					
	J.	V.	E.	D.	B.	P.	J.	V.	E.	D.	B.	P.	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Benfica ...	5	4	1	—	13-3	9	5	3	2	—	11-7	8	10	7	3	—	24-10	17
F. C. Porto ...	5	5	—	—	20-1	10	5	1	2	2	7-8	4	10	6	2	2	27-9	14
Lusitano ...	5	4	—	1	12-8	8	5	2	1	2	12-9	5	10	6	1	3	24-17	13
Sporting C. P.	5	3	1	1	21-7	7	5	2	1	2	12-7	5	10	5	2	3	33-14	12
Belenenses ...	5	4	1	—	19-7	9	5	—	3	2	5-11	3	10	4	4	2	24-18	12
Barcelense ...	5	4	—	1	9-3	8	5	1	2	2	5-10	4	10	5	2	3	14-13	12
Oriental ...	5	2	3	—	8-5	7	5	2	—	3	6-9	4	10	4	3	3	14-14	11
Vitória F. C.	5	3	2	—	11-3	8	5	1	—	4	7-15	2	10	4	2	4	18-18	10
Académica ...	5	2	3	—	13-5	7	5	1	—	4	5-11	2	10	3	3	4	18-16	9
Torriense ...	5	2	1	2	8-8	5	5	1	1	3	7-13	3	10	3	2	5	15-21	8
Caldas ...	5	2	1	2	7-11	5	5	—	2	3	1-7	2	10	2	3	5	8-18	7
C. U. F. ...	5	3	1	1	8-5	7	5	—	—	5	3-26	0	10	3	1	5	11-31	7
S. Covilhã ...	5	1	1	3	5-9	3	5	—	2	3	4-13	2	10	1	3	6	9-22	5
Atlético ...	5	1	1	3	7-13	3	5	—	—	5	3-15	0	10	1	1	8	16-28	3

(Continua na página seguinte)

(Continua na página seguinte)

A marcha do campeonato

O Campeonato Nacional da 1.ª Divisão deu-nos ontem mais uma jornada—a 10.ª—, no decurso da qual se anotaram os resultados que relembramos:

Benfica-Vitória ...	4-0
Sporting-Oriental ...	3-1
F. C. Porto-Belenenses	5-0
Spt. Covilhã-Atlético ...	2-1
Académica-Barcelense	2-2
Torriense-Lusitano ...	1-3
C. U. F.-Caldas ...	1-0

Coube, desta vez, á cidade do Porto o desafio de maior expectativa e interesse da jornada. Ali se defrontaram as equipas do F. C. do Porto e do Belenenses—ambas movendo tenaz perseguição ao guia. A partida veio, afinal, a proporcionar o mais, senão unico, resultado surpreendente desta «ronda», pois registou-se a marca mais desnivelada, quando é certo que se podia prever, precisamente, o contrário.

Mas, a preferência dada ao desafio das Antas não significa que outras partidas não tivessem condições de agrado, como por exemplo, a da Covilhã, com os dois ultimos da tabela frente a frente. Relativamente a este encontro, as previsões quase gerais de um resultado pouco expressivo não sofreram desmentido.

São factos dignos de realce na jornada de ontem, além da já referida expressão da vitória dos Portuenses sobre os Belenenses, a primeira vitória dos Covilhanenses no seu campo, a circunstancia dos Eborenses terem formado a unica equipa vencedora no campo alheio e a «queda» dos Torrienses.

F. C. do Porto e Benfica fizeram as melhores marcas da jornada, a confirmar a justiça dos lugares que ocupam.

Lisboa não esteve afortunada no seu despique com a Província. O Belenenses foi copiosamente batido e o Atlético consolidou-se no ultimo lugar. Só o Benfica salvou a «honra do convento».

Dos resultados de ontem só surgiram alterações entre as quatro equipas—por sinal todas elas da primeira metade da classificação. E, neste aspecto, a nota saliente é-nos fornecida pela subida do Sporting, que deixou de ser 7.º para ser 4.º, passando a ocupar uma posição mais de harmonia com a sua categoria. Que o antecedam o Benfica e o Porto nada tem de extraordinário, a presença do Lusitano á frente dos «leões» é que pode, agora, ser tida como unico motivo para carta mágoa dos Sportinguistas.

Além do Sporting trocaram lugares o Lusitano (de 4.º para 3.º), o Belenenses (de 3.º para 5.º) e o Oriental (de 5.º para 7.º). Não se diga que as derrotas não trouxeram más consequências...

Na jornada de ontem marcaram-se 25 golos, o que perfaz o total de 249 tentos nas 10 jornadas. A conta de ontem é a que mais se aproxima da média geral.

O jogo do Benfica-Setubal

(Continuação da página anterior)

entrou em fase de rudeza que o árbitro não soube reprimir ou, se reprimiu fê-lo com nitida desvantagem para o Benfica, a jogar em terreno seu e isso seria coragem se fossem criteriosos os seus julgamentos.

O desacerto do árbitro gerou dentro e fora do rectângulo estados de espírito influentes no desenrolar da partida.

Para corresponder ao vigor dos visitantes, os visitados não estavam pelos ajustes entraram no caminho das represálias.

Se o sr. Abel da Costa tem punido como devia, algumas saliências dos Setubalenses a partida estaria salva. Enveredou, porém, pelo caminho de desculpas faltas idênticas aos visitantes, punindo-as do Benfica, e a coisa azedou-se. Breve, contudo, os jogadores das duas equipas se compenetraram dos seus deveres — não por influência da autoridade do juiz da partida mas por respeito às boas normas desportivas e tudo teria passado ao olvido se não fosse o caso do árbitro expulsar, sem razão aparente, o defesa-esquerdo dos donos da «casa», depois de uma jogada rude sim, mas sem efeito.

Quer dizer que o árbitro ia estragando uma partida que decorreu no primeiro tempo, de forma exemplar.

Visto o jogo no seu aspecto geral, ficou-nos a convicção de que o Benfica mereceu a diferença do resultado. Mas um 5-1 ou 6-2 estaria mais de harmonia com o desenrolar das operações, atendendo, claro, à boa actuação da defesa setubalense, guarda-redes incluído, uma vez que os avançados benfiquistas tudo fizeram, menos rematar bem, para obterem um score elevado.

O Benfica teve, ontem, nos seus avançados a construir jogo — o que não vinha sucedendo — a expressiva superioridade que se notou através da partida. A defesa

é que não esteve nos seus dias felizes. Por mor disso, os Setubalenses tiveram períodos dignos de nota e, no segundo tempo, entre o primeiro e terceiro quarto de hora, tiveram assomos de equipa compenetrada, menos explícitos por mais vigorosos.

Mas a superioridade dos benfiquistas mais se evidenciou quando, reduzido o seu quadro a dez unidades, conseguiram mais dois tentos. Apesar de batidos por quatro golos sem resposta, os Sadinos deram boa réplica do ponto de vista, empenho na luta e em algumas vezes de futebol bem jogado. Louve-se-lhe o facto de poucas vezes terem estado sobre a defesa.

A equipa setubalense fez jogo aberto, como que não se atemorizando com a categoria do adversário e no segundo tempo, como acima referimos, mais bem adaptada ao terreno arrelvado e escorregadio, devido à chuva, teve recortes de jogo muito apreciáveis.

Mourinho, o herói da equipa, Pinto de Almeida que nos pareceu remocado, e Graça, jogador de alto a baixo, foram os melhores elementos de uma equipa que, apesar de batida por score elevado não deu má conta do recado.

O Benfica, como já dissemos, jogou no seu estilo característico da presente época: compenetração, poder atlético e bom sentido ofensivo, só com o senão de menos acerto defensivo.

Caiado foi, na linha avançada, o menos certo de um quinteto de jogo apreciável para o nível do nosso futebol e Aguas, jogador fino, de bom domínio de bola, parece ter perdido qualidades rematadoras. Crise passageira? Salvador e Coluna estiveram em evidência.

Os médios tiveram realce e na extrema defesa, Artur, no primeiro tempo, teve lapsos que corrigiu no segundo.

Do trabalho do árbitro já dissemos o suficiente.

ANTÓNIO DE SEQUEIRA

Os jogos da 2.ª divisão ZONA NORTE

Leixões comanda de novo tomando vulto a recuperação do Braga

Batidos Salgueiros, Boavista e Gil Vicente, e vencedores Vitória, Leixões e Sporting de Braga, a luta do alto da classificação, da Zona Norte, entrou numa fase de mais intensa emoção.

A derrota dos salgueiristas, em Guimarães, surpreendeu, sobretudo, pela sua larga margem e, nesse aspecto, não se tornou menos notável o volumoso êxito do Sporting bracarense, em Chaves.

O revés do Boavista, em Viana do Castelo, também não deixou de ter algo de inesperado, o mesmo se julgando em relação à visita do Gil Vicente a Coimbra.

Pode dizer-se que, entre todos, apenas o Leixões se manteve na normalidade ao vencer o Marinhense, por 4-1.

Com tudo isto, o Leixões retomou o primeiro lugar, posição que a equipa merece pela regularidade revelada, e o Vitória ascendeu ao segundo, em igualdade de pontos com o Salgueiros.

Mas, o Braga, mais senhor de si, em cada jornada que decorre, aproxima-se, a passos largos...

Como nota de importância aponta-se o esforço desenvolvido pelo Peniche, para se libertar do último lugar, esforço que, apesar do brilhante triunfo que o esmaltou não teve inteira compensação, já que o União de Coimbra também não perdeu.

Mas, o Espinho deixando-se dominar, em casa, comprometeu-se seriamente, e ficou apenas a dois

pontos de distancia dos Penichenses.

Boa demonstração do Vitória

A expectativa sensacional que envolvia o encontro da «Amorosa» foi, afinal, quase inteiramente lograda...

Esperava-se que o Salgueiros disputasse o resultado até o ultimo

As classificações

	J.	V.	D.	Golos	Pontos
Leixões.....	12	8	3	13	19
Salgueiros.....	12	9	3	11	18
V. Guimarães.....	1	7	4	1	15
Boavista.....	12	7	1	2	14
Braga.....	1	0	2	4	14
Gil Vicente.....	12	3	2	4	14
Sanjoanense.....	12	0	6	3	12
Vianense.....	12	3	6	3	11
Tirsense.....	12	4	2	6	10
Marinhense.....	12	3	3	2	9
Chaves.....	12	1	—	20	5
U. Coimbra.....	12	3	—	7	15
Espinho.....	12	1	3	0	12
Peniche.....	1	1	3	14	29

instante, mas a fisionomia tomada pelo jogo desmentiu, por completo, essa perspectiva.

O Vitória, tendo conseguido marcar aos três minutos, soube tirar todo o partido de tal circunstância.

Perante a iminência de uma derrota larga, o Salgueiros reagiu, mas o seu esforço não foi bastante para travar o ímpeto dos locais, que se mantiveram em plano de superioridade e, em curto espaço, haviam já elevado a diferença para 3-0.

Triunfo fácil para o Leixões

Em Matosinhos a equipa da «casa» não teve dificuldade, exercendo acentuado domínio, desde o primeiro momento.

A superioridade dos Matosinhenses foi evidente, e a marca de 3-0 com que se atingiu o intervalo, era a sua expressão exacta.

No período final do encontro, os visitantes deram melhor ideia do seu valor, chegando mesmo a desfrutar de ascendente territorial.

Logo, porém, que o Marinhense logrou obter um golo, os locais voltaram a acelerar o andamento criando uma série de ocasiões apertadas para a baliza contrária uma das quais servindo-lhes para repor a diferença anterior. O triunfo leixões.

Voleibol

(Continuação da página anterior)

no Alvares) baqueou ante o novo campeão, o que sucedeu sem admiração.

O Benfica perdeu não só contra o Lisboa Ginásio, como também contra o «seis» do F. C. Porto. Inesperadamente, os «encarnados» apenas lograram triunfar sobre o Nuno Alvares. Dizemos inexplicavelmente, também, porque sabendo nós que a preparação atlética do Benfica é primorosa não se concebe tamanha desilusão. O que se passa com o Benfica?

A equipa do F. C. Porto obteve óptimo segundo lugar, apenas com o desaire sofrido ante o Lisboa Ginásio, o que, de certo modo, traduz aperfeiçoamento técnico.

Finalmente, o Nuno Alvares, mereceu da sua flagrante inexperiência, não logrou um triunfo sequer. Averbese, contudo, a esplêndida réplica dada no encontro contra os «azuis-brancos», pois obrigaram estes a disputar o máximo de «sets» possível em cada encontro.

Eis a classificação final:

	J.	V.	D.	Sets	P.
L. GINÁSIO ...	3	3	0	9-4	6
F. C. Porto ...	3	2	1	8-7	4
Benfica ...	3	1	2	7-7	2
Nuno Alvares...	3	0	3	3-9	0

xonense não sofreu contestação, mostrando a equipa, quando foi preciso construir o resultado, toda a garra que a tem caracterizado.

Vitória sensacional do Braga e derrota inesperada do Boavista

Braga e Boavista fizeram resultados opostos, que podem muito bem vir a relacionar-se, entre si, no futuro de ambos os clubes.

O magnífico êxito da equipa da capital do Minho consumou-se na segunda parte. Já no decorrer do primeiro tempo, a maior capacidade dos Bracarenses se afirmou, mas a oposição entusiástica do grupo flaviense não permitiu que ela se expressasse com mais de um golo. No recomeço, porém, o Braga deu mais profundidade ao seu jogo e os golos acumularam-se.

Tendo já jogado com o jovem e habilidoso Ferreirinha, o Sporting de Braga, com os irmãos Mendonças, Velez e Baptista, dispõe agora, de um ataque de recursos.

Em Viana do Castelo, o aspecto do encontro ali disputado pelo Boavista foi inteiramente ao inverso, jamais os visitantes tendo conseguido impor-se à equipa local. Os Vianenses tiveram quase sempre o comando do jogo, mostrando-se os «axadrezados» em dificuldade para ripostar.

O balanço geral da partida tornou-se inteiramente favorável ao conjunto minhoto.

Só a defesa do clube do Bessa se afirmou na barreira oposta à ofensiva contrária, ao passo que o ataque se revelava falho de autoridade e ineficaz nas suas tentativas.

Despique regional favorável à Sanjoanense

O jogo que se realizou no Campo da Avenida, em Espinho, era de grande interesse regional, o que tornou a luta extremamente ardorosa.

A rivalidade existente deu grande calor à partida, mas os visitantes, sem se impressionarem com o ambiente, souberam construir a vitória com vontade e energia.

Peniche e União de Coimbra, ambos vitoriosos

A luta na cauda da tabela oferecia interesse em Peniche e em Coimbra. Afinal, com vitória para Penichenses e Comimbrienses a distancia entre eles manteve-se, mas o clube da Lusa-Atenas por isso não deixou de ser beneficiado, passando de penúltimo a décimo-primeiro e colocando atrás de si o Chaves e o Espinho.

Aos Penichenses foi, sem dúvida, o grande entusiasmo com que se bateram que lhes concedeu tão expressiva marca.

Em Coimbra, tudo se tornou mais difícil ao clube local, pois o conjunto de Barcelos não deixou de afirmar valor, tornando o resultado incerto até sete minutos do termo, altura em que o União viu, finalmente, premiado o esforço que vinha desenvolvendo, com afino, conseguindo o tento vitorioso.

Em Torres Vedras

(Continuação da página anterior)

tou o primeiro golo dos visitantes, manteve-se em bom plano. Fernandes na segunda parte e Moraes na primeira salientaram-se, enquanto os restantes tiveram actuação muito irregular.

No Lusitano, como já salientamos, prevaleceu a ideia de conjunto, mas sem desprimor por o trabalho dos restantes, não queremos deixar de referir os nomes de Falé, Vieirinha e Batalha como os mais destacados do lote.

Arbitragem do sr. Libertino Domingues, de Setúbal, sem grandes motivos para reparo.

ISAAC PAIS

O «Diário de Lisboa» vende-se no SEIXAL, na casa Firmino de Oliveira Pinto.

Como experimentar gratuitamente um Curso LINGUAPHONE completo (discos e livros) para falar inglês em três meses

O Instituto Linguaphone oferece-lhe a oportunidade de começar a estudar em sua casa, pelo famoso método Linguaphone. O essencial é que tenha um desejo sincero de falar inglês (ou qualquer das 22 línguas ensinadas pelo Instituto Linguaphone). Se assim for, estamos prontos a confiar-lhe imediatamente um curso para uma experiência grátis e sem compromisso.

O QUE DEVE SABER ACERCA DO MÉTODO LINGUAPHONE

Nenhum livro lhe pode ensinar a falar correctamente o inglês ou qualquer outra língua com uma pronúncia imperável; é preciso ouvir os naturais do país: ouvi-los em sua casa, na altura que desejar seguindo um novo e revolucionário método de ensino por discos. Professores eminentes falam-lhe na sua língua, primeiro lentamente, depois aumentando a velocidade.

cidade à medida que vai progredindo. O ambiente do país rodeia-o desde o princípio do curso e em 60 horas de estudo fica a falar como se acabasse de ali fazer uma estada. Aprender com o Linguaphone é um passatempo dos mais agradáveis.

ESCREVA-NOS OU VENHA VISITAR-NOS

Visite-nos hoje mesmo, para uma lição demonstração gratuita ou escreva ao Instituto Linguaphone utilizando o cupão abaixo e receberá uma interessante brochura contendo a oferta de uma experiência gratuita de 8 dias em sua casa.

INSTITUTO LINGUAPHONE

ESTABELECIMENTO
VALENTIM DE CARVALHO,
LDA.

R. Nova do Almada, 97—Lisboa

LIVRO GRÁTIS



INSTITUTO LINGUAPHONE

R. Nova do Almada, 95

Queiram enviar-me (sem compromisso) o Livro Grátis sobre o Linguaphone, contendo a oferta de uma experiência de 8 dias em minha casa.

Interessa-me aprender a língua..... para viagens, negócios, cultura, ensino, exames, melhorar de situação, ensinar uma criança (riscar o que não for aplicável).

Nome.....
Morada.....

D. L.-H-19-11-56

No Estádio de Alvalade

(Continuação da página central)

nexo... Tornava-se difícil romper a barreira defensiva dos adversários, constituída por jogadores voluntariosos, decididos, rápidos e argutos nas antecipações. Os lapsos dos dianteiros sportingistas, nesses momentos capitais, facilitaram a acção dos defesas do Oriental.

Os «leões» caliam em peso sobre os contendores, mas raramente ordenavam lances com a inteligência e a visão necessárias para as derrotar mais facilmente. Um domínio pesado, cheio de irreflexões, de contrariedades, de comprometedoras hesitações.

Osvaldinho, recuado, parecia divertir-se em imitar um interior-esquerdo «tipo armador de jogo» — o fagueiro sonho do sr. Picabêa. Vasques, com toda a sua experiência e todo o seu virtuosismo, em vários lances fornecia a ideia de que conhecia pela primeira vez a formação dianteira. Martins isolava-se, corria e centrava. O ex-impopular Hugo, ora em magnífica forma, gal-

gava os adversários, galgava o terreno, lutava generosamente — e centrava. Os extremos centravam quase sempre em direcção às cabeças dos adversários. Osvaldinho «picava» a bola por alto, sobre as redes. Vasques andava de nariz no ar. Pompeu, o mais perigoso no remate, também. Os defesas adversários não lhes davam tréguas. Além disso, viam, como é natural, a sua tarefa muito facilitada. Os avançados «leoninos» trocavam passes. Evoluçionavam no terreno, por vezes, com brilho. Mas nada de lances de imaginação, de inteligência, de classe individual a provocar o conjunto exigido pelas circunstâncias — com o objectivo de atingir o alvo pelo caminho mais curto, sem necessidade de entrar a miude ao choque, de disparar a figura dos antagonistas, de falhar, em suma, nos instantes decisivos. Apenas falta de imaginação e de visão intrinsecamente ligadas aos conjuntos reais e poderosos. Um domínio pesado, triste, monótono, desalentante, quase sempre igual, como igualzinho eram os malogros verificados na suprema altura em que se tornavam inevitáveis os disparos às redes.

A defesa, tendo embora a tarefa facilitada, os Orientalistas deram noção exacta de que merecem a posição de que desfrutam. Noutras circunstâncias mais favoráveis, em ambiente menos impressionante e menos impressionável, já não falando do seu, os Marvilenses poderiam exibir conjunto apreciável, um fio de jogo consciente, com sentido exacto dos lances ofensivos. Não contando com os defesas, os «he-

rois» da contenda, Rogério, Leitão, Hidalgo, Moreira e Martinho mostraram-se hábeis no domínio de bola e com a predisposição de a levar até às balizas sem complicação de maior.

Decerto porque também contribuíram em peso nos lances de ataque, os defesas sportingistas, embora tranquilos, resolutos e experientes, não deram a sensação de rapidez sempre indispensável para desfazer, com limpidez e frescura, situações de apuro — mesmo que estas se verifiquem na zona central do terreno.

Pérides e Juca trabalharam incansavelmente no apoio firme à linha da frente e fizeram-no, por vezes, com assinalado brilho. Os avançados é que complicaram por demais a sua acção, repetindo-se com frequência, não fornecendo vida, alegria e clarividência ao conjunto e às iniciativas de natureza individual. A começar por Hugo, o jogador mais festejado, realmente em boa forma, que prodigalizava a miude generosas energias e se creditava de rasgos brilhantes, para deitar tudo a perder, mergulhando de sobre na mediocridade, ao centrar sobre as balizas — para o monte, ao Deus-dará... Nos instantes capitais do ataque — é que se observam melhor os primores de um conjunto e os rasgos de categoria. Repetimos um lugar comum: os avanços do Sporting, muitas vezes, quase sempre, tiveram princípio e meio, mas ficaram assaz distantes do fim... Não havia remate aplicado nas melhores condições de êxito — nem poderia haver!

VASCO ROCHA

CASINO ESTADIAL

HOJE — No «WONDER-BAR»
SERVIÇO DE RESTAURANTE
Jantares e Cenas
Conjuntos HELEDER REIS
e OLIVER
(ADULTOS)

Leiam o jornal humorístico
«SEMPRE FIXE»

O DESAFIO DE LEIRIA

O «rendilhado» da Académica contrariado pelo sentido prático do Barreirense

Atirado pela força das circunstâncias para Leiria (por sinal o estádio da cidade do Liz oferece excelentes condições), o jogo Académica-Barreirense proporcionou agradável espectáculo. E deu origem a um empate que, sem deixar de servir os «capas negras», melhor serviu os barreirenses, este ano numa caminhada interessante e até sensacional, atendendo a que anteriormente não conseguiam fazer esta bonita figura de agora.

Leiria esteve em festa. Naturalmente.

E o publico, algum dele ido de Coimbra, acompanhando o seu «team», pôde assistir a uma partida emocionante, disputada com vigor e virilidade, numa persistente aplicação de todos os jogadores. Talvez um tudo nada mais pronunciado no grupo da orla do Tejo, defendendo uma posição sem duvida brilhante.

A Académica, a jogar, foi superior aos «rubros-brancos» do Barreirense, sem embargo de haver, nestes, dois jogadores habilitados, capazes de transmitir sentido de habilidade a todo o onze. Referimo-nos a Faia e José Augusto. Mas os «capas negras» excederam-se no desenho dos lances, rendilhando as avançadas por demais e permitindo que a organização defensiva «visitante» actuasse com perfeita harmonia e utilidade, mesmo sofrendo dois golos, a colocarem o «score» em 2-0. Dominou mais, evidentemente, o grupo do Mondego. Dominou, por vezes, nitidamente. Dominou, por vezes, sem profundidade, e o Barreirense foi-se aguentando, foi-se mantendo firme, suportando com calma e absoluta tranquilidade uma pressão que, sendo intensa, mais em qualidade que em quantidade de jogo, não era avassaladora ou esmagadora.

O 2-0 acabou por não ser o resultado que os «negros» precisavam.

Após o intervalo a fisionomia do encontro conservou-se inalterada, com a Académica a dar mais nas vistas. Mas sucedeu o que esitava previsto: Rocha, em conodição física que não é perfeita, por via de se encontrar no serviço militar, cedeu, quebrou. E, desde logo, os

«estudantes» perderam a unidade que comandava as suas ofensivas, e daí o ter-se fraccionado a equipa, com reflexos no sistema defensivo, naturalmente. Jogo não «seguro» a frente, desde logo conduzia a insegurança defensiva. Vieram as hesitações, as falhas, as demoras na intervenção sobre os dianteiros barreirenses, e o inevitável aconteceu. Tinham de ser os habilitados do «team» do Tejo os marcadores dos golos, que se tornavam merecidos, e em lances de habilidade os obtiveram. Primeiro, José Augusto; depois, Faia.

Assim se construiu o resultado de Leiria.

Vem a estar certo, certíssimo, na medida em que os «capas negras» não souberam aproveitar toda a sua vantagem técnica e territorial, na medida em que os visitantes, podemos chamar-lhes assim, souberam não perder a serenidade, organizando-se na defensiva e no contra-ataque com uma pertinácia que deu ao melhor jogo, o jogo mais pensado, mais cerebral, apetece dizer mais «académico», da turma de Coimbra.

Leiria, repetimos, pôde apresentar um espectáculo futebolístico de apreciável qualidade, correcto, limpo, em ambiente de vigor e aplicação, sem duvida, mas também de disciplina, o que facilitou a tarefa de Jaime Pires, o árbitro.

Para os «capas negras» o desfecho deste curioso pleito pode representar uma lição. Afigura-se-nos que os conimbricenses enveredaram por um estilo de futebol que não é o mais consentâneo com as suas necessidades de classificação. O seu jogo deixa um sabor «esquisito». Porque, sendo um futebol alegre, vivo, movimentado, é também um futebol a que faltará objectividade. O Barreirense, nesse aspecto, parece melhor apetrechado. Sem deixar de fazer futebol agradável, dispõe de outro sentido, mais ameaçador, o qual lhe é dado, desde logo, pela acção dos próprios defensores. Foram, afinal, duas equipas de características diferentes que se exibiram em Leiria. E o empate corresponde, até, ao choque dessas características diferentes. Está, portanto, certo. — M. J.

O Covilhã venceu bem o Atlético

por mais incisivo no ataque

Na Covilhã defrontaram-se ontem as duas equipes que jazem nos últimos lugares da classificação geral. Venceram os sportingistas serenos, por 2-1, com todo o merecimento. O Atlético, ainda a contas com várias contrariedades, limitou-se a oferecer réplica entusiástica aos locais. O clube lisboeta encara a sua precária situação com a maior calma. E é provável que dela se liberte no decorrer da segunda volta. Para o Atlético, assim como para os outros clubes em desgraça, todos os jogos se revestem de cunho de decisivos!

Os «leões» da Serrana, no embate de ontem, dominaram, actuaram com mais firmeza e tacto ao ataque. Todavia, o jogo decorreu quase sempre em pronunciada toada de equilíbrio e... de modéstia. Raros lances houve que merecessem referência especial, a não ser, claro, os que implicaram a marcação de golos. O terreno, em mau estado, devido à chuva, também não ajudava, por aí além, à produção de jogo mais satisfatório.

Os sportingistas locais imprimiram sentido mais profundo aos movimentos ofensivos. Os seus dianteiros postaram-se na frente, com o objectivo de explorar, da melhor maneira, os longos despachos dos colegas da retaguarda. Já o mesmo não se registou em relação à equipa lisboeta, cujos avançados se «perdiam» todas as vezes que penetravam na grande área dos adversários. A falta de sentido prático prejudicou os dianteiros da equipa da capital, que raramente dispararam com acerto às balizas contrárias. Mais bem organizados, teriam certamente alcançado bom resultado na Covilhã. Mesmo assim, o primeiro golo que consentiram derivou de um lapso da sua defesa.

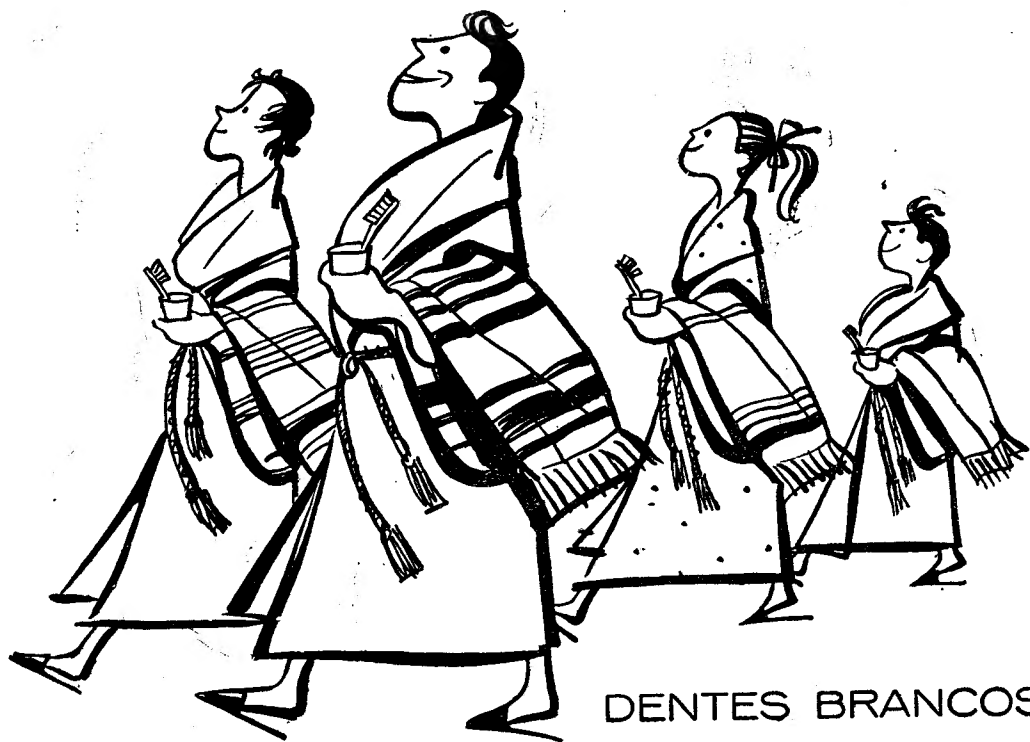
Os reduzidos defensivos estiveram superiores aos compensativos dos avançados, nas duas equipas. Os dianteiros, de maneira geral, actuaram muito abaixo das suas reais possibilidades, acusando talvez os efeitos do mau tempo, que pelos vistos já não perturbou tanto as defesas. No «team» serrano, Fernando Cabrita realizou excelente exibição, dele partindo os passes que melhor serviam os dianteiros. No Atlético, o guarda-redes Correia desempenhou-se, com agrado, da sua missão. Os colegas da defesa distinguiram-se. Se não fora a comprometida hesitação que proporcionou o 1.º tento aos adversários... Os médios esforçaram-se muito, mas não apolaram, tão bem como os da Covilhã, os colegas da vanguarda os quais tiveram, assim, atenuante de ponderar para a sua modesta exibição. Nas redes, Correia defendeu sempre com arrojo e acerto.

O centro-dianteiro Suarez, o espanhol do Covilhã, teve altos e baixos, não se mostrando tão bom no remate como em jogos anteriores disputados desde que fixou residência em Portugal.

Neste primeiro embate entre os dois últimos da tabela ganhou a equipa local. Os jogadores até certo ponto acusam perturbação. Os últimos lugares costumam pesar nos ombros como chumbo. Mas, na verdade, nota-se que existe um pouco de mais confiança entre os representantes da turma lisboeta. Confiança talvez aparente... O certo é que no desafio de ontem, embora vencedora, a equipa covilhã não repetiu uma daquelas exibições agradáveis que na época em curso já realizou, sem que tivesse a dita de ganhar... ou sequer empatar.

Dentosan!

O creme dentífrico
para toda a família



DENTES BRANCOS
BOCA FRESCA
HALITO PURO

DENTOSAN

sem clorofila e com clorofila



Amadeu Raimundo e Jorge Rosales, os dois jovens estorilistas vencedores da taça «Diário de Lisboa»

TÊNIS DE MESA

Foi difícil a vitória

— disseram-nos os dois estorilistas vencedores da taça «Diário de Lisboa»

Os infantis do Estoril Praia, que jogam ténis de mesa, estão de parabéns. Disputaram ontem a final da taça «Diário de Lisboa» interessante troféu instituído pela Associação de Lisboa, destinada àquela categoria, para começo da época. A carreira de ambos (trata-se de dois prometedores praticantes da modalidade) foi excelente, nesta competição, pois chegaram à final sem grandes dificuldades, vencendo os adversários que lhes coube no sorteio, por 3-0. Ontem, foi um pouco mais difícil — e mesmo eles o confessaram. Tratava-se de derrotar o Sporting, adversário de respeito, no Passadizo, mas, nem por isso, pareceram ter sentido a desvantagem. Venceram por 3-2 — o suficiente para ficarem de posse da taça.

O «Diário de Lisboa» teve muito gosto em ouvir os vencedores — dois rapazes desenhados, de bom parecer.

O mais velho dos dois, Jorge Rosales, tem apenas 16 anos e jogou sempre no Estoril, onde aprendeu a praticar a modalidade, aos 14. Disse-nos que estava muito satisfeito por ter ganho a prova e acrescentou:

— Nem podia deixar de estar. Ganhar uma prova é sempre muito interessante, tanto mais que esta foi a primeira em que triunfei...

— Ficará, por isso, com recordações agradáveis...

— Certamente. Hei-de lembrar-me sempre que foi a taça «Diário de Lisboa» o primeiro troféu ganho.

— Quer dizer que pensa continuar a jogar e tem esperanças em triunfar?

— Sim, continuarei a jogar e, evidentemente, com esperanças de ganhar mais provas.

Rosales, que disputou o ano passado o Campeonato Nacional, ficando em terceiro lugar, disse-nos que o encontro com o Sporting foi bastante difícil.

— E o jogador mais forte que derrotou?

— O sportinguista Oman Kuok, na verdade muito forte jogador.

O outro componente da equipa do Estoril, Amadeu José da Silva Raimundo, tem 15 anos de idade e ontem recebeu parabéns dos amigos e da família por dois motivos: ter ganho a prova e ser o dia do seu aniversário. Também começou no Estoril Praia, e, naturalmente, ficou muito contente com o triunfo alcançado.

— Também é a primeira prova em que triunfa?

— Sim. O ano passado também fiquei em terceiro lugar no Nacional e esta taça foi o primeiro troféu ganho.

— Vai festejar o seu aniversário mais satisfeito ainda, claro...

— É verdade. Juntou-se uma coisa à outra...

— Qual foi o adversário mais forte que derrotou?

— O «leão» Oman Kuok, com o qual perdi. Dos outros adversários que defrontei até chegar à final, este foi, na verdade, o mais forte. Antes, as coisas foram mais fáceis... Agora, foi custoso, mas conseguimos triunfar.

E ponto. Os dois jovens tinham dado a sua primeira entrevista, quando acabavam de ganhar a primeira prova.

Panorama do futebol internacional

Kubala continua a dar que falar. Um jornal do país vizinho escreveu recentemente que o famoso ex-hungaro não alinhava há algum tempo no Barcelona em consequência de se embriagar com frequência. Teria sido já avisado duas vezes e ameaçado de que, observado novo caso, veria o seu contrato anulado. Kubala tem apenas 29 anos.

Os Franceses não ficaram muito satisfeitos com a exibição global da sua equipa, não obstante ela haver ganho por 6-3 à Bélgica. O colapso momentâneo, registado entre 4-1 e 4-3, alarmou a imprensa, particularmente a de Paris. Preconizaram-se medidas tendentes a rejuvenescer o «team» e os seleccionadores admittem que, no próximo desafio, contra Portugal, em 24 de Março, sejam experimentados dois defesas laterais e um médio (Ferrier).

No quadro das providências sugeridas para remocar a selecção de França figura a realização de um jogo entre a referida selecção e um grupo de jovens, antes do encontro dos «tricolores» com os Portugueses. A opinião publica acolheu a ideia com interesse e agrado, também se pronunciando favoravelmente os presidentes da Federação e do Comité de Selecção.

O encontro Inglaterra-País de Gales (3-1) foi disputado com muita violência. O extremo-esquerdo inglês Grainger fracturou um pé e Kelsey, guarda-redes galês, esteve doze minutos fora do campo depois de choque com Finney, no qual este usou de pouco lisura.

A Taça dos Campeões Europeus, edição de 1957, anda em maré de complicações, originadas, em gran-

de parte, pelos recentes acontecimentos internacionais. De momento, só há um clube qualificado para os quartos de final: o Red Star, de Belgrado. Nice e Glasgow Rangers e Rapid-Real Madrid têm de fazer novo jogo, estando previstos, respectivamente os dias 29 de Novembro, em Paris, e 13 de Dezembro, em Genebra, Paris, Amesterdão ou

Bruxelas. Na presente semana, teremos a segunda «mão» de Borussia-Manchester United, Fiorentina-Norrköping e Bilbao-Honved. Falta fixar as datas dos encontros Honved-Bilbao, Grasshoppers-Glovan e Bucarest-Sofia.

Entretanto, a União Europeia marcou para 27 deste mês o sorteio dos quartos de final.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F.E. PARTIU A LOÇA DAS... CALDAS!

— ANDARÁ O ATLÉTICO A PROCURA DA SEGUNDA DIVISÃO?!!!

— MAS, SENHOR, ARBITRO, EU NÃO TENHO A CULPA DE SER BOM!

— ISTO É MUITO PARA... UM CLUBE SÓ!

— O GRANDE REMÉDIO QUE O SELECIONADOR ARRANJOU PARA OS JOGADORES QUE ESTÃO CONSTIPADOS NOS DIAS DE TREINO DA SELECÇÃO.

— A C.F